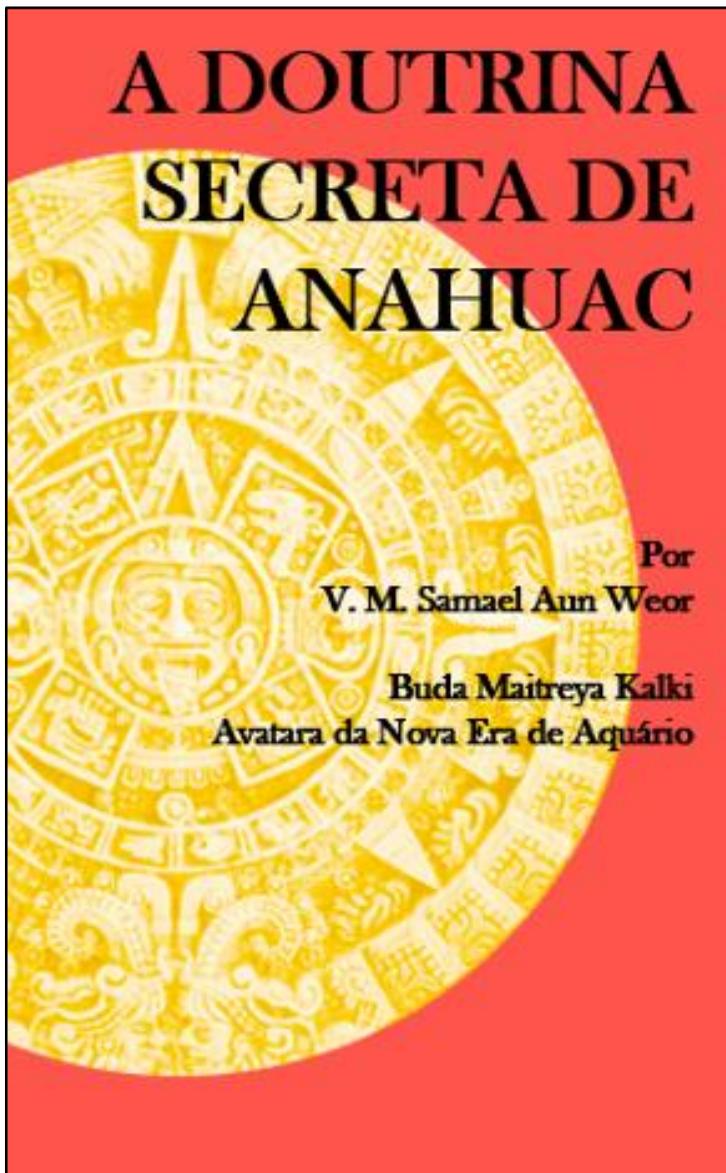


A DOCTRINA SECRETA DE ANAHUAC

Por
V. M. Samael Aun Weor

Buda Maitreya Kalki
Avatara da Nova Era de Aquário



Os enigmas da 4º Dimensão¹

¹ Também Anauac. Nome que se aplicava inicialmente ao vale do México, onde outrora existiam grandes lagoas, e que, depois, estendeu-se a toda meseta central mexicana. (N. da T)

Do original em Espanhol: "La Doctrina Secreta de Anhuac"

Tradução: Maria Heloiza Chaves Cappellato

Edição - Agosto / 2017

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	4
NOTA INAUGURAL DA TRADUTORA	6
CAPÍTULO 1 - AS SETE CAVERNAS CELESTES.....	8
CAPÍTULO 2 - O LÚCIFER NÁUATLE	18
CAPÍTULO 3 - LEVITAÇÕES MÍSTICAS	26
CAPÍTULO 4 - O DOUTOR FAUSTO	30
CAPÍTULO 5 - PROCEDIMENTOS JINAS.....	38
CAPÍTULO 6 – AZTLAN	42
CAPÍTULO 7 – ATLÂNTIDA	48
CAPÍTULO 8 - A SERPENTE SAGRADA.....	54
CAPÍTULO 9 - A CRUZ DE SANTO ANDRÉ.....	61
CAPÍTULO 10 - ANTROPOLOGIA GNÓSTICA	78
CAPÍTULO 11- MÉXICO-TENOCHTITLAN	89
CAPÍTULO 12 - O CATACLISMO FINAL	98
CAPÍTULO 13 - PARAÍSO E INFERNOS	110
CAPÍTULO 14 - O BINÁRIO SERPENTINO	119
CAPÍTULO 15 - OS ELEMENTAIS	125
EXORCISMO DO FOGO	135
EXORCISMO DO AR	136
EXORCISMO DA ÁGUA	137
EXORCISMO DA TERRA.....	138
CAPÍTULO 16 - OS SONHOS.....	140
CAPÍTULO 17 - DISCIPLINA DA YOGA DO SONHO.....	144
CAPÍTULO 18 - O SONHO TÁNTRICO	149
CAPÍTULO 19 - PRÁTICA DO RETORNO.....	151
CAPÍTULO 20 - AS QUATRO BEM-AVENTURANÇAS	153
CAPÍTULO 21 - O ANJO DA GUARDA	158
NOTA FINAL.....	163
MAGNIFICAT ANIMAN MEAN!.....	163

INTRODUÇÃO

Samael Aun Weor, psicólogo, alquimista e antropólogo, grande Mestre da Venerável Loja Branca, projetou-se internacionalmente como um dos maiores expoentes de todos os tempos no domínio do esoterismo, da espiritualidade e da ciência.

Esse grande escritor contemporâneo, conhecido e respeitado mundialmente, define a Gnosis como um processo natural da consciência uma “*Philosophia Perennis et Universalis*”, o conhecimento iluminado dos mistérios divinos.

Despida de todas as conotações sectárias, dogmáticas e maniqueístas, a autêntica Gnosis deve ser compreendida através de uma ótica revolucionária, fundamentada em elementos helenístico-orientais, que incluem as civilizações da Índia, Pérsia, Egito, China, Síria, Grécia e outras, sem ignorar contudo os princípios gnósticos perceptíveis nos sublimes cultos de astecas, maias, incas, toltecas, chibchas.

A extraordinária capacidade do autor na investigação dos arquivos e memórias da natureza, atributo dos Homens Solares, faz da Doutrina Secreta de Anahuac um tesouro incomensurável de portentosa sabedoria, preenchendo o imenso vazio sobre o conhecimento da cultura asteca.

Nesta obra prima do esoterismo Universal, Samael Aun Weor revela os segredos e as práticas realizadas pelos astecas nas Grandes Pirâmides e templos, bem como a extraordinária simbologia de sua arte: cada pirâmide, cada esfinge, cada estátua esculpidas na rocha para perpetuar a memória dos seus venerados Deuses, contém a marca de uma cultura superior que procura estabelecer a união do homem com as forças vivas da natureza.

Relata e desvela com precisão cristalina os fenômenos da quarta dimensão e do hiperespaço, e os fundamentos de uma nova física tetradimensional baseada na utilização da energia solar que possibilita a superação da barreira da luz.

Apesar dos avanços tecnológicos das últimas décadas, a física contemporânea é regressiva, primitiva e retardatária devido ao ceticismo materialista.

A conquista do espaço infinito será uma realidade concreta quando o homem dominar a energia solar, e isso só será possível à medida que ele acumular dentro de si mesmo através dos milenares segredos da

transmutação. Os grandes magos astecas, portadores dos sagrados mistérios da Kundalini, sabiam viajar com seu corpo físico dentro da quarta coordenada atravessando instantaneamente a barreira da velocidade da luz.

As naves cósmicas impulsionadas pela energia solar haverão de ser governadas como sempre o foram por homens autênticos, no sentido mais completo da palavra. Homens que dominam completamente suas glândulas sexuais, verdadeiros alquimistas que conhecem os mistérios serpentinicos do Amor Consciente.

Apesar do considerável atraso nesse campo, a ciência oficial começa a sair dessa letargia mediante pesquisas isoladas, dignas de serem mencionadas. Dentre elas, há que se destacar as investigações do cientista inglês John Mc Bay da Academia Britânica de Ciência, sobre o acelerador de táquions. Segundo Mc Bay, os táquions, partículas que orbitam em torno dos elétrons dos átomos, ao serem acelerados, podem desencadear um processo de desmaterialização, ou seja, a penetração no hiperespaço ou mundos paralelos.

No que concerne aos Universos Paralelos, o Mestre Samael Aun Weor relata alguns eventos extraordinários como o ocorrido em Coatepec, onde sessenta anciãos astecas, magos do poderoso Senhor Montezuma, atravessaram instantaneamente a barreira da velocidade da luz viajando pela quarta vertical até a ilha sagrada e eterna de Tulla. além dos mares do pólo norte, berço real da humanidade terrestre.

Os Enigmas da Quarta Dimensão ou a Doutrina Secreta de Anahuac é recomendada a todos aqueles investigadores dos Grandes Mistérios do Universo, àqueles que anseiam o conhecimento direto, àqueles que anelam receber, de forma objetiva, Os Grandes Segredos da Ciência Cósmica e se converterem em autênticos iniciados, àqueles que já não suportam mais o suplício das teorias contraditórias e ambíguas e que estão dispostos a desencadear uma grande transformação psicológica e a se unirem gloriosamente com a sua Divindade Interior.

Cláudio Carone

NOTA INAUGURAL DA TRADUTORA

Com a permissão do Editor, vimos dizer da satisfação em deixarmos a pena correr, sob as inspirações e iluminações do passado sempre presente, em português escrevendo os ensinamentos do Mestre Samael Aun Weor.

Tendo o México como principal lugar de assento geográfico e a língua espanhola como meio de comunicação e expressão, por certo o Mestre caracteriza situações e exemplos com coisas tipicamente mexicanas, sem repetência algures.

Por isso, valemo-nos para a tradução desta obra de dicionários especializados de mitologia, religiões, símbolos, espanhol, e da própria língua náuatle.

Encantadas com a progressão do trabalho, pensamos em acrescentar notas de rodapé para aclarar, ao leitor principiante, o significado de alguns termos. E aqui vale agradecer o esforço de dignos brasileiros que editaram em português as obras de H.P.B. e outras esotéricas, de cujas fontes bebemos essa parte complementar.

Desejamos do fundo do coração que a leitura possa abrir espírito e consciência para a recepção da Energia Maior que quer, em um ato de Amor transbordante, que a ela nos integremos para, cada qual com sua nota, compor a Música das Esferas.

Maria Heloiza Chaves Cappellato



CAPÍTULO 1 - AS SETE CAVERNAS CELESTES

Por amor à Grande Causa, convém iniciar este tratado com a transcrição de algo maravilhoso.

Quero referir-me com ênfase a um conto registrado por frei Diego Duran em sua notável obra “História do México”.²

Como não gosto de assenhorear-me dos escritos de outros autores, cada parágrafo extraído da obra citada está entre aspas.

“Narra essa História das índias da Nova Espanha e Ilhas de Terra Firme, de frei Diego Duran — grandioso livro escrito nos primórdios da colonização espanhola de tão vasto Império — que o imperador Montezuma³, na plenitude de suas riquezas e glória, acreditou ser pouco menos que um Deus. Os magos ou sacerdotes do reino, muito mais sábios e ricos do que ele, já que dominavam todos seus desejos inferiores, tiveram de dizer-lhe:”

“ — Ó nosso rei e senhor! Não te envaideças nem por nada nem por quantos obedecem a tuas ordens. Teus antepassados, os imperadores que crês mortos, superam-te no além, em seu próprio mundo, tanto como a luz do Sol supera a de qualquer pirilampo...”

“Então o imperador Montezuma, com mais curiosidade ainda que orgulhoso, determinou que fosse enviada uma pomposa embaixada carregada de presentes à terra de seus ancestrais, ou seja, à bem-aventurada Mansão do Amanhecer, mais além das sete cavernas de Pacaritambo, lugar que tinha a reputação de ser a origem do povo asteca e das quais suas velhas tradições fazem menção apologética. A dificuldade, contudo, estava em conseguir os meios e encontrar o verdadeiro caminho para chegar a salvo nessa região tão obscura e misteriosa, caminho este que, na realidade, ninguém mais parecia conhecer”.

² Vide o texto de Mario Roso de Luna em “El Libro que Mata a la Muerte o Libro de los Jinas”, pp. 133-143, cap. VIII, Editorial Eyra, Madri, Há uma versão brasileira deste livro, publicada pela Ed. Três, vol. 6 da Biblioteca Planeta, que é resumida, onde não consta a passagem transcrita, pois o referido trecho foi suprimido, conforme observa seu tradutor, Edmundo Cardillo. (N. da T.)

³ Em náuatle, da família lingüística uto-asteca do México, o nome Moteuhçoma aparece em várias traduções grafado sob diferentes formas como Motecuhzoma e Moc-tezuma. Adotamos o nome mais usado e conhecido, Montezuma. (N. da T.)

“Mandou então o imperador chamar seu ministro Tlacaelel e disse-lhe:”

Tens que saber, ó Tlacaelel, que mandei reunir uma tropa formada pelos meus mais heróicos chefes militares e enviá-los muito bem adornados e munidos com grande parte das riquezas que o Grande Huitzilopochtli⁴ obsequiou conceder-nos para sua glória, e fazer com que as depositem reverentemente a seus augustos pés. Como também temos notícias fidedignas de que a própria mãe de nosso Deus vive ainda, podia ser-lhe agradável também saber que estas nossas grandezas e aparatos foram ganhos por seus descendentes com seus braços e suas cabeças”.

“Tlacaelel respondeu:”

Poderoso Senhor. Ao falar tal como falastes, não se moveu, não, teu real peito por ânsias de mundanas pretensões, nem por determinações próprias de teu tão augusto coração, mas porque alguma excelsa deidade assim te inspira a empreender aventura tão inaudita como a que pretendes. Mas não debes ignorar, Senhor, que o que com tanta decisão determinastes, não é coisa de mera força, nem de destreza ou valentia, nem de aparato algum de guerra, nem de astuta política, senão coisa de bruxas e de encantadores, capazes de descobrir previamente com suas artes o caminho que conduzir-nos possa a semelhantes lugares. Porque hás de saber, ó poderoso príncipe, que, segundo contam nossas velhas histórias, tal caminho está cortado desde longo tempo, e a parte deste lado obliterada já com grandes estevais e brenhas povoados de monstros invencíveis, dunas e lagoas sem fundo, e espessíssimos carriçais e canaviais, onde perderá a vida qualquer um que semelhante empresa intente temerário. Busca, pois, Senhor, como remédio único contra tamanhos obstáculos, essas pessoas sábias que te digo, que elas, por suas artes mágicas, poderão talvez evitar todas essas dificuldades humanas, e irem até lá trazendo-te logo as novas que nos são necessárias sobre aquela região, da qual se diz por mui certo que quando nossos pais e avós a habitavam antes de virem em longa peregrinação até as

⁴ Ou Uitzilopochtli. Deus da guerra. Os mexicanos conservavam sempre sua imagem entre si. O ídolo tinha o pé esquerdo enfeitado de penas de colibri. Acreditava-se que havia sido um grande guerreiro, de alta estatura, dotado de força extraordinária, que destruíra cidades e usava vários disfarces.

Quando morreu, os mexicanos, que o haviam tido em elevada estima, renderam-lhe grandes honras e fizeram dele um deus. Várias vezes ao ano faziam-lhe festas e imolavam vítimas em um grande templo, sobre cujas ruínas, supõe-se, foi construída a catedral da cidade do México. (N. da T.)

lagoas do México, nas quais viram o milagre do nopal⁵ ou sarça ardente, era uma prodigiosíssima e aprazível mansão⁶, onde desfrutavam paz e descanso, onde todos eram felizes mais do que no mais maravilhoso dos sonhos, e onde viviam séculos e séculos sem ficarem velhos nem saberem o que eram doenças, fadigas nem dores, nem terem, enfim, nenhuma dessas escravizadoras necessidades físicas de que aqui padecemos, mas depois que de tal paraíso saíram nossos ancestrais para aqui virem, tudo se lhes tornou espinhos e abrolhos; as ervas picavam-nos; as pedras feriam-nos e as árvores do caminho tornaram-se-lhes duras, espinhosas e estéreis, tudo se conjurando contra eles para que não pudessem para lá retornar, e assim cumprissem sua missão neste nosso mundo”.

“Montezuma, ouvindo o bom conselho do sábio Tlacaelel, lembrou-se do historiador real Cuahucoatl — literalmente o “Dragão da Sabedoria”, nome imutável dos adeptos da Mão Direita ou Magos Brancos —, venerável ancião de que ninguém sabia dizer a idade, e imediatamente fez-se levar até ao seu retiro na montanha, dizendo-lhe, depois de o haver saudado com reverência:”

Meu Pai, nobilíssimo ancião e glória de teu povo: muito queria saber de ti, se te dignas dizer-me que lembranças guardas em tua santa ancianidade sobre a história das sete cavernas celestes onde habitam nossos veneráveis antepassados, e que lugar é aquele santo lugar onde mora nosso deus Huitzilopochtli e do qual até aqui vieram nossos antepassados”.

Poderoso Montezuma — respondeu solenemente o ancião —: o que este teu servidor sabe a respeito de tua pergunta é que nossos antepassados de fato moraram naquele feliz e indescritível lugar que chamaram Aztlan⁷, sinônimo de pureza ou brancura. Ali se conserva, porém, uma grande colina no meio da água, a que chamam de Culhua-can, que quer dizer colina tortuosa ou das Serpentes. Nela é onde estão as cavernas e onde, antes de para cá virem, habitaram nossos ancestrais por incontáveis anos. Lá, sob os nomes de Medjinas⁸ e Astecas, usufruíram considerável quietude, desfrutaram grande quantidade de patos de toda espécie, garças, corvos-marinhos, adens, galinhas-d’água, muitas e diferentes classes de belos

⁵ Do náuatle nopalli. Planta da família das cactáceas. Também conhecida por tunal. (N. da T.)

⁶ No sentido de morada, lugar. (N. da T.)

⁷ Lugar mitológico de onde partiu o povo que viria a ser o mexicano ou asteca. (N. da T.)

⁸ Ou mexi-tin, os mexicas. (N. da T.)

peixes, intenso frescor de arvoredos cheios de frutos e adornados de passarinhos de cabeças vermelhas e amarelas, fontes rodeadas de salgueiros, sabinas e enormes amieiros. Andavam aquelas pessoas em canoas, e faziam camalhões onde semeavam milho, pimenta, tomates, amaranto, feijões e demais espécies de sementes de plantas das que aqui comemos, e que elas trouxeram de lá, perdendo-se muitas outras. Mas, depois que de lá saíram para esta terra firme e perderam de vista tão deleitoso lugar, tudo, tudo voltou-se contra elas: as ervas feriam-nas; as pedras cortavam-nas; os campos estavam cheios de abrolhos e encontraram grandes estevais e espinheiros que não conseguiam atravessar, nem neles fixarem-se e descansarem. Ademais, encontraram tudo cheio de víboras, cobras e outros bichos peçonhentos; de tigres, leões e outros animais ferozes que lhes disputavam o território e tornavam-lhes impossível a vida. Isso é quanto deixaram contado nossos avoengos e isso é o que posso dizer-te com relação a nossas histórias, ó poderoso Senhor!”

“O rei respondeu ao ancião que tal era a verdade, porquanto Tlacaelel dava aquela mesma informação. Assim, pois, mandou prontamente seus enviados por todas as províncias do Império a fim de buscar e convocar quantos encantadores e feiticeiros pudessem encontrar. Foram, pois, trazidos à presença de Montezuma sessenta homens, todos velhos, conhecedores da arte da magia e, uma vez reunidos todos, disse-lhes o imperador:”

Pais e anciãos, decidi saber onde fica o lugar de onde saíram há tempos passados os mexicanos, e conhecer exatamente que terra é aquela, quem a habita, e se ainda é viva a mãe de nosso deus Huitzilopochtli. Por isso, aprestem-se para ir até lá da melhor forma que lhes seja possível e voltar logo para cá”.

“Mandou, além disso, separar grande quantidade de mantas de toda espécie; vestimentas luxuosas; ouro e jóias de grande valor; muito cacau, algodão, teonacaztli⁹, flores de baunilhas escuras e plumas de grande beleza; o que de mais precioso, enfim, havia em seu tesouro, e tudo entregou àqueles feiticeiros, dando-lhes também sua paga e muitos alimentos para a jornada, para que com o maior cuidado cumprissem sua empresa”.

⁹ Planta de linda flor amarela, muito cheirosa, usada para aromatizar a bebida de cacau. (N. da T.)

“Partiram, pois, os feiticeiros, e chegados a uma colina denominada Coatepec, que está em Tula, fizeram suas invocações e círculos mágicos, untando-se com aqueles unguentos que se usam em tais operações...”

“Uma vez naquele lugar, invocaram o Daemon¹⁰ — a seus respectivos Daemons familiares, dir-se-ia — e a quem suplicaram que lhes mostrasse o verdadeiro lugar em que seus antepassados viveram. O daemon, forçado por aqueles conjuros, transformou-os, uns em aves, outros em animais ferozes, leões, tigres, chacais e gatos espantosos, e levou-os e a tudo quanto traziam ao lugar habitado pelos antepassados”.

“Chegados assim a uma grande lagoa, no meio da qual estava a colina de Culhuacan, e postos já na margem, voltaram a assumir a forma de homens que antes tinham, e conta a história que vendo eles algumas pessoas que pescavam na outra margem, chamaram-nas. As pessoas do lugar, como vissem assim chegar pessoas novas que falavam sua mesma língua, aproximaram-se em canoas, perguntando-lhes de onde eram e a que vinham. Os feiticeiros então responderam:”

“— Nós, senhores, somos súditos do grande imperador Montezuma, do México, e vimos mandados por este para encontrar o lugar onde viveram nossos antepassados”.

“Então as pessoas do lugar perguntaram a que Deus adoravam, e os viajantes responderam:”

“— Adoramos o grande Huitzilopochtli, e tanto Montezuma como seu conselheiro Tlacaelel ordenaram-nos encontrar a mãe de Huitzilopochtli, chamada Coatlicue¹¹, moradora das cavernas de Chicomoztoc, pois para ela e para toda sua família trazemos ricos presentes”.

“Ato contínuo, mandaram que aguardassem e foram contar ao aio da mãe de Huitzilopochtli:”

¹⁰ Do grego daemon ou daimon. Esta palavra deve ser entendida no seu sentido antigo, significando deus, divindade, gênio (bom ou mau), destino ou fortuna. Não é o demônio ou diabo dos autores eclesiásticos. É conhecido o daemon de Sócrates. Usamos as palavras daemon e daemônico para restaurar ou ressuscitar esse sentido conhecido desde os antigos clássicos, embora os modernos dicionários não as incluam. Mas, quem conhece, sabe... (N. da T.)

¹¹ Deusa das flores. Também sacerdotisa consagrada ao culto de Huitzilopochtli. (N. da T.)

Venerável Senhor: umas pessoas estranhas aportaram nesta margem e dizem que são mexicanos e que para cá lhes enviam um grande senhor, de nome Montezuma, e um outro que chamam Tlacaelel, com ricos presentes”.

O ancião disse-lhes:”

Que sejam bem-vindos, e trazei-os aqui”. “Prontamente voltaram com suas canoas e, fazendo nelas entrar os viajantes, deram-lhes passagem até a colina de Cul-huacan, a qual dizem que é de uma areia muito miúda que os pés dos viajantes nela afundavam sem poder quase avançar. Chegando assim a duras penas até a casinha que o velho tinha ao pé da colina, estes saudaram o ancião com grandíssima reverência, e disseram-lhe:”

“— Venerável mestre, eis-nos aqui teus servos no lugar onde é obedecida tua palavra e reverenciado teu hábito protetor”.

“O velho, com grande amor, disse-lhes:”

“— Bem-vindos sejais, filhos meus. Quem é que vos manda aqui? Quem é Montezuma e quem é Tlacaelel Cuauhcoatl? Nunca aqui foram ouvidos tais nomes, pois os senhores desta terra chamam-se Tezacatetl, Acactli, Ocelopan, Ahatl, Xochimitl, Auxotl, Tenoch e Victon, e estes são sete varões, chefes de gente inumerável. Além deles, há quatro maravilhosos aios ou tutores do grande Huitzilopochtli, dois que se chamam Cuauhtloquetzqui e Axolona”.

“Os admirados viajantes falaram:”

Senhor, todos esses nomes soam-nos como de seres muito antigos, dos quais apenas nos resta memória em nossos ritos sagrados, porque faz já longos anos que todos eles foram olvidados ou mortos”.

“O velho, espantado de quanto ouvia, exclamou:”

Ó Senhor de todo o criado! Pois quem os matou se aqui estão vivos, porque aqui ninguém morre, mas vivem sempre. Quem são, pois, os que vivem agora? ”

“Os enviados, confusos, responderam:”

“— Não vivem, senhor, a não ser seus bisnetos e tataranetos, mui anciãos já todos eles. Um deles é-o grão sacerdote de Huitzilopochtli, chamado Cuauhcoatl”.

“O velho, não menos surpreendido que eles, clamou com poderosa voz:”

“— É possível que ainda não haja voltado para cá esse homem, quando, desde que daqui saiu para ir entre vós, o está esperando inconsolável, dia após dia, sua santa mãe?”

“Com isto o velho deu ordem de partida para o palácio real da colina. Os emissários, carregados com os presentes que haviam trazido, trataram de segui-lo, mas era-lhes impossível quase dar um só passo, ou antes, afundavam mais e mais na areia como se pisassem em um atoleiro. Como o bom ancião os avistasse em tal apuro e pesadume, vendo que não podiam caminhar, ao passo que ele o fazia com tal presteza que parecia quase não tocar o solo, perguntou-lhes amoroso:”

Que tendes, ó mexicanos, que tão tardos e pesados vos fazem? Para assim estar, que comeis em vossa terra?”

Senhor — responderam-lhe os coitados — lá comemos quantas carnes podemos dos animais que lá se criam e bebemos pulque —. Ao que o velho, cheio de compaixão, disse:” Essas comidas e bebidas, juntamente com vossas paixões ardentes, são as que assim vos fazem tão tardos e pesados. São elas que não vos permitem chegar a ver o lugar onde vivem vossos antepassados, e vos acarretam, enfim, uma morte prematura. Sabei, ademais, que todas essas riquezas que aí trazeis para nada nos servem aqui, onde somente nos rodeiam a pobreza e a simplicidade”.

“E isto dizendo, o ancião pegou com grande poder as cargas de todos que as traziam e com elas subiu pela encosta como se fossem uma pluma...”

O capítulo XXVII da citada obra de frei Duran comentada por Mario Roso de Luna — “aqui parafraseada, logo se estende” — diz Roso de Luna — “a um relato sobre o encontro dos embaixadores com a mãe de Huitzilopochtli, do qual extraímos o seguinte:”

“Chegados ao alto da colina, apareceu-lhes uma mulher de idade já avançada, tão suja e escura, que parecia coisa do inferno, e chorando amargamente disse aos mexicanos:”

“— Bem-vindos sejais, filhos meus, porque haveis de saber que depois que se foi vosso deus e meu filho Huitzilopochtli deste lugar, estou em pranto e tristeza esperando sua volta, e desde aquele dia não tenho lavado

o rosto, nem me penteado nem trocado de roupa, e este luto e esta tristeza durarão até que ele retorne”.

“Vendo os mensageiros uma mulher tão abominavelmente desleixada, cheios de temor disseram:”

Quem para aqui nos envia é teu servo, o rei Montezuma, e seu coadjutor, Tlacaoel Sivacoatl, e sabeis que ele não é o primeiro rei nosso, mas o quinto. Esses quatro reis, seus antecessores, passaram muita fome e pobreza e foram tributários de outras províncias, mas agora a cidade já está próspera e livre, e abriram-se caminhos por terra e mar, e é capital de todas as demais, e descobriram-se minas de ouro, prata e pedras preciosas, de tudo o que vos trazemos presentes”.

“Ela respondeu-lhes, já aplacado seu pranto:”

“— Eu vos agradeço todas as vossas notícias, mas pergunto-vos se são vivos os velhos aios (sacerdotes) que levaram daqui meu filho”.

“— Mortos estão, senhora, e nós não os conhecemos nem restam deles outra coisa que sua sombra e quase apagada memória”.

“Ela, então, voltando a chorar, perguntou-lhes:”

“— Quem foi que os matou, já que aqui todos seus companheiros estão vivos? — E logo acrescentou: — o que é isto que trouxestes para comer? Isso vos mantém entorpecidos e apegados à terra, e isso é a causa de não terdes podido subir até aqui”.

“E dando-lhes mensagem para seu filho, terminou dizendo aos visitantes:”

“— Comunicai a meu filho que já é cumprido o tempo de sua peregrinação, eis que instalou já sua gente e sujeitou tudo a seu serviço, e pela mesma ordem povos estranhos tirarão tudo de vós, e ele há de voltar a este nosso regaço uma vez que tenha cumprido lá em baixo sua missão”.

“E dando-lhes uma manta e uma tanga — cinto de castidade? — para seu filho, despediu-os”.

“Mas nem bem começaram os emissários a descer pela colina, tornou a chamá-los a anciã, dizendo-lhes:”

Esperai, que vereis como nesta terra nunca envelhecem os homens. Vede este meu velho aio? Pois enquanto descer até onde estais, vereis que moço chega”.

“O velho, com efeito, começou a descer e quanto mais descia mais moço ia se tornando, e nem bem começou a subir voltou a ser tão velho como antes, dizendo-lhes:”

Haveis de saber, filhos meus, que esta colina tem a virtude de tornar-nos da idade que queremos, conforme por ela subamos ou descamos. Vós não podeis compreender isto porque estais embrutecidos e degenerados com as comidas e bebidas, e com o luxo e as riquezas”.

“E para que não fossem sem recompensa do que haviam trazido, fez-lhes trazer todo gênero de aves marinhas que naquela lagoa se criavam, todo gênero de peixes, legumes e rosas, mantas de fio de pita¹² e tangas, uma para Montezuma e outra para Tlacaelel”.

“Os emissários, enlameados como na ida, voltaram a encontrar os mesmos animais ferozes que antes para poder atravessar a região intermediária, regressaram à colina de Coatepec e assumindo ali sua figura racional, caminharam até a corte, não sem notar que dentre eles faltavam vinte pelo menos, porque o daemon, sem dúvida, os dizimara em paga por seu trabalho, por haver andado mais de trezentas léguas em oito dias e ainda mais rápido os teria podido trazer como *Samael Aun Weor* aquele outro a quem trouxe em três dias desde a Guatemala, pelo desejo que tinha certa dama velha de ver o formoso rosto dele, conforme está relatado no primeiro auto-de-fé que no México executou a Santa Inquisição..”.

“Maravilhado ficou Montezuma de tudo aquilo e, chamando Tlacaelel, ambos ponderaram a grande fertilidade daquela santa terra de seus ancestrais; o frescor de seus arvoredos; a abundância sem igual de tudo, pois que todas as sementeiras produziam na época certa, e enquanto umas amadureciam, outras cresciam, outras estavam verdes e outras ainda nasciam, pelo que jamais podia conhecer-se ali a miséria. Ao recordar isso de tal terra de felicidade, rei e ministro começaram a chorar mui amargamente, sentindo a nostalgia dela e a ânsia sem limites de algum dia voltarem a habitá-la, uma vez cumprida aqui em baixo sua humana missão”.

¹² Fios da folha da piteira, da família das agaviáceas, de origem mexicana. (N. da T.)

Aqui termina a inefável narração de frei Diego Duran, transcrita por Mario Roso de Luna, o insigne escritor teosófico.

CAPÍTULO 2 - O LÚCIFER NÁUATLE

Falemos agora um pouco, mas com grande prudência, sobre o Divino Daemon de Sócrates, o famoso Lúcifer¹³ da catedral de Notre Dame (Nossa Senhora) de Paris, o mesmíssimo Xolotl¹⁴ náuatle que, na mágica colina de Coatepec existente em Tuia, acudiu mais veloz que o vento à invocação mágica dos sessenta anciãos. Essa extraordinária e fascinante Tuia que, na verdade, não é senão a Tule escandinava de que nos falaram os versos de ouro do grande Sêneca, os confins deste mundo, por assim dizer.

Xolotl, a sombra vivente de Quetzalcoatl¹⁵, Lúcifer-Prometeu¹⁶, é o portador da luz, a estrela da manhã, o símbolo vivente de nossa pedra angular, a pedra filosofal, na qual está a chave de todos os poderes.

Lúcifer-Xolotl, tomando às vezes o aspecto do macho caprino de Mendez, simboliza a potência sexual.

Moisés, ao voltar do Sinai, onde encontrara Javé, ostenta na frente dois raios luminosos na forma dos cornos do macho caprino, o que nos indica que havia trabalhado com a energia sexual.

Escrito está e com letras hebraicas que a Arca da Aliança levava em seus quatro cantos os cornos de um macho caprino.

Isaías, o Profeta, por sua vez, escreve (14:12 a 15):

“Como caíste do céu, ó Lúcifer, filho da aurora! Como foste lançado à Terra, dominador das nações! Tu, que dizias em teu coração: ‘subirei até ao céu, acima das estrelas de Deus colocarei meu trono; estabelecer-me-ei

¹³ O planeta Vênus, considerado como a brilhante “Estrela da Manhã”. (N. da T.)

¹⁴ Deus da cabeça de cão, por vezes um disfarce do grande Quetzalcoatl. Assim baixou ao centro da Terra, a Mictlan, o inferno, onde recolheu as ossadas secas dos mortos de muitas gerações para com elas criar novos homens e povoar o México asteca. (N. da T.)

¹⁵ “Serpente-quetzal, ou “serpente de plumas”, ou ainda “gêmeo precioso”, sendo que esta interpretação é válida apenas quando relaciona o deus asteca a Vênus, estrela da manhã que, nascendo ao leste, desaparece a meio do céu e reaparece, ao **fim** do dia, como a estrela da tarde. Atravessando o universo visível e compreensível **ao homem**, era o símbolo da morte e da ressurreição, a prova de que os deuses **existiam**. Nessas aparições, propõe a idéia das estrelas gêmeas favorecendo os homens, **cada uma em seu tempo** e lugar. Quetzalcoatl difere do comum dos trágicos deuses **astecas**. **Aportando** a Tuia, fundou ali um reino de justiça, amor e prosperidade, **ensinando aos bárbaros** da região as artes, ciências e leis dos deuses. Proibiu os **sacrifícios humanos**, **no** que foi único entre os deuses, terminando, com tantas boas obras, **por irritar os Gênios** maléficos. Realizou muitos prodígios, alguns deles sob o nome **de Xolotl**. (N. da T.)

¹⁶ **O Logos grego**; aquele que, trazendo para a Terra o fogo divino (a inteligência, a **consciência**), dotou os homens de razão e entendimento. (N. da T.)

no monte santo, nas profundezas do Aquilão¹⁷. Subirei acima das nuvens, tornar-me-ei igual ao Altíssimo.’ E, contudo, foste precipitado ao Xeol¹⁸, nas profundezas do abismo”.

Os Padres da Igreja: Simeão, Pacômio, Eulógio, Antonio, viam cada qual seu Lúcifer particular (pois cada pessoa tem o seu) sob o aspecto de alguma arrebatadora donzela ou de algum terrível varão de cornos reluzentes ou de um menino com túnica negra.

Ouçamos o maravilhoso canto de Ezequiel (28: 12,16) ao belo daemon Lúcifer-Xolotl:

“Tu eras o modelo da perfeição, cheio de sabedoria e de beleza perfeita. Habitavas o Éden, no jardim de Deus. Engalanavas-te com toda sorte de pedras preciosas: o rubi, o topázio, o diamante, o crisólito, o ônix, a água-marinha, a safira, a granada, a esmeralda e o ouro te cobriam”.

“Pelo teu comércio intenso te encheste de violência, e pecaste e te arrojéi do monte santo e te expulsei dentre os filhos de Deus. Fiz-te perecer, ó querubim protetor”.

Laurette Sejourne, em sua obra “O Universo de Quetzalcoatl”, diz: “No monte Alban, este personagem desperta uma verdadeira aflição: a entidade despida, com as extremidades contraídas, a boca felina e uma atitude dinâmica que distingue os começos desta cidade, não podem representar mais que a Xolotl (Lúcifer). Sua associação com o tigre, o fogo, cujas chamas substituem às vezes os órgãos genitais e o movimento de queda são provas suficientes”.

Xolotl-Lúcifer-Prometeu é declaradamente o duplo de Quetzalcoatl, o príncipe da luz e das trevas e tem poder absoluto sobre os céus, a terra e os infernos.

O Divino Daemon é, fora de dúvida, o reflexo de Deus dentro de nós mesmos aqui e agora, e pode conferir-nos o poder, a sabedoria e a igualdade divina. “Eritris sicut Dei” — “Sereis como Deuses”.

A Pedra Filosofal (Lúcifer-Xolotl) subjaz na essência mesma de nossos órgãos sexuais e tem que reconciliar os contrários e os irmãos inimigos. “Coincidentia oppositorum” — “Sereis como Deuses”.

¹⁷ **A região boreal;** o Norte. (N. da T.)

¹⁸ **Ou Sheol,** o mais profundo abismo. (N. da T.)

O Fogo Vivente e Filosofal dos velhos alquimistas medievais jaz latente no fundo de nosso sistema seminal e somente aguarda em estado de mística vigilância o instante de ser despertado: “INRI: Ignis Natura Renovatur Integram. O Fogo Renova Incessantemente a Natureza. In Necis Renascor In- teger. Na morte, renascer intato e puro..”.

São Tomás diz: “O mais alto, o mais perfeito dos anjos, o anjo preferido de Deus”.

Dante escreve: “Mais nobre que qualquer criatura, e a soma de todas as criaturas”.

Com certeza, Xolotl-Lúcifer não é de modo algum um agente estranho fora de nossa psique; muito pelo contrário, é certamente a sombra de nosso Ser Divino dentro de nossa “Essência Íntima Particular”.

Escrito está e com palavras de ouro no livro da vida que na garra da pata dianteira do Lúcifer náuatle resplandecem gloriosamente certos signos áureos terrivelmente Divinos.

São inúteis o alarma, o ataque e o alvoroço feitos por certas confrarias que propagam aqui, ali e acolá néscias mentiras infamantes contra o “Chnoufis¹⁹ Solar Gnóstico”, o “Cristo Agathodaemon”²⁰, a “Serpente do Gênese”, o “Lúcifer náuatle”, o “Resplandecente Dragão da Sabedoria”.

Xolotl-Lúcifer é malvisto e malquisto por aqueles ignorantes modelos de sabedoria que, repudiando o espírito que vivifica, têm interpretado pela letra que mata a alegoria da guerra nos céus e a luta de Miguel contra o Dragão, sem compreender seu profundo significado.

Essa cruzada, essa contenda celeste que, evidentemente, deve se processar no fundo vivo de nossa própria consciência, é luta heróica contra as paixões animais que carregamos dentro de nós, personificadas no “Mim mesmo”, no “Si mesmo”.

É claro que o nosso real Ser Interior profundo tem de matar ou fracassar. No primeiro caso, é evidente que se converte no matador do

¹⁹ Ou Chnouphis em grego e Nouf em egípcio. É outro aspecto de Ammon e a personificação de seu poder gerador em ato. É a parte masculina e feminina da Natureza e um símbolo da força criadora. Tem vários nomes tais como: Noum, Khem, Khnum ou Chnoumis. Nos últimos tempos foi denominado Jnumis ou Jnoubis, ocupando lugar importante entre os nomes mágicos tão empregados pelos gnósticos. (N. da T.)

²⁰ Representa o Demiurgo ou Logos do ponto de vista material ou inferior da Alma do Mundo, simbolizado, algumas vezes, por uma serpente. (N. da T.)

Dragão, pelo fato mesmo de ter saído vitorioso em todas as tentações por aquele colocadas.

Xolotl-Lúcifer como preceptor, educador, mentor, resulta certamente insólito, inusitado, extraordinário...

Há, na tentação luciferina, didática inimitável, pedagogia portentosa, atração que assombra, incentivo inconfundível, instigação oculta com propósitos divinos secretos, sedução, fascinação...

Disso tudo podemos inferir que, dentro de nossas profundas intimidades, podemos e devemos lutar contra o Dragão e suas hostes tenebrosas (os defeitos psicológicos), se é que, de verdade, queremos nos converter em “Filhos da Sabedoria” e em “Deuses Imortais”.

Na terra sagrada dos Vedas, Indra, o fulgurante Deus do firmamento, mata Vritra ou Ahi, o Daemonio-Serpente — Lúcifer-Xolotl —, por cuja proeza é Vritrahama... o “Destruidor de Vritra”, motivo por que se lhe dá o epíteto de Jishnu, “Chefe da Hoste Celestial”.

A Cruz é um símbolo muito antigo, usado desde os primórdios em todas as religiões, em todos os povos, e laboraria em erro quem a considerasse como um símbolo exclusivo dessa ou daquela seita religiosa; quando os conquistadores espanhóis chegaram à terra santa dos astecas, encontraram a cruz sobre os altares.

No plano dos grandes edifícios religiosos da Idade Média, vemos, com a adição de uma abside semicircular ou elíptica unida ao coro, a forma do signo hierático egípcio da Cruz Ansata²¹, que se lê Ank e designa a vida universal oculta em todas as coisas.

Por outro lado, o equivalente hermético do signo Ank é o símbolo de Vênus ou Cuprina-Lúcifer, o cobre, bronze ou latão.

“Branqueie o latão e queime teus livros”, repetem-nos incessantemente os melhores autores da alquimia medieval. É claro que essa

²¹ É a cruz com asa  e foi símbolo da imortalidade. A asa ou ansa tem um duplo significado. Como um dos atributos de Ísis, era o círculo do mundo. Como símbolo da lei sobre o peito de uma múmia, era o da imortalidade, de uma eternidade sem princípio nem fim, a que desce sobre o plano da natureza material e o ultrapassa, a linha horizontal feminina sobrepujando a linha vertical feminina; o princípio fecundante da Natureza ou Espírito. (N. da T.)

expressão, dito ou oração, quando traduzida sabiamente, significa “Magia Sexual”, “Castidade Científica”, “Morte Radical do Ego Animal”.

Quetzalcoatl, ressuscitado depois de haver “branqueado o latão”, converte-se em luzeiro da manhã.

O Apocalipse de São João (2:26,27,28,29) diz:

“Ao que vencer e guardar minhas obras até ao fim, conceder-lhe-ei autoridade sobre as nações. E as regerá com cetro de ferro, e serão quebradas como vaso de argila, como eu também recebi de meu pai. E lhe darei a estrela da manhã. Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às Igrejas”.

Bel e o Dragão, Quetzalcoatl e Xolotl, Apoio e Pítón, Krishna e Kâliya, Osíris e Tífon, Miguel e o Dragão Vermelho, São Jorge e seu Dragão, são sempre os Logoi particulares divinos em cada um de nós e seu duplo projetado em nossa psique para o nosso bem.

É necessário afirmar categoricamente e com plena lucidez que matar o Dragão Vênus-Lúcifer-Xolotl equivale a converter-nos em filhos do mesmo, isto é, a receber a estrela da manhã. Os dragões foram tidos em toda a antiguidade como símbolos da eternidade e da sabedoria. Os Hierofantes do Egito, da Babilônia e da Índia davam-se geralmente o nome de “Filhos do Dragão e de Serpentes”, corroborando assim os ensinamentos do Gnosticismo Universal.

Xolotl, a sombra ou duplo do Cristo Asteca Quetzalcoatl, precipitando-se do empíreo até nossos próprios infernos atômicos, manifesta-se extraordinário, maravilhoso. Xolotl significa ora cão ora gêmeo. Cabe lembrar neste capítulo que o padre Sahagun afirma que o cão é o símbolo do fogo de origem celeste.

O “Fogo Sexual”, o cão, o instinto erótico, o Lúcifer náuatle, é aquele agente extraordinário e maravilhoso que nos pode transformar radicalmente.

O cão guia o cavaleiro, conduzindo-o pelo caminho estreito que vai das trevas à luz, da morte à imortalidade.

É urgente tirar, da morada de Plutão, Xolotl-Cérbero²², prodígio de terror que, com seus latidos, suas três enormes cabeças chatas e seu pescoço rodeado de serpentes enche de espanto todos os mortos.

²² Monstro canino de três cabeças que, segundo a crença, vigiava o umbral do Hades, e que passou do Egito para a Grécia e Roma. (N. da T.)

Xolotl-Cérbero Tricípite puxa a correia de seu amo, levando-o seguro pelo caminho escarpado que conduz à liberação final.

Xolotl-Lúcifer, como arquétipo do penitente e com o cinto de castidade, convertido em anacoreta, ilumina as trevas e aclara todo o esoterismo cristão.

Xolotl-Lúcifer, de posse dos restos que terá de ressuscitar, indica-nos a necessidade de morrer para ser.

É imprescindível cogitar, discorrer, meditar sobre este ponto: evidentemente a morte do “Mim Mesmo” é requisito indispensável para a ressurreição esotérica que há de se realizar aqui e agora, mediante a Alquimia Sexual.

São Paulo, em sua primeira epístola aos Coríntios (15:53, 54, 55), diz:

“Porque é necessário que este ser corruptível revista a incorruptibilidade e que este ser mortal revista a imortalidade E quando este ser corruptível tiver revestido a incorruptibilidade e este ser mortal tiver revestido a imortalidade, então cumprir-se-á a palavra da Escritura: A morte foi absorvida na vitória. Morte, onde está a tua vitória? Morte, onde está o teu aguilhão?”

A didática excitante e sedutora de Xolotl-Lúcifer, inteligentemente aproveitada, toma possível a ressurreição mágica.

A tentação é fogo e o triunfo sobre a tentação é luz. Eliminar os elementos indesejáveis que carregamos dentro de nós é urgente, impreterível, impostergável.

É indispensável, imperioso e urgente discriminar, especificar e discernir concretamente certos valores simbólicos. Quero referir-me especificamente ao tigre e ao cão. É evidente que este Xolotl-Lúcifer, impregnado do hieróglifo solar, que se encontra na raiz de nosso sistema seminal, assume o papel maravilhoso do cão Cérbero, citado por Dante na Divina Comédia.

O tigre é diferente como sabem os “Cavaleiros Tigres”, esses Jaguares do Movimento Gnóstico que, quais felinos da Psicologia Revolucionária, lançaram-se contra si mesmos, contra seus próprios defeitos psicológicos...

Mas, está claro que o cão e o tigre se encontram associados esotericamente no mesmo trabalho. A humanização do tigre na arte asteca é algo que deixa assombrado todo místico. De modo algum seria possível extirpar nossos agregados psíquicos, esses defeitos íntimos que em seu conjunto constituem o EU, sem o auxílio dessa partícula divina ou Mônada interior evocada pela acha, signo do raio, que o “homem tigre” assume com inteira clareza. Escrito está com total nitidez no livro da vida: “Quem quer subir deve primeiro descer”. “Toda exaltação é precedida da humilhação”.

A descida à Nona Esfera, desde os tempos mais remotos, foi sempre a prova máxima para a suprema dignidade do Hierofante. Jesus, Buddha, Hermes, Quetzalcoatl, tiveram de passar por essa terrível prova.

Para ali descem Marte para retemperar a espada e conquistar o coração de Vênus, Hércules para limpar os estábulos de Áugias, e Perseu para cortar a cabeça da medusa...

Quetzalcoatl e seu Duplo, nas profundezas terrestres, no Inferno de Dante, na terrível morada de Plutão, deve morrer totalmente se quiser ressuscitar dentre os mortos.

E é Dante quem ainda fala:

“No meio daquele antro um enorme olmo estende seus ramos seculares; neles moram os sonhos vãos da humanidade doentia, grudados como insetos a suas folhas”.

“Ali vagueiam os centauros; Briareu, o gigante de cem braços; a Hidra de Lema, que Hércules matou cortando suas sete cabeças; a Quimera, monstro com corpo de cabra; as Górgonas, as Harpias e a Sombra de três corpos”.

“Espantosa é a via que conduz ao Tártaro pelas águas do Aqueronte; redemoinhos de lodo e água turva”.

“Um horrível barqueiro, de cãs eriçadas, olhos chispantes como brasas e longa barba descuidada, manobra a barca que leva as almas para o outro lado”.

“Uma multidão atormentada e diversa agrupa-se na margem esperando que o barqueiro a traslade. Porém ele escolhe a seu bei prazer: ora esse ora aquele e há quem espera em vão e suplica, mas tudo é inútil”.

“Estas são as almas dos que não receberam sepultura, que se desesperam durante muito tempo até que uma mão piedosa, lá na terra, recolhe seus corpos e encerra na urna suas cinzas”.

“Então a morada de Plutão se abre e as almas entram para seu triste repouso, privadas de luz, sombras do que foram”.

CAPÍTULO 3 - LEVITAÇÕES MÍSTICAS

Não resta dúvida de que a quarta coordenada equivale ao Hiperespaço da Hipergeometria, mediante a qual é possível realizar atos sobrenaturais como o desaparecimento ou o aparecimento de um corpo no espaço tridimensional de Euclides, ou a saída de um objeto qualquer de dentro de uma caixa hermeticamente fechada.

Já foi demonstrado que, quando um elétron e um pósitron se aniquilam para liberar energia, surgem dois grãosinhos de luz ou, mais exatamente, dois raios gama.

As experiências que constataram o realismo nu e cru deste fenômeno provaram em sequência a existência da Quarta Dimensão.

É inegável que os diversos fenômenos de levitação autêntica sempre foram possíveis mediante o agente extraordinário da Quarta Vertical.

Também se faz necessário afirmar simples e decididamente que a levitação mística é uma elevação inusitada do corpo físico acima do solo.

Como há muitas pessoas que ignoram os princípios desta questão, convém citar vários ascetas que levitaram em público.

Comecemos com Santo Estevão, rei de Hungria, ilustre senhor medieval, falecido em 1083, que flutuou no espaço uma noite, enquanto orava em sua tenda.

Continuemos com São Dunstan, arcebispo de Canterbury, preclaro varão de Deus, que exatamente no dia da Ascensão, 17 de maio de 988, elevou-se milagrosamente até a majestosa abóbada da catedral.

Seguem-se outros insignes cenobitas e senhoras de reconhecida santidade: São Ladislau da Hungria (1041-1095), famoso anacoreta, que em histórica noite flutuou sobre o solo quando rezava no afamado mosteiro de Warasdin. Santa Cristina, a Admirável (1150-1224), excelsa mística, que já tendo sido dada por morta elevou-se suavemente até a abóbada da igreja em pleno serviço fúnebre. Santa Isabel da Hungria, nobre dama; São Edmundo; Santa Ludgarda, famosa devota; o beato Guilles de Santarém; a misteriosa Margarida da Hungria; a espiritual Santa Dulcelina; o preclaro São Tomás de Aquino, famoso Senhor da Sabedoria; Santa Agnes da Boêmia e muitos outros que, mergulhados na quarta dimensão, levitavam durante o êxtase. Ascensões extraordinárias, voos mágicos, rápidas saídas na vertical;

suspensões, elevações, passagens, transportes, circuitos aéreos a grande altura, êxtase, júbilo e arrebatamento.

Narra a história dos séculos e isto o sabem os divinos e os humanos que, quando nosso irmão Francisco de Assis (1186- 1226) chegou ao ocaso de sua vida, multiplicaram-se seus êxtases no monte Averno. Seu discípulo muito querido, o irmão Leão, que ditoso levava-lhe alimentos, encontrava-o sempre em estado de êxtase, fora de sua gruta, levitando a boa altura sobre a terra perfumada. Às vezes chegava até as faias, desaparecia de vista, entrava na quarta vertical.

Continuando esse assunto místico-científico, é preciso citar também Santa Catalina de Ricci (1522-1589), a mui célebre estigmatizada priora de Prato, que, quando entrava em êxtase, permanecia suspensa no meio ambiente circundante.

Muitos outros penitentes, cenobitas, como São Francisco de Paula, São Francisco de Alcântara, São Tomás de Vilanova, São Francisco Xavier, etc., desprendiam-se do solo em seus êxtases e mantinham-se no ar, perante o assombro extraordinário da consciência pública.

Casos famosos e extraordinários, por serem declaradamente insólitos e inusitados, foram os dessa mística chamada Teresa de Ávila (1515-1582), descritos por ela mesma com riqueza de detalhes. Explicava dialeticamente como o mágico poder infável a absorvia dentro da dimensão desconhecida enquanto orava; então flutuava ante as atônitas freiras... E, num dia, levitou tão alto do chão que não lhe puderam dar a hóstia.

As levitações de Santa Teresa de Ávila e de São João da Cruz no carmelito de Ávila causaram estupefação, assombro geral; podia-se ver no espaço os dois místicos em estado de êxtase.

Dizem que aquele monge azul, outrora conhecido pelo nome de José de Cupertino, elevou-se no ar setenta vezes; tal feito mágico aconteceu depois de 1650, motivo pelo qual foi canonizado.

Toda vez que esse eremita de rosto sereno se desprendia da dura terra, soltava um grito. Interrogado pelo cardeal de Lauria sobre esse estranho e misterioso grito no exato momento do vôo, o santo respondeu esotericamente: “A pólvora, quando se inflama no arcabuz, estoura com grande ruído; assim faz o coração quando envolto pelo amor divino. Amém!”

Examinando velhos manuscritos com o empenho de um sacerdote na cela, encontramos na terra sagrada dos Védas a frase segundo a qual aquele que meditar no centro do coração, logrará controle sobre o Tattva²³ Vâyu (princípio etérico do ar) e alcançará também os Siddhis²⁴ ou poderes dos santos (Bhushari, Kechari, Kâya e tantos outros). (Flutuar no ar, pôr seu espírito dentro do corpo de outra pessoa, etc.) Atingirá o Amor Cósmico e todas as qualidades táttvicas divinas.

O desenvolvimento substancial do coração tranquilo é inadiável quando se trata de aprender a ciência dos Jinas²⁵, a doutrina da levitação.

Seria incongruente, incoerente com o “Tertium Organum” ou terceiro cânone do pensamento intentar a capacidade dos jinas sem antes haver reproduzido e fortalecido os místicos poderes dos santos no coração tranquilo.

Nunca pretendemos proibir as práticas esotéricas de levitação mágica. De modo algum, nossa intenção é atrapalhar e frustrar. Apenas nos propomos a sugerir o “Sacrificius Intellectus” (Sacrifício do Intelecto) se é que, de verdade, desejamos o desenvolvimento harmonioso dos Fogos do Coração.

A mente que teoriza e especula se expande, se estende e se desenvolve à custa das energias do coração, o que é lamentável. A celebração intelectual, mecanicista, suga e vampiriza, sem misericórdia, os poderes vitais do coração.

Ao longo de muitos anos de constante observação, estudo e experiência, pudemos verificar plenamente que o indivíduo pseudo-esoterista ou pseudo-ocultista, auto-encerrado dentro de sua cápsula racionante e intelectual é, de fato, no terreno da levitação prática, um autêntico fracasso.

Devemos imitar José de Cupertino em suas orações e êxtases para que o coração, enlaçado pelo Amor Divino desenvolva-se harmoniosamente,

²³ Do sânscrito Tattwa ou Tatwa. Os diferentes princípios da Natureza, em seu significado oculto. (N. da T.)

²⁴ Também do sânscrito. Literalmente: atributos de perfeição; poderes fenomenais que, graças à sua santidade, os yogis adquirem. (N. da T.)

²⁵ Do árabe Yins ou Jins. Ordem de seres bons e maus, que tomavam a forma de animais, gigantes, etc. Em algumas traduções, dá-se a esses seres o nome de “gênios”. (N. da T.)

capacitando-nos a penetrar conscientemente com o corpo físico na Quarta Vertical, mais além do espaço tridimensional de Euclides.

É evidente que aqueles sessenta anciãos astecas que na colina de Coatepec fizeram suas operações e círculos mágicos para logo desaparecerem na quarta coordenada, tinham antes, cada qual, desenvolvido os fogos maravilhosos do coração. O relato daquela viagem misteriosa pela dimensão desconhecida é bizarro, insólito e inusitado. No “Universo paralelo” da “Quarta Dimensão” seguramente qualquer metamorfose é possível.

O Lúcifer náuatle, forçado por aqueles conjuros, transformou os sessenta anciãos de Montezuma em aves, animais ferozes, leões, tigres, chacais e gatos espantosos.

Portanto, não é mera fanfarrice, troça ou diversão livresca o relato consignado por frei Diego Duran em sua notável “História do México”.

Se investigarmos a história dos jinas, acharemos Milarepa, no Tibete oriental, venerabilíssimo e chohânico²⁶ Mestre, célebre tahar²⁷, que sabia levitar na quarta dimensão como qualquer um dos sessenta anciãos de Montezuma. Adepto perfeito de faculdades mágicas, teve a graça de poder atravessar e visitar incontáveis paraísos sagrados e céus dos Buddhas de Compaixão. Pela virtude de seus atos onixtantes e de sua devoção extraordinária, os deuses que regem esses ditosos lugares favoreceram-no, permitindo-lhe expressar-se sobre o Dharma²⁸.

Jesus, o Grande Cabir²⁹, submerso com o corpo físico dentro da quarta vertical, caminhou sobre as águas do mar, e isto o sabem os divinos e os humanos. Felipe, o apóstolo do Divino Rabi da Galileia, é evidentemente o santo patrono dos estados jinas.

²⁶ Do tibetano Chohan, que significa “senhor”, chefe. (N. da T.)

²⁷ Tahar, neste caso, palavra palíndroma (frase ou termo que lido da esquerda para a direita ou da direita para a esquerda tem o mesmo sentido) de Rahat, uma das formas sânscritas de Arahata, Arhan, Arhat, etc. Este nome foi dado primeiramente aos santos budistas iniciados nos mistérios esotéricos.) (N. da T.)

²⁸ Palavra sânscrita que significa a Lei sagrada; o Cânone búdico. (N. da T.)

²⁹ A palavra fenícia Kabir é derivada do hebraico Habir, grande, e também Kahar, um dos nomes de Vênus. Os Cabires são os Espíritos Planetários mais elevados, os maiores deuses e “os poderosos”. (N. da T.)

CAPÍTULO 4 - O DOUTOR FAUSTO

O verdadeiro Lúcifer da Doutrina Arcaica é, por antítese, edificante e essencialmente dignificante, justamente o contrário do que supõem os teólogos como Des Mousseaux e o Marquês de Mirville. É, pois, a alegoria da retidão, o símbolo extraordinário e maravilhoso do mais alto sacrifício (Christus- Lúcifer dos Gnósticos) e o Deus de Sabedoria sob diversos nomes.

Xolotl-Lúcifer-Prometeu é um com o Logos³⁰ platônico, o Ministro do Demiurgo³¹ Criador e Senhor resplandecente das sete mansões do Hades³², Sabbath³³ e do mundo manifestado, a quem estão encomendadas a Espada e a Balança da Justiça Cósmica, a lei do peso, da medida e do número; o Hórus³⁴, o Brahmâ³⁵, o Ahura-Mazda³⁶, etc., sempre inefável.

³⁰ Palavra grega que significa a Divindade manifestada em cada nação e povo; k expressão exterior ou o efeito da Causa que permanece sempre oculta ou não manifestada. Segundo A. Besant, saído das profundezas da Existência Una, do inconcebível e inefável Um, um Logos, impondo-se um limite, circunscrevendo voluntariamente a extensão de seu próprio Ser, torna-se o Deus manifestado e, ao traçar os limites de sua esfera de ação, determina também a área de seu Universo. Dentro de tal esfera nasce, evolui e morre este Universo, que no Logos vive, move-se e tem seu ser. A matéria do Universo é a emanação do Logos e suas forças e energia são as correntes de vida. O Logos é imanente em cada átomo, é onipenetrante; tudo o sustenta, tudo o desenvolve. É o princípio ou origem e o fim do Universo, sua causa e objeto, seu centro e circunferência. Está em todas as coisas e todas estão nele. O Logos solta-se de si mesmo, manifestando-se em sua forma tríplice: o Primeiro Logos, raiz ou origem do Ser; dele procede o Segundo Logos, manifestando os dois aspectos de vida e forma, a primitiva dualidade, que constitui os dois pólos da Natureza, entre os quais se há de tecer a trama do Universo: Vida-forma, Espírito-matéria, positivo-negativo; por último, o Terceiro Logos, no qual existe o arquétipo de todas as coisas, (N. da T.)

³¹ Ou Artífice. O supremo poder que construiu o Universo. Entre os ocultistas, é o terceiro Logos. (N. da T.)

³² O “invisível”, isto é, o reino das sombras, onde uma das regiões é o Tártaro, local de escuridão completa, semelhante à região do sono profundo sem sonhos do Amenti egípcio. A julgar pela descrição alegórica dos vários castigos ali inflingidos, tal lugar era meramente cármico. (N. da T.)

³³ Ou Shabath, do hebraico. Celebra a criação do mundo por Deus. (N. da T.)

³⁴ Palavra egípcia. Por ele é julgado o mundo naquilo que contém. Governa todos os seres humanos. Produz a abundância e a distribui por toda a Terra. Apresenta as almas a seu pai, o Juiz, pois seu papel no mundo inferior está relacionado com o Juízo. (N. da T.)

³⁵ **Do sânscrito.** Deus do Princípio criador do Universo, a personificação temporal **do poder criador.** Não o confundir com Brahma ou Brahman, incognoscível Princípio **do Universo.** (N. da T.)

³⁶ Do zende, língua derivada do antigo persa, que significa a Divindade personificada, o Princípio da Divina Luz Universal dos perses. (N. da T.)

Lúcifer-Xolotl, o Duplo de Quetzalcoatl, é o Guardião da Porta e das chaves do Lumisial, para que nele não penetrem senão os ungidos que possuem o segredo de Hermes.

Aqueles que amaldiçoam imprudentemente o Lúcifer náuatle sublevam-se contra o Reflexo Cósmico do Logos, anatemizam o Deus vivo manifestado na matéria e abjuram a sempre incompreensível sabedoria, que se revela por igual nos contrários de luz e trevas.

A Glória de Satã é a sombra de Adonai e o Trono de Satã é o escabelo do Senhor. Semelhança, aparência, similitude: sol e sombra, dia e noite, lei dos contrários.

Dois são os exércitos do Logos ou Demiurgo Arquitecto do Universo: nos âmbitos sublimes, as aguerridas hostes de Miguel e, no abismo do mundo manifestado, as legiões de Satã. Os dois são, evidentemente, o imanifestado e o manifestado, o virginal e o caído na geração animal.

Mas, sem dúvida alguma, somente sobre Satã recai a vergonha da geração, jamais sobre o Logos; aquele perdeu seu elevado estado virginal de Kumâra³⁷ quando comeu do fruto proibido. Com a Ressurreição Esotérica, o Lúcifer náuatle reconquista o estado virginal de Kumâra.

A pedra angular da Grande Obra é o Lúcifer náuatle. Sobre esta Pedra Mestra, situada pelos sábios no fundo mesmo de nosso sistema sexual, o Grande Rabi Jesus edificou sua Igreja.

A Pedra Bruta, antes de ser talhada para a Grande Obra é por certo, impura, material e grosseira; motivo intrínseco pelo qual recebe o nome de Diabo³⁸.

A repetição é indispensável às vezes, eis que se faz inadiável compreender integralmente que todos nós temos um Xolotl-Lúcifer particular, reflexo absoluto de nossos Logoi específicos.

³⁷ Os Kumâras são os progenitores do homem interior. Segundo H.P.B., eles haviam recebido ordem de criar, porém, como ascetas virgens que eram, negaram-se a fazê-lo, sacrificando-se deste modo em prol da humanidade para acelerar sua evolução; recusaram-se a criar o ser humano material, mas favorecem sempre o desenvolvimento das percepções espirituais superiores e o progresso do homem eterno interior. (N. da T.)

³⁸ O radiante Deus-estrela, Lúcifer, o “Filho da Manhã”. (N. da T.)

Lúcifer-Xolotl, com a imagem asteca do cão luciférico, terror de muitas pessoas, costuma entrar no espaço tridimensional de Euclides para fazer-se visível e tangível no mundo físico.

O conde Gaspar Moir de Loca, ilustre senhor dos tempos idos, conta como se comportava. Prestigiar, o estranho cão do Doutor Fausto. Um cão negro de longos pelos e olhar penetrante; era, sem dúvida, muito inteligente.

Uma noite, quando o cão queria deitar-se no centro reluzente do salão da suntuosa mansão, na presença do conde, Fausto, dirigindo-se a Prestigiar, disse-lhe certa palavra, cujo profundo significado o conde não entendeu, e o cão, com o rabo entre as pernas, abandonou o lugar.

Estranho comportamento de um cão que, ao conde, francamente, não pareceu muito natural. O Doutor Fausto, sorrindo, perguntou ao amigo o que lhe parecia seu cão e este, respondendo claramente e sem rodeios, falou que ficaria contente em voltar a vê-lo.

Chamado por seu dono, aquele cão das mil e uma noites brincou dentro do salão e logo saltou sobre um banco rústico. Os olhos daquela criatura pareciam chispas de fogo ardente e tinha agora um aspecto apavorante.

Quando o Doutor Fausto acariciou seu dorso, o pêlo desse cão tão misterioso mudou de cor; primeiro tornou-se branco, depois amarelo e, por último, vermelho. O conde, homem muito prudente, preferiu guardar silêncio respeitoso; depois, resolveu falar de qualquer outra coisa.

Portanto, o cão participa da magia. Nobre animal que, nos tempos antigos, foi sempre consagrado ao Deus Mercúrio. Fica explicada, pois, a alta honra que os velhos Hierofantes do antigo Egito conferiam ao cão. O austero guardião do templo de Esculápio, na Roma augusta dos Césares, era sempre um cão.

Falando sinceramente e sem rodeios, devo afirmar com ênfase que é paradoxal a crucificação do cão. Bem sabem os divinos e os humanos que todo ano uma dessas preciosas criaturas era crucificada... castigo implacável para os cães pelo delito de não terem avisado os romanos da chegada dos gauleses.

Os cães sagrados do templo de Vulcano no Etna eram sempre tratados religiosamente. Não nos esqueçamos nunca que Cérbero, o cão guardião dos infernos, acariciava os que entravam e devorava sem piedade

os que procuravam sair. Antro espantoso onde uiva Cérbero, prodígio de terror que, com seus latidos, suas três enormes cabeças chatas e seu pescoço rodeado de serpentes enche de pavor todos os defuntos.

Diz a história dos séculos que Cérbero adormeceu ouvindo a lira de Orfeu, quando este desceu ao Tártaro para buscar Eurídice. A Sibila também fez dormir Xolotl-Lúcifer-Cérbero mediante uma massa feita de mel e dormideira. É conhecida a intervenção extraordinária de Cérbero em toda a liturgia funerária.

Nas sepulturas reais dos tempos antigos colocava-se a figura de um cão sob os pés frios do morto, símbolo infernal profundamente significativo. Nunca esqueçamos do lebréu³⁹, de Can Grande della Scala, governante de Verona e benfeitor de Dante. Este não se alimenta de terra nem de pelre⁴⁰, mas de sabedoria, de amor e de virtude.

Muitos outros animais participam da Alta Magia: o corvo, símbolo de corrupção e morte de todos os elementos inumanos que trazemos dentro de nós; a pomba branca que alegoriza a pureza e a castidade, como também o terceiro Logos; a águia amarela que avisa o alquimista da proximidade do triunfo; o faisão vermelho que, juntamente com a púrpura dos reis, anuncia ao sábio a consumação total da Grande Obra.

O enigmático e poderoso Doutor Fausto, venerabilíssimo Mestre chohânico, famoso tahar, vivia agradável e confortavelmente, como pessoa muito abastada. Conferia aos animais um papel oculto e gostava de rodear-se deles, porquanto os associava a seus prodígios.

Naqueles tempos (1528) de rançosa nobreza, de variados títulos notabilíssimos e sangue azul, Fausto, na corte de Praga, realizava extraordinários portentos.

Telendo, um próspero fidalgo que morava em uma luxuosa mansão, chamada em boa hora de “A Âncora”, na rua do Castelo, em Erfurt (lugar onde frequentemente se hospedava o Doutor João Fausto, encantador e mago), promoveu um grande festim.

Aconteceu, porém, que os nobres convidados ao banquete, diante da esplendorosa mesa, começaram a reclamar a presença de Fausto em altos

³⁹ Diz-se do cão empregado para caçar lebres; galgo. (N. da T.)

⁴⁰ Liga de zinco, chumbo e estanho. (N. da T.)

brados; o anfitrião da régia morada disse-lhes que Fausto, o homem da ciência mágica, estava em Praga.

Mas, um pouco embriagados pelo vinho, nem por isso a estrepitosa reunião deixava de chamar Fausto com insólita veemência, suplicando-lhe que acesse ao banquete.

Nesse interim, alguém bate à porta da suntuosa mansão. O fâmulu viu através da lucarna do primeiro pavimento que Fausto estava ao lado de seu cavalo, como se acabasse de ter apeado, e fazia sinal para abrirem a porta.

O empregado correu a avisar o amo que, dando gargalhadas, declarou que aquilo era impossível pois o Doutor Fausto estava em Praga.

Repete Fausto seu chamado diante da soleira da porta da rica mansão; Telendo, por sua vez, olhou para fora e viu que era ele. Com despótica ordem, que caracterizava os senhores feudais, mandou abrir a porta e dar-lhe magnífica recepção.

O Doutor Fausto ocupou seu lugar à mesa do festim ante o assombro geral dos convidados, e Telendo, muito admirado, não conteve o desejo de perguntar a Fausto como tinha podido vir tão rápido de Praga.

Ao que Fausto respondeu: “Isso devo ao meu cavalo; como os senhores, vossos convidados, desejavam ver-me tão ardorosamente e chamavam-me, rendi-me a seus desejos e vim, embora não possa permanecer por muito tempo, porque amanhã bem cedo, ao amanhecer, preciso estar de volta a Praga”.

O régio banquete foi muito alegre, o Doutor executou com grande sucesso seus habituais prodígios e até houve esbanjamento de vinho e sortilégios.

Aqui é bom lembrar o coro das alegres liras, as taças lavradas, o vinho escuro, os copos ferventes de bordas brilhando com as cores tremeluzentes e cambiantes do arco-íris, qual colar de prismas. O vinho escuro que inflama o sangue e põe alegre o coração, do fruto fermentado da videira que tanto inspira os bardos cabeludos.

Em meio ao burburinho do festim, João Fausto clamou, propondo que também se degustassem os vinhos estrangeiros. E contam os que o viram que, de dentro de um exótico recipiente improvisado, manaram então

líquidos de diferentes safras, milagre faustino bastante similar ao das bodas de Caná da Galileia.

Súbito, porém, de maneira inusitada, o filho do anfitrião entrou no aposento com o rosto visivelmente desapontado e disse: “Senhor Doutor, seu cavalo está comendo em excesso. Acho que preferiria dar de comer a dez ou vinte cavalos que ao seu; já devorou mais de dois celamins⁴¹ de aveia que tinha preparado e, contudo, continua esperando diante do pesebre⁴² e olha ao redor para ver se encontra outro”.

Riram todos os convidados, não com o sorriso sutil de Sócrates, mas com a estrondosa gargalhada de Aristófanes.

O jovem, firme, continuou dizendo: “Desejo manter minha palavra e o saciarei ainda que, para isso, corra o risco de ter devoradas várias medidas de aveia”. Fausto respondeu que era inútil, que seu cavalo havia comido bastante, mas que traria toda a aveia do mundo sem sentir-se farto.

É evidente que aquele garboso corcel era, não resta dúvida, o mesmo Lúcifer náuatle, o extraordinário Mefistófeles metamorfoseado em animal alado. Mefistófeles-Xolotl-Lúcifer, transformado às vezes, por obra da magia, em cavalo voador, como o Pegaso dos poetas coroados, transportava Fausto velozmente pela quarta dimensão quando era necessário.

A orgia continuou tremenda até a meia-noite. Então o cavalo relinchou e o sábio exclamou: “Faz-se preciso que me despeça agora”. Os convidados, porém, transbordantes de prazer e contentamento, retiveram-no suplicantes e não pôde ir-se de imediato.

Pela segunda e logo pela terceira vez o cavalo relinchou assombrosamente. O Doutor João Fausto de modo algum devia desobedecer; despediu-se, pois, de seus amigos, fez com que lhe trouxessem seu fogoso corcel, montou-o rápido e prontamente subiu a rua do Castelo.

Dizem por lá, conta a história dos séculos, que nem bem passadas três ou quatro moradas, o cavalo lançou-se pelos ares e perdeu-se de vista o cavaleiro sobre sua diabólica cavalgadura.

É claro que o Doutor João Fausto, encantador e mago, estava de volta a Praga antes do amanhecer.

⁴¹ Antiga unidade castelhana de capacidade para cereais, proveniente do árabe. (N. da T.)

⁴² Do espanhol. Lugar destinado, na manjedoura, a cada cavalgadura. (N. da T.)

O Doutor Fausto, no dizer da crônica de Erfurt, deixou por certo viva lembrança. Existe, no entanto, a famosa mansão “A Âncora” e também um beco com o nome do mencionado sábio.

Ao concluir este capítulo vem-me à memória o insólito caso dos sessenta feiticeiros de Montezuma, viajando com o poder de Lúcifer pela quarta vertical até a terra de seus ancestrais, a Mansão Eterna.



Representação simbólica das Ordens esotéricas Astecas dos Cavaleiros Tigres e dos Cavaleiros Águias *que além de guerreiros eram extraordinários atletas da Ciência Jinas.*

CAPÍTULO 5 - PROCEDIMENTOS JINAS

Queremos destacar, no início deste capítulo, o seguinte postulado: a física continuará estacionária enquanto a mente humana permanecer aprisionada no dogma tridimensional de Euclides.

É indiscutível que a física contemporânea é regressiva, atrasada, reacionária. Necessita-se com a máxima urgência traçar a quarta vertical; todavia, isto não será possível enquanto existir o ceticismo materialista.

Qualquer humanidade avançada do futuro distante poderá criar naves cósmicas capazes de atravessar instantaneamente a barreira da velocidade da luz. Essas naves, verdadeiramente baseadas na nova física do tipo Tetradimensional, viajarão pela quarta vertical, a velocidades superiores à da luz. Então a conquista do espaço infinito será um efeito concreto, claro e definitivo. É óbvio que essas naves impulsionadas pela energia solar terão de ser comandadas por homens autênticos, no sentido mais cabal da palavra.

É patente — e todo mundo sabe — que com os aviões supersônicos já atravessamos a barreira da velocidade do som; contudo, o terrícola soberbo e orgulhoso continua detido ante a barreira da velocidade da luz.

Cabe neste capítulo emitir o seguinte enunciado: depois da barreira da velocidade da luz — trezentos mil quilômetros por segundo — encontra-se a Quarta Dimensão.

Podemos inferir deste enunciado o seguinte corolário: qualquer mago que viaje com seu corpo físico pela quarta coordenada sabe atravessar instantaneamente a barreira da velocidade da luz.

Foi em Coatepec, situada em Tula, o histórico lugar em que os sessenta anciãos feiticeiros do mui poderoso Senhor Montezuma, mediante a ajuda extraordinária do Mefistófeles faustino, puderam atravessar instantaneamente a barreira da velocidade da luz, para viajar pela quarta vertical até a Ilha Sagrada e Eterna, além do Pólo Norte, berço real da humanidade terrestre.

Há que se ler na Doutrina Secreta de H.P.B. tudo o que se refere a este primeiro continente terrestre, destinado a perdurar desde o princípio até ao fim da humanidade sobre este mundo.

Na terra sagrada dos Vedas, todo autêntico Sannyâsin⁴³ do pensamento pode atravessar instantaneamente a barreira da velocidade da luz para viajar pela dimensão desconhecida, como Francisco de Assis.

Afirmamos solenemente e com absoluta certeza que o esoterista, ao aplicar a prática Sannyâsi a seu corpo físico, atravessa de imediato a barreira da velocidade da luz.

Todo Sannyâsi integral, essencial, fundamental, contém substancialmente três elementos básicos:

1. Concentração absoluta da vontade consciente.
2. Meditação profunda.
3. Êxtase, elevação, júbilo místico, adoração suprema.

Cabe lembrar nesta obra que a paciência é a escala dos gnósticos e a humildade, a porta de seu jardim.

Alguns ascetas gnósticos certamente terão de trabalhar durante muitos anos até alcançarem o pleno desenvolvimento do cárdia ou chakra do coração, que os tornará capacitados na ciência dos Jinas.

A natureza radiante da partícula íntima que permite este prodígio está devidamente especificada pela forma do machado, signo do raio, que o “homem-tigre” do México usa frequentemente.

O tigre humanizado, Xolotl-Lúcifer, converte-se em uma realidade concreta não só no México pré-Cortês como também em toda a mesoamérica.

É assim, convertido em homem, que encontramos Teotihuacan: erguendo seus heroicos braços em um gesto litúrgico ou com esse andar felino que o caracteriza.

Os Cavalheiros Tigres do México asteca, além de guerreiros acostumados a prolongadas lutas, também eram, por certo, atletas extraordinários da ciência dos Jinas.

⁴³ Palavra sânscrita que significa literalmente “renunciador”. Asceta hindu que obteve o mais elevado conhecimento místico, cuja mente está fixa apenas na verdade suprema e que renunciou por completo a tudo o que é do mundo e terrestre. Sannyâsi é o asceta que pratica a renúncia, isto é, vive no retiro e renuncia a todos os atos e a todos os gozos do mundo, para consagrar-se exclusivamente à contemplação e ao conhecimento espiritual. (N. da T.)

Sem exagero algum afirmamos categoricamente que aqueles heroicos varões de Anahuac sabiam aliar inteligentemente os três elementos do Sannyâsi com o temível poder felino do Lúçifer náuatle.

Deitados sobre peles de tigre, imitando a sagrada postura do jaguar em repouso, ligeiramente adormecidos, aqueles ilustres varões sabiam combinar conscientemente a Vontade e a Imaginação em vibrante harmonia.

Integrando esforços, em suprema concentração mental, sempre ancorada na meditação, assumiam deliberadamente, mediante a imaginação criadora, a figura felina do Jaguar- Xolotl-Mefistófeles.

Ausentar-se, desdobrar-se, mover-se com essa figura que espanta em pleno êxtase e gozo místico, de modo algum era impossível para esses heroicos donos da terra sagrada de Anahuac.

Toda vez que aqueles notáveis eremitas se desprendiam do duro leito para andar como tigres e logo desaparecerem na quarta coordenada, proferiam a seguinte frase ritual: “Nós nos pertencemos.”. “A pólvora, quando se inflama no arcabuz, estoura com grande ruído; assim faz o coração quando envolto pelo amor divino”.

Analisando antigos crônicos⁴⁴ com o empenho de um sacerdote na sua cela, tive de corroborar muitos desses detalhes da ciência antiga.

Diz a história dos séculos e isto o sabem muito bem os divinos e os humanos que aqueles tigres legendários, exóticos e estranhos, diante do portal do templo de Chapultepec — agora em estado de jinas — assumiam novamente sua gentil e mui humana figura.

Não poderíamos prosseguir sem deixar de lembrar Ovídio e suas metamorfoses maravilhosas.

Encantamentos místicos superlativos que os ignorantes ilustrados desta época fatal de Kali Yuga (os tempos atuais) rechaçam com insólita soberba.

Felipe, o apóstolo do Grande Cabir Jesus, é certamente o santo patrono de todos esses fenômenos jinas.

Afirmam as sagradas escrituras que Felipe, após ter batizado um eunuco, foi arrebatado pelo Senhor e que depois seguiu gozoso seu caminho.

⁴⁴ Volumosas crônicas medievais; cronicões. (N. da T.)

Dizem que depois achou-se em Azot e que, passando, anunciava o evangelho em todas as cidades, até que chegou a Cesaréia.

Todo Arhat gnóstico sincero pode implorar o auxílio mágico do grande apóstolo Felipe.

Se amais Felipe, quando estiverdes dormitando meditai nele, excluí de vossa mente qualquer outro pensamento e ao sentir em vossa alma a alegria de sua presença, proferí a seguinte frase ritual: “Ao Céu, Felipe!”, saí logo de vosso quarto com passos firmes e decididos, penetrando com decisão na dimensão desconhecida.

Em nome da Grande Causa, declaro verdadeiramente que esta fórmula extraordinária a devo a um espírito divino chamado IS-ABEL, cuja personalidade humana é a de uma humilde freira descalça de um antigo mosteiro medieval, o qual hoje está mergulhado na quarta vertical.

Que sóis de entusiasmo vos iluminem o caminho, mui querido e amável leitor. Que as forças do tigre vos acompanhem. Que as luzes da sabedoria iluminem vosso intelecto. Que o pinheiro ciciante dê sombra a vosso descanso. Que as rãs de esmeralda assinalem os sendeiros, coaxando sem cessar. Que a Natureza seja pródiga convosco. Que a Força Universal vos bendiga e dirija.

CAPÍTULO 6 – AZTLAN

Aztlan, Avalon, Monte Magnético Misterioso, insólita Morada dos Filhos do Crepúsculo⁴⁵ (Buddhas de Compaixão⁴⁶, Dhyâns Chohâns⁴⁷, Serpentes da Sabedoria⁴⁸, Pitris⁴⁹ ou Pais Preceptores⁵⁰ da Humanidade, Anjos das Estrelas, Construtores, Vigilantes, os Yazatas⁵¹ dos Zoroastristas, etc.)

Terra do Amanhecer, Mansão Imperecível, Paraíso Celeste além dos mares ignotos do Pólo Norte.

Inefável Cidadela do Sol, envolta em múltiplos esplendores, Ilha Branca, Rincão de Amor, Terra de Apoio.

Magnífico luzeiro no Setentrião aquele Éden da Quarta Coordenada, continente firme no meio do Grande Oceano.

Nem por terra nem por mar consegue-se chegar à Terra Sagrada, repete-se com veemência na tradição helênica.

“Só o voo do Espírito pode conduzir a ela”, dizem com suma gravidade os velhos sábios do mundo oriental.

⁴⁵ De acordo com H.P.B., com este título são designados os Barichads, Barchichads ou Varhichads, uma classe de Pitris ou antecessores “lunares”, e que desenvolveram suas sombras ou chhâyas para com elas fazerem o primeiro homem. (N. da T.)

⁴⁶ Com este nome são designados aqueles Bodhisattvas que, tendo alcançado a categoria de Arhat, recusam-se a passar ao estado nirvânico e preferem permanecer invisíveis no mundo e contribuir para a salvação dos homens, exercendo sobre eles sua influência para que sigam a boa Lei, guiando-os pelo sendeiro da Justiça. (N. da T.)

⁴⁷ Literalmente, os “Senhores da Luz”. Os devas ou deuses mais elevados, correspondentes aos arcanjos da religião católica romana. As inteligências divinas encarregadas da superintendência do Cosmo. Filhos da Sabedoria, espíritos planetários, cujo agregado coletivo forma o Verbo manifestado do Logos não manifestado e constitui, ao mesmo tempo, a Mente do Universo e sua Lei imutável. (N. da T.)

⁴⁸ Expressão equivalente a nâgas, mahâtâmâs, adeptos, iniciados. (N. da T.)

⁴⁹ Ou Pitaras, os antecessores ou criadores da humanidade. (N. da T.)

⁵⁰ Aqui, não são os antecessores dos homens atuais, mas aqueles da espécie humana ou das raças adâmicas; os espíritos das raças humanas que, na grande escala de evolução descendente, precederam as nossas raças de homens e foram, física e espiritualmente, muito superiores aos homens modernos. (N. da T.)

⁵¹ “Seres dignos de adoração” no zoroastrismo (yazad em pállavi). O termo geralmente se refere a uma classe de seres celestes amiúde comparados a anjos no judaísmo, no cristianismo e no islamismo. Eles são, na maioria das vezes, os “deuses” dos antigos iranianos, incorporados ao zoroastrismo quando se converteram em auxiliares diretos de Ahura-Mazda. (N. da T.)

É indiscutível que os “Resplandecentes de Olhos Eficazes”, os Adeptos da Religião da Sabedoria⁵², jamais perderam o contato com a terra de nossos superiores.

Reiteramos o enunciado irrefutável de que é possível atravessar instantaneamente a barreira da velocidade da luz para viajar com o corpo físico pela dimensão desconhecida até a longínqua Tule.

O caminho que conduz a Aztlan, a Terra Solar, onde moram ditosos os mexitin ou medjinas, djins, jinas ou gênios extraordinários dos povos árabes, astecas e mexicanos, está fechado desde longos anos já, e a parte deste lado obstruída com grandes estevais e matagais povoados de monstros invencíveis, dunas e lagoas sem fundo, e espessíssimos carriçais e canaviais em que perderá a vida qualquer um que intente temerário atravessá-lo.

Muito pouco pode dizer-se dessa terra exótica e sagrada, exceto talvez, segundo uma antiga expressão poética, que a Estrela Polar fixa nela sua mirada vigilante, desde a aurora até ao fim do ocaso de um dia do Grande Alento⁵³.

A Ilha Santa é, sem dúvida, o berço do primeiro homem e a morada do último mortal divino, escolhido como um shista⁵⁴ para a futura semente da humanidade.

O povo asteca, outrora conduzido pelos gênios tutelares ou jinas da Ilha Avalon, chegou até as lagoas mexicanas, do mesmo modo que o bíblico Moisés hebreu, guiando o povo de Israel através do deserto até a Terra Prometida.

Protótipos do Judeu Errante, os povos jinas dos Tuatha de Danand⁵⁵, em eterno êxodo análogo ao dos judeus de um lado e mexicanos de outro, na verdade regressaram à verde Erinn em estado de jinas. Diz-se que chegaram de Avalon ou do Céu e trouxeram para a Irlanda alguns símbolos sagrados.

⁵² É esta Religião da Sabedoria que serve de base a todos os credos na atualidade. (N. da T.)

⁵³ Esta expressão simboliza a Realidade Única, considerada sob o aspecto de Movimento Abstrato absoluto. É “aquela que está sempre indo e vindo”; é fonte e origem da Força e de toda Consciência individual. O aparecimento e desaparecimento do Universo são expressos como uma expiração e inspiração do Grande Alento, que é eterno. (N. da T.)

⁵⁴ Os grandes eleitos ou Sábios, deixados depois de cada pralaya menor, quando o globo se consome em sua noite ou repouso, para converterem-se, em seu novo despertar, em semente da própria humanidade. A palavra, literalmente, significa: remanescente ou resíduo. (N. da T.)

⁵⁵ Nome irlandês de um grupo de deuses. (N. da T.)

Cabe aqui lembrar a Pedra Filosofal, a lança de Aquiles, a Espada Flamígera e a Taça de Hermes e de Salomão.

O Aztlan asteca, Avalon, é o rincão do amor, a Terra do Fogo onde mora ditoso o “Irmão João”. Improfanável Verbo, Logos, Voz, I.E.O.U.ÃO, João, especificando não um homem, mas toda uma dinastia solar.

A primeira raça humana que outrora viveu em Asgard⁵⁶, a “Ilha de Cristal”, a morada dos Deuses, a Terra dos Ases⁵⁷, era inegavelmente semi-etérica, semi-física.

O Prólogos órfico, Pré-genético, depositou no “Homem Cósmico” terrestre preciosas faculdades e poderes. Produto maravilhoso de incessantes evoluções e transformações que outrora iniciaram-se desde o estado germinal primitivo, a primeira raça surgiu das dimensões superiores, completa e perfeita.

Tudo procede de Prabhavâpyaya⁵⁸, a evolução inteligente dos princípios criadores e conscientes dos deuses santos.

Assim, pois, temos que estudar bem a criação primária antes de podermos compreender todos os processos evolutivos e involutivos da Natureza. É evidente que a “primeira raça” jamais possuiu elementos rudimentares, nem fogos incipientes.

Por amor à Grande Causa, colocamos o seguinte enunciado: antes que a “primeira raça humana” saísse da quarta coordenada para tornar-se visível e tangível na região tridimensional de Euclides, teve de gestar-se totalmente dentro do Jagad-Yoni, a Matriz do Mundo.

Extraordinária humanidade primigênia, sublimes andróginos terrivelmente divinos; seres inefáveis mais além do bem e do mal. Protótipos de perfeição eterna para todos os tempos; figuras excelentes com corpos indestrutíveis, elásticos e dúcteis.

⁵⁶ Reino e residência dos deuses escandinavos; o Olimpo escandinavo. (N. da T.)

⁵⁷ São os criadores de anões e elfos, os Elementais que estão abaixo dos homens, nas lendas escandinavas; a descendência de Odin. Ou também as forças criadoras personificadas. Os ases divinos são os Elfos da Luz. (N. da T.)

⁵⁸ Palavra sânscrita. Aquilo do qual tudo se origina e no qual todas as coisas se resolvem, no final do ciclo de existência. (N. da T.)

Adão Kadmon⁵⁹, o ser masculino-feminino do Gênese 1, sem dúvida era a mesma hoste dos Elohim, cujas presenças estavam agora recobertas com a eurritmia superlativa de seus corpos.

É claro que todos esses seres ingentes eram os fogos sagrados personificados dos poderes mais ocultos da Natureza.

Eles, os “nascidos por si mesmos”, magistras, perfeitos, tinham conhecimento, inteligência e vontade. Cada uma dessas criaturas insuperáveis haviam encarnado seu espírito individual e sabia que o tinha.

Essa foi a idade da cissiparidade; naquele tempo, aquelas inefáveis criaturas reproduziam-se mediante o ato sexual cissíparo.

“Como se observa na divisão em dois do fragmento homogêneo de Protoplasma conhecido como Monera (ou Protoameba, etc.)”.

“Como se vê na divisão da célula dotada de um núcleo central, célula em que este núcleo se rompe em dois subnúcleos, os quais ora se desenvolvem dentro da parede celular original, ora a transpõem e se multiplicam no exterior como entidades independentes”.⁶⁰

Assim, de maneira similar, aqueles organismos andróginos dividiam-se em dois para multiplicarem-se no exterior como entidades independentes.

Na era da cissiparidade, cada um destes acontecimentos da reprodução original, primigênia, era celebrado com rituais e festas. Então a Terra toda resplandecia gloriosamente com um belíssimo azul vivo.

Cumpre aqui lembrar que, nessa remota idade de ouro, a Ilha de Cristal, a Terra de Apoio, devido à revolução periódica do eixo do mundo, encontrava-se na zona equatorial.

Superlativa raça divina de andróginos mais que perfeitos. Huracan⁶¹, (Voz maia que depois foi levada para a América do Sul) e que significava para os hierofantes astecas “vento”, “sopro”, “palavra”, “verbo”, totalmente encarnado naquelas excelsas criaturas, estabeleceu na Ilha de Cristal a civilização dos ases.

⁵⁹ Do hebraico. O Homem celeste; o microcosmo. É o Logos manifestado. (N. da T.)

⁶⁰ Citação de H.P.B. em Doutrina Secreta, vol. III, p. 184, Ed. Pensamento, São Paulo, 1980. (N. da T.)

⁶¹ Um dos três deuses quíchuas criadores do mundo e dos homens; os outros dois são Tepeu e Cucumatz. Seus trabalhos estão referidos no Popol-Vuh, livros sagrados dos guatemaltecos. (N. da T.)

Está em Gênese (1:27): “E Deus criou o homem à sua imagem, à imagem de Deus ele o criou, homem e mulher ele os criou”.

Perfeição paradisíaca incomparável, formosuras andróginas inefáveis, à imagem e semelhança de Tepeu e Cucumatz (Deus).

Da Primeira Raça emanou a Segunda, a hiperbórea, indivíduos que se reproduziam mediante brotamento, ingentes multidões que outrora habitaram as numerosas regiões do setentrão.

Escrito está com letras de ouro nas páginas imortais do Livro da Vida que desta segunda classe de andróginos divinos procede, por sua vez, a Terceira Raça Raiz, os duplos: gigantes hermafroditas, colossais, imponentes, cujo sistema reprodutor era o da gemação. A civilização lemuriana floresceu grandiosa no continente Mu ou Lemúria, terra vulcânica no oceano Pacífico.

Depois que a humanidade hermafrodita separou-se em sexos, transformados pela Natureza em máquinas portadoras de criaturas, surgiu a Quarta Raça Raiz sobre o cenário geológico atlante, situado no oceano que leva seu nome, o Atlântico.

Atlas, o mais antigo dos astrólogos, foi seu Rei... a mente poética dos filhos da Hélade apresentou-o, por isso, sob a fábula do gigante que sustentava sobre seus ombros, e não sobre sua mente poderosa, a Máquina Celeste.

Seus filhos, os Titãs, pretenderam escalar o céu... mas Deus os confundiu e, uma noite, o mar e o trovão bramiram tão fortemente que a trêmula Europa, despertada com o estrondo, entrou em convulsão e já não viu o mundo irmão... Apenas restou o Teide⁶² para dizer à humanidade: “Aqui foi outrora Atlântida, a famosa!”

Pois bem, nossa atual Quinta Raça Raiz, as multidões arianas que habitam a superfície da Terra, separadas do tronco Pai (os atlantes), já tem mais de um milhão de anos de existência e encontra-se em vésperas de sua aniquilação total.

Cada Raça Raiz tem sete sub-raças. Cada sub-raça tem, por sua vez, sete ramificações, que podem chamar-se de ramos ou raças de “família”; as

⁶² Ou Teyde ou Tenerife, pico vulcânico do arquipélago das Canárias, ponto culminante da ilha de Tenerife; 3.716m. (N. da T.)

pequenas tribos, galhos e rebentos destes últimos, são inumeráveis e dependem da ação do destino.

A Ilha de Cristal, o Aztlan asteca é, pois, o Paraíso Terrestre, a Terra de nossos antepassados; ali moram os ancestrais de todas as raças humanas.

CAPÍTULO 7 – ATLÂNTIDA

Há, no códice Borgia, a figura de Atlanteotl, que carrega sobre seus ombros a água celeste, exatamente como o Atlas grego, a que estamos acostumados a dar prioridade como símbolo.

Precisa ser dito de maneira grandiosa e sem muita proso- popéia que o legendário Atlas grego é cópia fidedigna do heróico Atlanteotl maia e asteca.

Suprimida com delicado refinamento intelectual a desinência Otl desse luzente nome, obtém-se Atlante.

Atlante-Otl, palavra que já se auto-explica por suas raízes, só nos deixando dizer que isso não é uma questão de vãs etimologias empíricas, arbitrariamente selecionadas, nem de meras coincidências, como sempre supõem os ignorantes ilustrados.

São, isto sim, extraordinárias e legítimas concordâncias lingüísticas, somente explicáveis graças ao tronco atlante comum aos povos americanos e mediterrâneo-semitas. Sem dúvida que esses e aqueles têm suas raízes na Terra encantada de Osíris, na Atlântida ora submersa, no mar das trevas, envolto em vapores sombrios de lendas de horror, de naufrágios pavorosos e de viagens sem retorno.

Mar imenso que, em Gibraltar, mais além das Colunas de Hércules, espalhas proceloso tua onda infinita de mistérios intransponíveis para os navegantes.

A trágica lenda enche teu espaço com o poder coletivo das gerações que assim têm te contemplado, e o poeta ouve na voz de tuas imensas ondas o bramido de tuas tragédias e o rangido de teus mundos sepultados.

A Atlântida, esse vasto continente desaparecido, que era tida como fantasia de poeta, criação da divina mente de Platão, o iniciado, e nada mais, existiu realmente.

A Intuição do poeta é a visão do Gênio; aquele que a nega é porque não pode vê-la com seu poder imenso.

Os sábios somente são grandes quando chegam a ser poetas; quando, sobrepondo-se ao detalhe, sentem as harmonias que pulsam no fundo de todo o existente e que podem nos arrebatam a esferas superiores.

Assim foi que o autor das Metamorfoses das Plantas pôde escrever seu Fausto; o da Filogenia alçar-se com seu Credo; Humboldt criar seu Cosmo; Platão, o divino, seu Timeu e Crítias, e também Poe, com sua Eureka, poetas todos da Vida Universal que não é senão o Hálito do Oculto.

O Mestre de Cristóvão Colombo disse-lhe: “Vês esse mar que abarca a Terra de pólo a pólo? Houve um tempo em que foi o Jardim das Hespérides. Ainda arroja o Teide seus vestígios, rebramindo tremebundo qual monstro que se via em campo de matança”.

“Aqui lutavam titãs; ali floresciam cidades populosas... Hoje, em palácios de mármore reúnem-se as focas e de algas vestem-se os prados onde pastavam as ovelhas”.

H.P.B., nas estâncias da Antropogênese números 10,11 e 12, diz textualmente o seguinte:

“ Assim, de dois a dois, nas Sete Zonas, a Terceira Raça (os lemurianos) deu nascimento à Quarta (os atlantes); os Suras (Deuses, Homens Perfeitos) passaram a A-suras (não deuses, gente pecadora)”.

“A Primeira, em todas as Zonas, era da cor da Lua; a Segunda, amarela como o ouro; a Terceira, vermelha; a Quarta, de cor morena, tornou-se negra pelo pecado”.

“Então os da Terceira e Quarta (sub-raças atlantes) cresceram em orgulho e disseram: ‘Somos os reis, somos os deuses’”.

“Tomaram esposas de aparência formosa entre os sem mente, os de cabeça estreita. Procriaram monstros, demônios perversos, machos e fêmeas, e também Khados, de mente limitada”.

“Edificaram templos para o corpo humano. Adoravam o varão e a fêmea. Então o Terceiro Olho (o Olho da Intuição e da Clarividência) deixou de funcionar”.

“Os Lemurianos construíram cidades colossais... talhando suas próprias imagens em tamanho natural e à sua semelhança, e as adoravam”.

“Fogos internos haviam destruído a terra de seus Pais (os lemurianos). A água ameaçava a Quarta Raça (a Atlântida)”. “As primeiras Grandes Águas vieram. Elas submergiram as Sete Grandes Ilhas. Todos os Justos foram salvos e os ímpios, destruídos”.

“Poucos homens ficaram. Alguns amarelos, alguns morenos e negros e alguns vermelhos. Os que tinham a cor da Lua — os Tuatha — haviam desaparecido para sempre”.

“A Quinta Raça (a humanidade que atualmente povoa a superfície da Terra, incluindo os maias, incas, quíchuas, toltecas, nauas e astecas da América pré-hispânica), procedente do tronco santo (o povo eleito salvo das águas) ficou e foi governada pelos primeiros Reis Divinos”.

“As Serpentes (Dragões de Sabedoria ou Rishis) que voltaram a descer, que fizeram a paz com os homens da Quinta Raça, os ensinaram e instruíram”.

Transcrevo, a seguir, a tradução de um manuscrito maia que integra a famosa coleção Le Plongeon, os manuscritos Troano, conservado no Museu Britânico.

“No ano 6 Khan, a 11 Muluc, no mês Zak, tiveram início temíveis tremores de terra que duraram sem interrupção até ao 13 Chuen. O país das lomas de aluvião, a Terra de Mu, foi sacrificado”.

“Após duas comoções, Mu desapareceu durante a noite, sendo constantemente abalado pelos fogos subterrâneos, que fizeram com que a terra afundasse e reaparecesse várias vezes e em distintos lugares. Por fim, a superfície cedeu e dez países se separaram. Submergiram com seus 64 milhões de habitantes, 8.000 anos antes de este livro ser escrito”.

Nos arquivos antiquíssimos do velho templo de Lhasa, no Tibete, pode ver-se uma antiga inscrição caldéia, escrita uns 2.000 anos antes de Cristo, e que diz textualmente:

“Quando a estrela Bal caiu no lugar onde agora só há mar e céu (o oceano Atlântico), as Sete Cidades com suas portas de ouro e seus templos transparentes tremeram e foram sacudidas como as folhas de uma árvore atingidas pela tempestade”.

“E um dilúvio de fogo e fumaça se elevou dos palácios; os gritos de agonia da multidão enchiam os céus”.

“O povo buscava refúgio em seus templos e fortalezas, e o sábio MU, o Sacerdote RA-MU, apareceu-lhe e disse-lhe: ‘Não vos previ disso tudo?’”. E os homens e as mulheres, em seus melhores trajes bordados com pedrarias, clamaram: ‘Mu, salvai-nos!’ e Mu replicou: ‘Ireis todos morrer com vossos escravos e vossas riquezas, e de vossas cinzas surgirão novas nações’”.

“Se eles (referindo-se à nossa atual Quinta Raça) se esquecerem de que devem ser superiores, não pelo que adquirirem, mas pelo que darão, a mesma sorte lhes será reservada”.

“As chamas e a fumaça abafaram as palavras de Mu, e a terra fez-se em pedaços e afundou com seus habitantes nas profundezas, tragados pelas ondas”.

E o que poderiam agora dizer nossos amáveis críticos diante dessas duas histórias, uma do Tibete oriental e outra da mesoamérica⁶³, as quais, de maneira específica, relatam ambas a mesma catástrofe?

Além de tão extraordinárias semelhanças, se, com efeito, desejarmos mais evidências, é claro que deveremos apelar para a filologia.

É evidente que o Viracocha peruano é o mesmíssimo Viraj, varão divino, Cabir, ou Logos dos hindus, o Inca, palavra que, escrita com as sílabas invertidas, lê-se Cain (Sacerdote- Rei).

Por isso, não são de se estranhar as infinitas conexões intrínsecas que a Doutrina e os feitos dos primeiros incas guardam com toda a Iniciação Oriental.

O grande historiador romano Cesar Cantu coliga declarada e sabiamente os primeiros incas com certas tribos mongóis, ou os antiquíssimos xamãs⁶⁴, o que equivale a dizer que, no inopinado aparecimento do Manu do Norte, Manco Capac, e de sua nobre companheira Coya ou Iaco, deu-se talvez a circunstância milagrosa, que H.P.B. com maestria faz-nos observar, referente ao fenômeno teúrgico de esses seres puros terem emprestado seu corpo físico aos gênios dos mundos suprassensíveis com o evidente propósito de ajudar a humanidade; portento este que não se deve confundir com a mediunidade do tipo espiritista.

O inefável TAO chinês é o mesmo DEUS em latim, o DIEU francês, o THEOS grego, o DEUS português e também o TEOTL náuatle, asteca.

⁶³ Conceito geográfico-cultural introduzido em 1943 pelo arqueólogo P. Kirchhoff. Mesoamérica designa tanto o império dos maias quanto o de seus antecessores e o dos astecas. (N. da T.)

⁶⁴ O termo xamã é de origem tungue. O xamanismo é fenômeno religioso dos povos uralo-altáicos e outros siberianos. É encontrado também entre os indígenas norte e sul-americanos, no Sudoeste Asiático e na Oceânia. (N. da T.)

O PATER do latim, evidente e irrefutavelmente, é o mesmo FATHER inglês, o VATER alemão, o FADER sueco, o PAI português e o PA ou BA indo-americano.

A doce MATER do latim é a mesma MAT russa, a MÈRE francesa, a MOTHER inglesa, a MÃE portuguesa e também a NA ou MAYA em maia ou quíchua.

Essas são extraordinárias semelhanças linguísticas que assinalam e indicam, constituindo algo que transcende a mera ostentação, jactância ou exibição etimológica.

Ao chegarmos a essas entranhas da etimologia, alma da História e uma das mais poderosas chaves da Gnose, jamais poderíamos deixar de lembrar aquela famosa frase do idioma ritual maia que diz textualmente: “HELI LAMAH ZABAC TANI”, frase esta que os quatro evangelistas interpretaram esotericamente de quatro maneiras diferentes. E de que forma extraordinária o Grande Cabir pronunciou tal frase sobre o majestoso cume do Calvário!

“Neste instante submergir-me no Dealbar de tua presença” é, sem dúvida, o seu sentido na língua maia. É inegável que o Grande Hierofante Jesus aprendeu o naga⁶⁵ e o maia no Tibete oriental e isso está demonstrado.

No sagrado mosteiro de Lhassa, no Tibete, existe um livro que diz exatamente o seguinte: “Jesus tornou-se o mais proficiente Mestre que esteve na Terra”.

Um sábio escritor já falara:

“Está historicamente estabelecido que a Ciência-Religião conhecida por Cristo no Egito, na Índia e no Tibete era maia”.

“Existiu um profundo ocultismo maia, conhecido sem dúvida por Cristo, que escolheu seus símbolos (maias) como sustentáculo de suas idéias de amor fecundante”.

“Já não se pode admitir a casualidade na escolha que fez da Cruz Maia, da Trindade e dos Doze Apóstolos e muitos outros símbolos para embasar o imenso sentido científico- religioso de suas prédicas”.

⁶⁵ Língua dos nãgas: serpentes, homens sábios, Arhats, etc., análogos aos nagais mexicanos. (N. da T.)

É patente que os maias atlantes trouxeram sua religião para a mesoamérica, como também é claro que eles colonizaram o Tibete, a Babilônia, a Grécia, a Índia, etc. Não há dúvida de que a linguagem ritual do Cabir Jesus foi maia.

Isso tudo só pode ser completamente explicado graças ao tronco atlante comum aos povos americanos e mediterrâneo-semitas.

As tribos de Anahuac, como todas as outras tribos da América indígena, vieram da Atlântida e nunca do Norte, como supõem alguns ignorantes ilustrados.

Esses ignorantes, que enfatizam a ideia de que as tribos da América vieram do continente asiático, passando pelo famoso estreito de Bering, estão redondamente enganados porque nem no Alasca nem muito menos no referido estreito foi encontrado o menor vestígio da passagem da raça humana.

CAPÍTULO 8 - A SERPENTE SAGRADA

Nas doutrinas religiosas dos gnósticos é onde se pode ver melhor o verdadeiro significado do Dragão (Lúcifer), da Serpente, do Bode e de todos esses símbolos dos poderes que hoje são chamados de Mal.

Jesus, o Grande Cabir, jamais aconselharia seus discípulos a serem tão sábios quanto a Serpente se esta fosse um símbolo do Demônio; nem tampouco os Ofitas, os sábios gnósticos egípcios da Fraternidade da Serpente reverenciariam uma cobra viva em suas cerimônias como emblema da Sabedoria, a Divina Sofia.

A serpente asteca aparece infalivelmente em situações insólitas que transtornam completamente seu determinismo orgânico: a cauda substituída por uma segunda cabeça em atitudes incomuns que a erguem acima do lodo da terra, servindo de base para o desenvolvimento ígneo.

Nas culturas de Anahuac o corpo da cobra sempre se encontra modificado por uma ação inusitada, que imprime uma mudança radical em sua natureza original.

Ora a dupla cabeça que lembra com total clareza sua figura em círculo, naquele momento gnóstico de devorar sua própria cauda, que é uma síntese extraordinária da maravilhosa mensagem do Senhor Quetzalcoatl; ora a posição vertical que ilustra a ideia maia e náuatle da serpente divina devorando a alma e o espírito do homem; ou, enfim, as chamas sexuais consumindo o ego animal, aniquilando-o, reduzindo-o a cinzas.

A Serpente ou Logos Salvador inspira o homem para que reconheça sua identidade com o Logos e assim retorne à sua própria essência, que é esse mesmo Logos.

As águas do abismo desencadearam um vento impetuoso (a Serpente com seu silvo similar), este levantou as águas a tal altura que chegaram a entrar em contato com o Espírito e a Luz, e a Serpente invadiu a matéria caótica e engendrou o homem, mescla assim dos três princípios. O único pensamento da Luz Superior é poder recuperar suas partículas perdidas.

E como a Matriz Caótica quer e conhece apenas a Serpente, o Logos luminoso assumiu sua forma para resgatar a luz submersa nas trevas; para isso, o Homem Perfeito desceu ao seio de uma Virgem e não só sofreu, conhecendo os Mistérios vergonhosos da Matriz, como também depois se

ergueu e bebeu da Copa da água viva, que deve beber todo aquele que quer despojar-se da forma do escravo e trajar a vestimenta celeste.

A Serpente ou Logos Salvador dorme enroscada no fundo da Arca, em espreita mística, aguardando o instante de ser despertada.

Os que estudam a fisiologia esotérica náuatle ou hindustânica acentuam a ideia transcendental de um espetacular centro magnético situado na base da coluna vertebral, a uma distância média entre o orifício anal e os órgãos sexuais.

No centro do chakra há um quadrado amarelo, invisível para os olhos da carne mas perceptível à clarividência ou sexto sentido; esse quadrado representa, segundo os hindus, o elemento terra.

Disseram-nos que dentro desse quadrado existe um Yoni ou Útero e que, em seu centro, encontra-se um Lingam⁶⁶ ou Falo erótico no qual se enrosca a Serpente, misteriosa energia psíquica chamada Kundalini.

Os textos tântricos da Ásia descrevem a Kundalini assim: “Luminosa como o relâmpago, brilhando no espaço deste lótus (ou centro magnético), como uma cadeia de luzes brilhantes”.

A estrutura esotérica desse Centro Magnético, como também sua posição insólita entre os órgãos sexuais e o ânus, conferem sólidos e irrefutáveis fundamentos às escolas tântricas da Índia e do Tibete.

Só através da Sahaja Maithuna (magia sexual) é que a Serpente pode ser despertada. E quando a serpente sagrada desperta para iniciar seu caminho através do canal da medula espinhal do organismo humano emite um som misterioso bastante similar ao de qualquer cobra que seja açulada com um pedaço de pau.

A Serpente dos Grandes Mistérios é, sem dúvida, o aspecto feminino dos Logos, Deus Mãe, a esposa de Shiva, Ísis, Adonia, Tonantzin, Rea, Maria, ou, diríamos melhor, RAM-IO, Cibele, Opis, Der, Flora, Paula, Io, AKKA, a Grande Mãe em sânscrito, a Deusa dos LHA, Lares ou Espíritos

⁶⁶ Segundo signo ou símbolo de criação abstrata. A Força converte-se no órgão da procriação masculino apenas nesta Terra. Este símbolo tem, na Índia, o mesmo significado que tinha no Egito, que é, simplesmente, o de a Força criadora ou procriadora ser divina. Designa também como era o Criador — masculino e feminino. A ideia grosseira e impudica relacionada com o falo não é hindu, mas grega e sobretudo judia. (N. da T.)

daqui de baixo, a angustiada mãe de Huitzilopochtli, a AK ou Deusa Branca em turco, a Minerva calcídica dos Mistérios Iniciáticos, a Aka-Bolzub do Templo da Lua em Chichén-Itzá (Iucatã), etc.

Conservamos todavia um eco perdido dos Mistérios antigos no cruzeiro⁶⁷ ou plano transversal das igrejas mais gloriosas como a de São Paulo, em Roma, ao invés da forma primitiva da nave — a nave ou arca salvadora do dilúvio universal ou catástrofe atlante na qual chegaram aos atuais continentes todos os Noés, Quetzaicoatles, Xisustros e Deucaliões. Por isso também, como lugar sagrado do lar, chamou-se caicídico o corredor interno que separava, na casa grega, os aposentos destinados aos hóspedes dos demais, como se pode ver em Vitrúbio, em Procópio (De Aedificationem), em Becchi (Del Calcidio e Delia Cripta de Eumachia) e nos outros tratados de construção em que se narra a história desse cruzeiro ou a efetiva e simbólica cruz TAU⁶⁸ dos deveres que a hospitalidade impunha entre os homens.

A introdução do falo vertical no útero verdadeiro forma uma cruz e isto é algo que qualquer um pode verificar.

Se refletirmos bem seriamente sobre a íntima relação entre o “S” e a cruz Tau ou T, chegaremos à conclusão lógica de que só através do cruzamento do lingam-yoni (falo-útero), com exclusão total do orgasmo fisiológico, é que se pode despertar a kundalini, a serpente ígnea de nossos mágicos poderes.

Os raios de Zeus tempestuoso, o que amontoa as nuvens que fazem tremer o Olimpo e espalham o terror entre esta pobre humanidade doente, formam a cruz.

O fogo celeste e o fogo terrestre, o FOHAT potencial ou virtual, que compõe ou desagrega, engendra ou mata, vivifica ou desorganiza, formam a cruz.

Filho do Sol que o gera, servidor do homem que o libera e o mantém, o Fogo Divino, caído, decadente, aprisionado na matéria, determina revoluções insólitas, extraordinárias, e dirige sua redenção; é Jesus em sua Cruz, imagem maravilhosa da radiação ígnea, encarnada em toda a Natureza.

⁶⁷ A parte da igreja compreendida entre a capela-mor e a nave central. (N. da T.)

⁶⁸ É a cruz em forma de T e é a mais antiga de todas as formas. Também é chamada de cruz astronômica e era usada entre os antigos mexicanos, como prova sua presença em um dos palácios de Palenque. (N. da T.)

É o “Agnus” imolado desde a aurora do Grande Dia e também é o famoso Huehuetotl, o Deus Velho do Fogo, representado na antiga cultura teotihuacana como um ancião carregado de anos e que suporta sobre sua cabeça milenar um enorme braseiro.

O Deus do Fogo Sexual representa, sem dúvida, uma das mais antigas tradições dos povos maias e náuatles; é a Deidade do centro em relação direta com os quatro pontos cardeais da Terra, assim como o braseiro sagrado para acender a fogueira no centro da casa e do templo astecas. Por isso, é bastante normal ver nos hierofantes do deus da chama a mística figura da Santa Cruz, que também é encontrada ornando os incensários chamados Tlemaitl — Mãos de Fogo — com que os sacerdotes sempre incensavam os deuses santos.

É claro que um Deus tão antigo como este, muito similar a Agni, o Deus do Fogo nos Vedas, tem também muitas invocações diversas. É chamado de Xiuhtecuhtli, cujo significado profundo é: Senhor do Ano, Senhor da Relva e Senhor da Turquesa, já que a palavra Xiuhuitl, com pronúncia um tanto variada, significa estas três coisas, sendo visto nos diferentes panteões mesoamericanos sob esta invocação.

Essa divindade, representada dessa maneira, de modo algum permite estranhar que leve em sua cabeça uma espécie de mitra azul, formada sabiamente de um precioso mosaico de turquesas, que era uma característica toda especial dos poderosos reis da grande civilização mexicana.

Seu naual ou disfarce esotérico é a Xiuhcoatl, ou seja, a Serpente de Fogo (a kundalini), que se caracteriza por trazer exatamente sobre o nariz um precioso corno ornado com sete estrelas inefáveis.

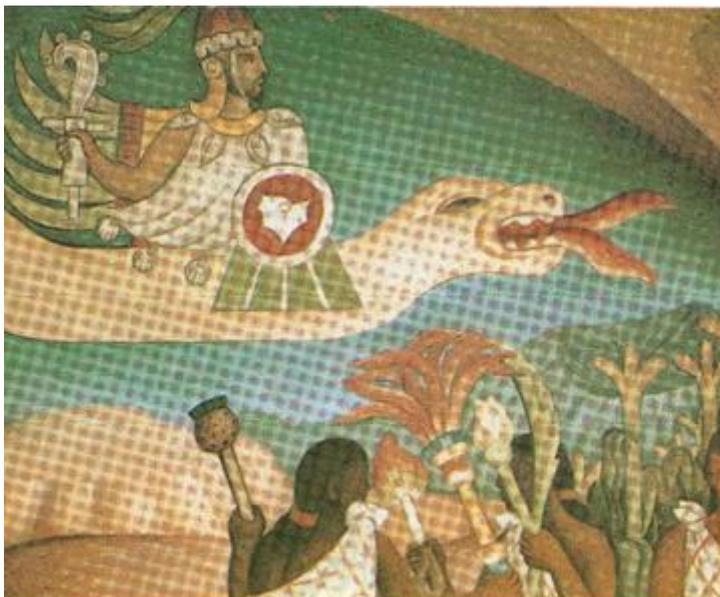
Na concepção náuatle e maia, a Suástica sagrada dos Grandes Mistérios Sempre foi definida como a cruz em momento; é o Nahui Ollin náuatle, símbolo sagrado do Movimento Cósmico.

As duas orientações possíveis da suástica representam mui claramente os princípios masculino e feminino, positivo e negativo da Natureza.

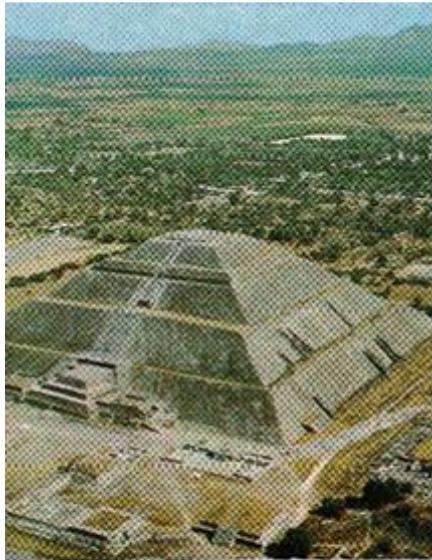
Duas suásticas em uma e em outra direção, perfeitamente superpostas, formam a cruz em forma de T e, neste sentido, representam a união erótica dos dois sexos.

Segundo a lenda asteca, foi um casal, um homem e uma mulher que inventaram o Fogo e isto só é possível com a cruz em movimento.

INRI: Ignis Natura Renovatur Integra (O Fogo Renova Incessantemente a Natureza).



*Quetzalcoat o Cristo Mexicano cavalgando numa
serpente Diego Rivera*

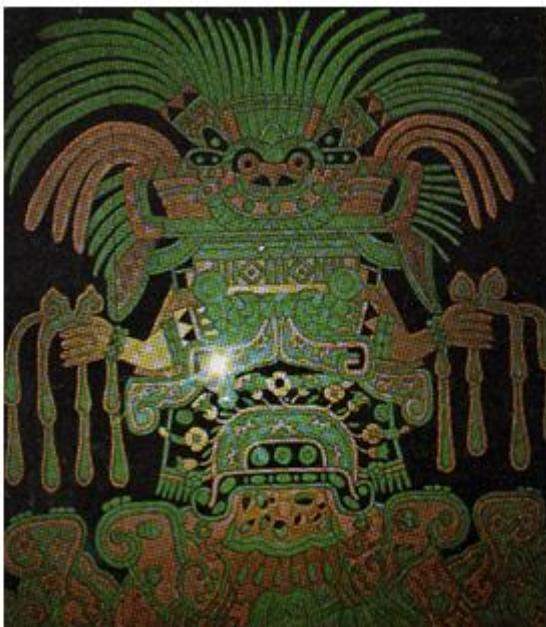


*Vista aérea da imponente
Pirâmide do Sol em vale
sagrado dos astecas serpente -
Diego Rivera*



*Gigantesca cabeça
de pedra proveniente
da cultura Olmeca,
que como todas as
tribos da Indo-
América tem sua
origem na Atlântida.*

*Tlaloc, o Deus da
água, criatura
perfeita, que esta
alem do do mal,
vive no mundo
causal e voltará a
reencamar-se
durante a Era de
Aquário.*



CAPÍTULO 9 - A CRUZ DE SANTO ANDRÉ

André, o eremita, pescador humilde, servia ao CHRISTUS João, quando então se converteu em discípulo do Grande Cabir Jesus.

O evangelho cristão da Humanidade Solar diz-nos, com efeito, que o Grande Ser, ao iniciar sua missão esotérica, foi a Cafarnaum, cidade marítima da Galiléia, da qual o profeta Isaías havia dito: “O povo que jazia nas trevas viu uma grande luz, aos que jaziam na região sombria da morte surgiu uma luz”. (Mateus, 4:16.)

Indo então o Logos Solar pela margem do lago, tomou como primeiros discípulos os pescadores Pedro e André, “para fazê-los pescadores de homens”. (Ibid., 19.)

André acompanhou Jesus, o Grande Sacerdote Gnóstico, na milagrosa pesca do lago de Genesaré ou Jainesaré — o simbólico lago Jina — onde o Fogo Sagrado realizara tantos milagres.

Escritas estão com palavras de ouro no Livro da Vida várias ressurreições e milagres realizados por André depois da morte do Grande Cabir.

Conta a história dos séculos que vagueavam em Nicéia sete demônios tenebrosos e sinistros que matavam os viajantes; diante do veredicto da justiça pública, André, depois de transformá-los em cães, expulsou-os daquelas paragens.

O extraordinário suplício de André, repleto de enigmas e prodígios, tornou a cruz em forma de X muito célebre, e sobre a qual, de maneira desapidada, haviam atado seus membros separados.

Inegavelmente e sem exagero algum, podemos e devemos afirmar que este “X” simbólico, que é, certamente, uma “K” grega, foi, é e será sempre um dos símbolos mais valiosos do Esoterismo Cristão.

Muitas Irmandades Místicas adotaram o mágico signo de André. “X” — Krestos — o Peixe, etc.

É evidente que André foi especialmente aceito pelas Fraternidades Esotéricas da Escócia, cumprindo assinalar que essas instituições têm o Cardo como planta simbólica, e isto está provado.

Existiram, na Escócia, durante muitos séculos, diferentes Fraternidades Ocultistas de Santo André do Cardo.

Foi dito muitas vezes que homens incomuns como Tomás de Kempis, Raimundo Lullio, Nicolas Flamel, Sendivogius, Alberto o Grande, São Tomás de Aquino, Wigelius, Roger Bacon, Mathia Kornax, Paracelso, Arnaldo de Villanova e muitos outros foram membros ativos de fraternidades similares.

Se o imaculado Cordeiro de Deus, que tira os pecados do mundo, carrega a simbólica Cruz em sua Auriflama — como o hierofante Jesus sobre seus sangrentos ombros —, se a sustenta valentemente com o pé, tal como se vê em algumas imagens religiosas, é porque tem o sinal sagrado incrustado vivamente no mesmo pé.

Os que recebem o Espírito Inefável do FOHAT sagrado, que o trazem em si e que são devidamente marcados por seu sinal glorioso — diremos certamente e em nome da verdade que nada têm a temer do Fogo Elemental.

Estes são os autênticos Filhos do Sol, os verdadeiros discípulos de Hélios, que têm por guia o astro de seus antepassados.

O Sinal da Cruz, sublime monograma de Nosso Senhor Cristo, de que a cruz de Santo André e a milagrosa chave de São Pedro são duas réplicas maravilhosas de igual valor alquímico e cabalístico, é, pois, a marca capaz de assegurar a vitória aos Operários da “Grande Obra”.

No ponto central da cruz de Palenque está colocada a árvore da vida da Cabala hebraica; este é um verdadeiro prodígio do antigo México. É inegável que a “Árvore da Ciência do Bem e do Mal” e a “Árvore da Vida” compartilham suas raízes.

Nunca nos esqueçamos que, em torno da resplandecente Cruz, vista no mundo astral por Constantino, apareceram aquelas palavras proféticas que ele, depois, mandou ditoso pintar em seu lábaro: “In Hoc Signo Vinces” (Vencerás Por Este Sinal).

A Cruz Sexual — símbolo vivente do cruzamento do lingam-yoni —, tem o sinal inconfundível e maravilhoso dos três cravos usados para imolar o Cristo-Matéria, imagem das três purificações pelo ferro e pelo fogo, sem as quais o Senhor Quetzalcoatl, no México, não teria podido lograr a Ressurreição.

A Cruz é um hieróglifo antigo, alquímico do crisol ou cadinho (creuset), e que antes se chamava em francês cruzol, crucible, croiset. Em latim, crucibulum (crisol) tinha por raiz crux, crucis, cruz. É evidente que isso tudo nos convida à reflexão.

É no crisol que a matéria prima da Grande Obra sofre com infinita paciência a paixão do Senhor.

No Erótico Crisol da Alquimia Sexual morre o “Ego” e renasce a “Ave Fênix” de suas próprias cinzas.

INRI: “In Necis Renascor Integer” (Na Morte, Renascer Intato e Puro).

“A morte foi absorvida na vitória. Morte, onde está a tua vitória? Morte, onde está o teu aguilhão?”

Roger Bacon, em sua monumental obra intitulada Azoth⁶⁹ (livro por certo bastante similar ao Azug da poderosa Sabedoria Oriental), apresenta em uma gravura transcendental a primeira fase do processo alquímico por meio de um cadáver decomposto deitado na maravilhosa retorta da Alquimia.

O resplandecente Sol, a pálida Lua e os diversos mundos do nosso Sistema Solar de ORS, com todos esses símbolos alquímicos que por natureza lhes correspondem, dominam completamente a cena.

É muito estranho ver aquele cadáver erguendo a cabeça como se estivesse querendo ressuscitar dos mortos.

O corvo negro da alquimia sexual separa a carne dos ossos enquanto a essência anímica abandona o corpo.

Essa imagem do profano morto, ressuscitando logo depois da Iniciação, é inegavelmente e sem rodeios um símbolo osiriano extraordinário.

“A carne abandona os ossos”, frase litúrgica das Fraternidades de Santo André do Cardo e similares.

Aniquilação do querido Ego no Laboratorium-Oratorium do Terceiro Logos, este é o significado profundo das torturas de André na terrível cruz

⁶⁹ Em alquimia, é o princípio criador na Natureza, cuja parte mais densa encontra-se depositada na Luz Astral. É simbolizado pela figura de uma cruz. (N. da T.)

em forma de X. Horrível morte indispensável, que jamais poderia ser realizada com fogo vulgar.

É óbvio que para este trabalho, segundo a arte, requer-se a ajuda extra de um agente oculto, de um fogo secreto de tipo sexual, o qual, para dar uma ideia de sua forma, se parece mais com a água do que com uma chama.

Este fogo, ou esta água ardente, é a chispa vital transmitida pelo Logos à matéria inerte; é o FOHAT Divino encerrado em todo o criado, o Raio ígneo, a Kundalini, a Serpente Sagrada da Sabedoria de Anahuac, subindo pelo canal medular espinhal do Adepto.

A união do lingam-yoni sem ejaculação do Ens Seminis é, certamente, a chave específica através da qual Adão e Eva podem despertar a Serpente de Saturno em sua anatomia oculta.

A leitura bastante atenta de Artephius de Pontano e da obra intitulada “Epistola de Igne Philosophorum” é bem oportuna, porque nessas páginas imortais o leitor poderá encontrar indicações valiosas sobre a natureza e as características completas desse “Fogo Aquoso” ou dessa “Água ígnea”.

Nos pátios empedrados dos augustos e sagrados templos de Anahuac, os candidatos à Iniciação Humana e Solar, homens e mulheres, em troca mútua de carícias, realizavam a ligação do lingam-yoni (falo-útero), retirando-se após o coito químico sem ejacular o “Ens Seminis” (O Ente do Sêmen). Conseguiram, assim, o despertar da Serpente Saturnina.

A Transmutação Sexual do “Ens Seminis” em energia criadora é precisamente o axioma fundamental da ciência hermética.

Desde os tempos antigos a bipolarização desse tipo extraordinário de energia dentro do organismo humano foi analisada mui cuidadosamente nos Colégios Iniciáticos do México, Peru, Egito, Iucatã, Grécia, Índia, Tibete, Fenícia, Pérsia, Caldéia, Tróia, Cartago, etc.

A ascensão milagrosa da energia seminal até ao cérebro torna-se possível graças a um par de cordões nervosos que, em forma de Oito, desenvolvem-se à direita e à esquerda da espinha dorsal.

Na filosofia chinesa, esses dois cordões são conhecidos com os nomes clássicos de “Yin” e de “Yang”, sendo o “TAO” o caminho do meio, o canal medular, a via secreta por onde sobe a serpente.

É evidente que o primeiro desses dois canais é de natureza lunar e, o outro, solar. Quando os átomos lunares e solares entram em contato no “tribeni”, perto do cóccix, despertam a Serpente ígnea de nossos mágicos poderes.

Os cabalistas hebreus falam-nos da Misteriosa Daath que aparece na Árvore da Vida, à qual nunca se lhe atribui nem mesmo nome divino, nem hoste angélica de espécie alguma, e que tampouco tem algum signo mundano, planeta ou elemento.

Daath, a Sefirah⁷⁰ do Mistério Hebreu, é produzida pela união esotérica de ABBA, o Pai que está oculto, e de AMA, a Mãe Suprema. O Pai e a Mãe, Osíris e Ísis, estão perpetuamente unidos em Yesod, o Fundamento, a Nona Sefirah, o Sexo, mas oculto pelo Mistério de Daath, ou Conhecimento Tântrico, que se processa com a SAHAJA MAITHUNA (Magia Sexual).

Entre esses dois aspectos bipolares da Criação — Nosso Pai que está em secreto e nossa Divina Mãe Kundalini — vai tecendo e destecendo o tear da vida.

Conta a história dos séculos que, quando Sémele, a mãe de Dionísio, viu Zeus, seu divino amante, em sua forma divina de Raio, queimou-se e caiu fulminada, dando prematuramente à luz seu filho.

É claro que ninguém pode ver Deus cara a cara sem morrer. A morte do Mim Mesmo, do Si Mesmo é indispensável antes de se poder contemplar a face resplandecente do “Ancião dos Dias”.

Assim como a vida representa um processo de exteriorização ou extroversão gradual e sempre mais completo, também a morte do Ego é um processo de interiorização gradativo, em que a consciência individual, a essência pura, se despoja lentamente de suas inúteis vestimentas, igual a Ishtar em seu simbólico descenso, até ficar inteiramente nua e desperta em si mesma diante da Grande Realidade da Vida livre em seu Movimento.

Para que a luz que constitui a essência anímica aprisionada no Ego Animal comece a brilhar, fulgurar e resplandecer, é evidente que ela deve liberar-se.

⁷⁰ Forma singular do substantivo plural Sephiroth. Cada uma delas representa uma fase de evolução e, na linguagem dos rabinos, as Dez Esferas recebem o nome de Dez Emanações Sagradas. Assim, Sefirah equivale a esfera. (N. da T.)

Em verdade lhes digo que isto só é possível passando pela terrível aniquilação budista: dissolvendo o EU, morrendo em si mesmos.

A energia sexual é certamente um poder tremendo, explosivo em alto grau, maravilhoso. Aquele que aprender a usar a arma erótica, a lança dos pactos mágicos, poderá reduzir a pó cósmico o Eu da Psicologia.

Cabe aqui afirmar categoricamente que a lança, como símbolo ocultista da força sexual, viril, desempenha um grande papel em numerosas lendas orientais por ser o instrumento de salvação e liberação, que, brandida sabiamente pelo asceta Gnóstico, permite-lhe reduzir a cinzas todo esse conjunto de elementos indesejáveis que formam o Ego, o Mim Mesmo, o Si Mesmo.

Longino, na Paixão de Nosso Senhor, o Cristo, desempenha o mesmo papel esotérico que São Miguel e São Jorge. Como é evidente, Cadmo, Perseu e Jasão fazem o mesmo papel entre os pagãos.

Atravessar o Dragão ou traspassar com uma lançada o lado do corpo de Cristo, como faziam os cavaleiros celestes ou os heróis gregos, é algo profundamente significativo.

A Cruz de Santo André e a Lança Santa alegorizam integralmente todo o trabalho da aniquilação budista.

As crateras⁷¹ sagradas de todas as religiões representam o órgão sexual feminino da geração e também da regeneração, e certamente corresponde ao vaso cosmogônico de Platão, à copa de Hermes e de Salomão e à urna bendita dos mistérios antigos.

A Mãe de nossa carne ou a mulher da serpente é célebre nas tradições mexicanas, que a representam caída de seu estado primitivo de felicidade e inocência.

Segundo os livros de Zoroastro, o primeiro homem e a primeira mulher foram criados puros e obedientes a Ormuzd⁷², seu criador. Ahriman viu-os e sentiu-se enciumado de sua felicidade. Abordou-os na forma de cobra, presenteou-os com alguns frutos e convenceu-os de que ele mesmo era o criador do universo inteiro. Eles acreditaram e, a partir daí sua natureza corrompeu-os completamente.

⁷¹ Em arqueologia, vasilhas antigas de grande tamanho. (N. da T.)

⁷² Ou Ahura-Mazda. (N. da T.)

Os monumentos e as tradições dos hindus confirmam a história de Adão e Eva e de sua queda. Esta tradição existe também entre os budistas tibetanos e era ensinada pelos chineses e antigos persas.

O pecado original é, pois, a raiz do Ego, a “causa causorum” do Mim Mesmo, do Si Mesmo.

Às penitências que se celebravam entre diversos povos para purificar a criança ao nascer nesta vida constituem, de fato, um pacto de Magia Sexual.

No Iucatã, México, levava-se a criança ao templo, onde o Sacerdote derramava em sua cabeça a água destinada ao batismo e lhe dava um nome. Nas Ilhas Canárias, as mulheres desempenhavam essa função em lugar dos sacerdotes.

Adão e Eva aparecem sempre separados pelo tronco da árvore paradisíaca. Na maioria dos casos, a serpente, enrolada em torno dele, é representada com cabeça humana.

Só através do pleno cumprimento do pacto mágico sexual do sacramento do batismo é possível aniquilar o pecado original para retornar ao paraíso.

Yakin e Boaz, Urim e Tumin, Apolo e Diana são certamente as duas colunas principais do templo da Sabedoria.

No meio das duas colunas do Templo encontra-se o Arcano A.Z.F., a Chave da Grande Obra.

Goethe, adorando sua Divina Mãe Kundalini, a Serpente Sagrada que ascende pelo caminho do TAO (a medula espinhal), exclamava tomado pelo êxtase:

“Virgem pura no mais belo sentido,
mãe digna de veneração, rainha eleita
por nós e de condição igual à dos Deuses..”.

Anelando morrer em si mesmo aqui e agora, aquele Grande Iniciado, durante a Cópula Metafísica, depois de haver compreendido todo erro psicológico, gritava com todas as forças de sua Alma:

“Flechas, transpassai-me;
lanças, subjugai-me; clavas,
feri-me.

Desapareça tudo, desvaneça-se tudo.
Brilhe a estrela perene, foco
do eterno amor”.

Compreender e eliminar, eis aí a Chave da Cruz de Santo André; assim é que vamos morrendo de instante a instante.

É impossível eliminar radicalmente um defeito psicológico sem antes havê-lo compreendido em todos os níveis da mente.

Durante o “coito químico”, Devi Kundalini, nossa Mãe Cósmica particular, individual, pode e deve empunhar a Lança Santa, a Lança de Minerva, a Lança de Aquiles, a Arma de Longino para destruir o defeito psicológico que realmente tenhamos compreendido. “Pedí e vos será dado. Batei e abrir-se-vos-á”.

Conta a história dos séculos que o Senhor Quetzalcoatl, na véspera de sua queda, dizia: “Minhas casas de ricas plumas, minhas casas de caracóis, falam que tenho de deixar”.

“Então, cheio de alegria ordenou trazer a rainha, a Esteira Preciosa”.

“Ide e trazei convosco a rainha Quetzalpetatl (a Eva da mitologia hebraica), a que é deleite de minha vida, para que juntos bebamos, bebamos até embriagar-nos”.

“Foram os pajens até ao palácio de Tlamachuayan e dali trouxeram a rainha”.

“Senhora rainha, filha minha, manda-nos o rei Quetzalcoatl que te levemos para ele: quer que com ele gozes”.

“Quando Quetzalpetatl chegou, foi sentar-se junto ao rei; deram-lhe de beber quatro vezes, e a quinta foi em honra de sua grandeza”.

“E quando ficou embriagada, os magos começaram a cantar e o rei Quetzalcoatl levantou titubeante e disse à princesa em meio aos cânticos: Esposa, gozemos bebendo deste licor”. (Refere-se ao licor da luxúria.).

“Como estavam embriagados, já não mais falavam com sensatez”. (O luxurioso não entende a razão.)

“O rei não fez penitência, não foi ao banho ritual e tampouco foi orar no templo. Por fim, o sono venceu-os. E, ao despertarem no outro dia, os dois entristeceram, com o coração oprimido”.

(Na mitologia hebraica diz-se que Adão e Eva também ficaram muito tristes depois de comerem o fruto proibido e tiveram seus olhos abertos e, sabendo que estavam nus, juntaram folhas de figueira e delas fizeram aventais.)

“Falou então Quetzalcoatl. Embriaguei-me, pequei; nada já poderá mais tirar a mancha que lancei sobre mim. Depois, com seus guardiões, pôs-se a entoar um canto. Deixou a multidão que o esperava fora esperar mais”.

“Mortificado e triste, cheio de pena e angústia ao ver que seus maus atos já eram conhecidos e sem ninguém que o consolasse, pôs-se a chorar diante de seu Deus”.

(Este é um trecho textual da epopéia náuatle e nos convida a meditar.)

O que se segue é fácil de inferir, se lermos o Gênesis 3:23- 24 da Bíblia Hebraica:

“E Jeová o expulsou do jardim de Éden para cuidar da terra da qual fora formado. Ele baniu o homem e colocou, a leste do jardim de Éden, querubins e uma espada flamejante que não parava de se mover por todos os lados para guardar o caminho da Árvore da Vida”.

A fuga de Quetzalcoatl, sua saída misteriosa da Tula paradisíaca é, com efeito, insólita, inusitada. Dizem que depois queimou todas as suas casas de ouro e prata e de conchas Vermelhas e todos os primores da arte tolteca.

Obras de arte maravilhosas, obras de arte preciosas e belas, tudo enterrou, tudo lá deixou escondido em lugares secretos, quer dentro das montanhas, quer dentro das covas.

Riquíssimo tesouro inesgotável que depois teve de buscar e encontrar; riqueza esotérica escondida nas entranhas da Terra.

Parágrafos místicos de Anahuac que, sabiamente traduzidos em termos gnósticos e alquímicos, manifestam-se superiores.

A redução metálica do “Ouro Espiritual” é sempre a consequência ou corolário inevitável de toda queda sexual.

Quando aludimos às “Obras de Arte Maravilhosas”, às “Obras de Arte preciosas e belas”, convém, estudarmos nas entrelinhas a Grande Epístola Universal de São Tiago, o bendito patrono da Grande Obra. (Vide a Bíblia, Novo Testamento.)

Henoc encontrou o “tesouro escondido e imperecível” entre as montanhas viventes do monte Moria. Cada um de nós deve buscar sua herança perdida.

O “tesouro” jamais se encontra na superfície da Terra; é necessário descer ao Averno para achá-lo.

“Visita Interiora Terrae, Rectificatur Invenies Ocultum Lapidum”.
(Visite o Interior da Terra que, retificando, encontrarás a Pedra Oculta.)

É inegável que a “Pedra Filosofal” e todas essas pedras preciosas da Jerusalém Celestial, simbolizando virtudes e poderes cósmicos transcendentais, constituem o “Tesouro de Quetzalcoatl”, nossa riqueza íntima particular, que deixamos escondida ao sair do Éden e que devemos buscar dentro de nós mesmos, aqui e agora.

“Diante da Árvore da Velhice, o Senhor Quetzalcoatl viu sua face e, cheio de infinita dor, disse: velho estou”.

“Chegou outra vez em outro lugar e pôs-se a descansar; sentou-se sobre uma pedra e nela apoiou as mãos. Ali ficou olhando Tuia e começou a chorar”.

“Chorava com grandes soluços; um duplo fio de gotas qual granizo escorriam; pelo seu semblante rolavam as gotas e com suas lágrimas perfurou a rocha; as gotas de seu pranto que caíam na pedra furaram-na”.

“As mãos que na rocha havia apoiado nela ficaram bem impressas, como se a rocha fosse de lodo e nele houvesse imprimido suas mãos e também suas nádegas; na pedra em que estava sentado bem marcadas e impressas ficaram. Ainda podem ser vistas as marcas de suas mãos ali onde se chama Temacpalco”.

Na realidade e “stricto sensu” é na “Rocha”, na “Pedra” (no Sexo) que subjaz escondida a eletricidade sexual transcendente que pode tanto escravizar como libertar o homem.

Estas notas defínitorias convidam-nos à reflexão: o fenômeno quetzalcoatlíano manifesta-se sempre admirável e de palpante atualidade.

É evidente que não estamos dando explicações semânticas; apenas desejamos comentar a Mensagem Quetzalcoatlíana de maneira fenomenológica.

Dizem que o bendito, depois de haver muito sofrido, chegou a um lugar que se chama “Ponte de Pedra”.

“Água há neste lugar (o “Ens Seminis”), água que emerge brotando, água que se estende e espalha”.

O esoterismo de Anahuac tem sido interpretado de maneira errônea e despreparada pelos antropólogos modernos, pois nada sabem dele. Desconhecem o sentido religioso destes cantos.

Embora isto pareça totalmente alheio ao Gnosticismo, no fundo não o é e devemos dar ênfase ao seguinte: “O Bendito voltou ao caminho que antes havia abandonado”. Dizem que quebrou uma rocha e fez uma ponte e por ela passou para a outra margem.

Assim foi que o Grande Avatar dos astecas retomou o caminho e chegou a um lugar que se chama “Água das Serpentes”.

Os autores árabes dão a esta fonte o nome de “Holmat” e nos ensinam também que suas águas deram a imortalidade ao profeta Elias. Situam a famosa fonte no “Modhallan”, termo cuja raiz significa “Mar Escuro e Tenebroso”, indicando, com isso, o “Caos Metálico”, esperma sagrado ou matéria prima da Grande Obra.

Este conhecimento escapa às análises racionalistas normais; trata-se de ensinamentos do tipo “supra-racional”, que somente podem ser apreendidos com o auxílio de um Guru.

O “Servus Fugitivus” que nos faz falta é uma “Água Mineral” e “Metálica”, sólida e cortante, com o aspecto de uma pedra e de fácil liquefação.

Esta água, coagulada em forma de massa pétrea, é o “Alkahest” e o dissolvente universal, a Água de Serpentes, a Alma Metálica do esperma sagrado, o Mercúrio da Filosofia secreta, manifestação maravilhosa da Transmutação Sexual.

Os sábios mostraram-se sempre muito reservados com relação ao Mercúrio Filosófico, cujas fases sucessivas o operador inteligente pode dirigir à sua vontade.

Se a técnica requer tempo e demanda algum esforço, em contrapartida é de uma extrema simplicidade. Não exige perícia alguma nem capacidade profissional, somente o conhecimento de um curioso artifício

que constitui esse “Secretum Secretorum” que nós, gnósticos, já divulgamos publicamente: união do lingam-yoni (falo-útero) sem jamais derramar na vida o “Vaso de Hermes”.

Karl Meagh disse: “Quando, no período da tensão muscular e antes da inversão das correntes, surge apensação da ejaculação iminente, o fluido seminal será detido pondo-se a língua para trás o máximo possível e contendo-se a respiração”.

“Recomenda-se também a contração dos músculos do ânus, como se se estivesse praticando o exercício da concentração sobre o chakra Muladhara”.

A “Alma Metálica do esperma” é o Hermes, o Mercúrio tintório que traz em si o “Ouro Místico”, do mesmo modo que São Cristóvão carrega Jesus, e o Cordeiro, seu próprio toirão.

Foi assim, através do Mercúrio da filosofia secreta, que o Bem-aventurado Senhor Quetzalcoatl regenerou o Ouro em sua Alma e em seu Espírito e nos “Corpos Existenciais Superiores do Ser”.

Os seres das trevas tentam em vão o bendito para que volte ao passado pecaminoso.

“De nenhum modo me é possível agora regressar, responde o Senhor, devo ir-me”.

“Aonde irás Quetzalcoatl?”

“Vou, digo-lhes, à Terra de Cor Vermelha, vou adquirir saber”.

“Eles dizem-lhe: e ali, o que farás?”

“Eu vou a chamado: o Sol me chama.”

“Está muito bem. Deixe, então, a cultura tolteca”.

“E o santo jogou na água — seus bens materiais, as coisas ilusórias deste mundo —, seus colares de pedras preciosas que, naquele mesmo instante, desapareceram. Desde então aquele lugar chama-se “Água de Ricas Joias”.

“Avança um pouco mais, chega a outro sítio chamado ‘Lugar Onde Dormem’”. (O Orco dos clássicos e o Limbo dos cristãos, ambos significando o Sono da Inconsciência neste Vale de Lágrimas.)

“Ali sai ao seu encontro um Adepto da Mão Esquerda que pergunta: aonde vais? O bendito respondeu:”

“Vou à Terra de Cor Vermelha, vou adquirir Sabedoria”. “Muito bem, beba este vinho do esquecimento, eu vim trazê-lo para ti”.

“Não, não posso, nem posso sequer prová-lo um pouco”. “Terás forçosamente de beber; tampouco eu posso deixar-te passar, nem permito que sigas teu caminho sem que bebas. Tenho de fazer-te beber e ainda embriagar-te. Beba, pois!” “Então Quetzalcoatl com uma Copa — pois era um Bodhisattva caído — bebeu vinho”.

“E uma vez tendo bebido, caiu rendido no caminho e começou a roncar em seu sono (durante muitas reencarnações passando por indizíveis amarguras), e seu ronco era ouvido de muito longe. Quando, afinal, acordou (despertou a consciência novamente), olhou de um lado e de outro, olhou para si mesmo e alisou o cabelo. Daí o nome daquele sítio: “Lugar Onde Dormem”.

“Empreendeu de novo a viagem, chegou ao cimo que está entre o Monte Fumegante — que simboliza o Lingam — e a Mulher Branca — que simboliza o Yoni — e ali, sobre ele e os acompanhantes que consigo levava, seus bufões e seus aleijados — seus agregados psíquicos ou elementos inumanos — caiu a neve e, congelados, todos caíram mortos”.

“Que a carne abandone os ossos”, exclamavam os velhos alquimistas medievais, durante o “coito químico”.

Esotéricos tormentos das fraternidades de Santo André do Cardo. Indubitavelmente, a Cruz em “X” é o símbolo maravilhoso da morte de todos esses elementos inumanos que, em seu conjunto, constituem o Ego, o Eu.

Alegórico suplício de Santo André, torturas estupendas na “Nona Esfera” (Região do Sexo), arrependimentos, aniquilação budista.

Só é possível criar o Ouro do Espírito ou Regenerá-lo com a aniquilação de todos esses bufões, aleijados, agregados psíquicos que personificam nossos defeitos.

O Bendito ora cantava ora chorava; e trabalhava com infinita paciência na “Forja dos Ciclopes” (o Sexo).

“Chorou demoradamente e de seu peito lançava fundos suspiros. Fixou o olhar na Montanha Matizada — a Montanha da Ressurreição — e para lá dirigiu-se. Por todas as partes ia fazendo milagres e deixando sinais admiráveis de sua passagem”. (Como outrora os fizera o Grande Cabir Jesus na Terra Santa.)

“Ao chegar à praia, fez uma armação de Serpentes — pois havia alcançado o desenvolvimento integral dos sete graus de poder do fogo — e uma vez formada — acabada — sentou-se nela e dela se serviu como se fora um barco”.

Isto nos lembra Gautama, o Buddha, sentado sobre uma Serpente ao pé da árvore Boddhi, a Figueira extraordinária, magnífico símbolo da potência sexual.

Chovia e a água que formava poças, um açude enfim, ameaçava afogá-lo, mas Gautama sentado sobre a serpente serviu-se dela como barco.

A constante que podemos extrair de diversos textos nos fala da Serpente ígnea de nossos mágicos poderes, o aspecto feminino da Binah hebraica, a Esposa de Shiva, o Terceiro Logos, o Espírito Santo, a nossa Mãe cósmica particular que, mediante a eliminação dos elementos inumanos que carregamos dentro de nós, salva-nos das águas tormentosas da vida.

“O Bendito Senhor Quetzalcoatl foi-se afastando, deslizando nas águas — espermáticas no primeiro momento — e ninguém sabe como chegou ao lugar de Cor Vermelha”.

É evidente que o Grande Cabir Jesus também chegou à Terra de Cor Vermelha quando o vestiram de escarlata, pondo-lhe, ademais, uma coroa tecida de espinhos.

Então saudaram-no ironicamente, dizendo: “Salve, Rei dos Judeus!” “E cuspiendo nele, tomaram o caniço e batiam-lhe na cabeça, e ajoelhando-se diante dele faziam-lhe reverências”.

Na verdade, é no crisol sexual, erótico, que a matéria prima da Grande Obra, como o Cristo, sofre sua paixão; é no crisol da Nona Esfera que ela morre para depois ressuscitar purificada, espiritualizada, transformada.

Na Caldéia, os zigurates, geralmente torres de três andares, a cuja categoria pertenceu a famosa “Torre de Babel”, eram pintados com três cores: preta, branca e vermelho púrpura.

Para darmos uma ideia do alcance extraordinário que na filosofia hermética assume o simbolismo das cores da Grande Obra, observemos que sempre se representa a Virgem vestida de azul (equivalente à cor preta), a Deus de branco e a Cristo de vermelho.

Nos sagrados templos do antigo Egito dos Faraós, quando o recipiendário estava a ponto de sofrer as provas da Iniciação, um Mestre dele se aproximava e murmurava em seu ouvido a seguinte frase misteriosa: “Lembra-te que Osíris é um Deus Preto!”

É evidente que esta é a cor específica das trevas e das sombras brumosas, a do Diabo, a quem sempre se ofereceram rosas negras, e também a do Caos primitivo, onde todos os elementos e germes da vida se misturam e se confundem completamente; o símbolo do elemento terra, da noite e da morte radical de todos esses agregados psíquicos que, em sua totalidade, constituem o Mim Mesmo.

Sem dúvida, como no Gênese hebraico o dia sucede à noite, também a luz sucede à escuridão.

Bem-aventurados os que têm sido regenerados e purificados com o Sangue do Cordeiro (o Fogo Sexual); sempre trajarão vestimentas brancas.

Na Terra sagrada dos Faraós, Ptah⁷³, o Regenerador, usava sempre túnica de linho branco para indicar o renascimento dos puros, dos que morreram em si mesmos.

Para a aplicação sistemática de nosso ponto de vista relativo às cores da “Matéria Prima da Grande Obra”, é urgente e impreterível lembrar a nossos estudantes gnósticos que Quetzalcoatl, o Cristo mexicano, antes de chegar à Terra de Cor Vermelha, pôde usar com pleno direito a Túnica Amarela.

A cor branca sucede à preta, a amarela à branca, e a púrpura dos Reis Sagrados das Dinastias Solares sucede sempre à amarela.

Quando o Bendito chegou à terra de Cor Vermelha, cingiu sobre os rins a Púrpura dos Reis Divinos e ressuscitou dos mortos.

“Dizem que então viu-se nas águas como em um espelho (o Espelho da Alquimia). Seu rosto era belo outra vez (regressou ao Paraíso perdido); ataviou-se com as mais belas roupagens e havendo aceso uma fogueira, nela se arrojou (o Fogo Sexual acabou plenamente com seu Eu Psicológico não restando nem suas cinzas), e as aves de belas plumagens (as Aves do Espírito) tais como: o pintarroxo, a ave da cor de turquesa, a ave furta-cor, a ave

⁷³ Também Ftah, Fta ou Phtah. Divindade egípcia muito antiga, nasceu pela renovação de sua própria substância, da qual a substância procede. (N. da T.)

vermelha e azul, a ave amarela dourada e mil aves magníficas mais vieram ver como ardia”.

“Quando a fogueira apagou (consumada a Grande Obra) seu coração elevou-se e chegou até aos céus. Ali se transformou em estrela, e esta é o luzeiro da aurora e do crepúsculo. Antes baixara ao reino dos mortos e depois de ficar ali sete dias, subiu transformado em astro”.

O Iniciador sempre nos apresenta o espelho da Alquimia com uma mão, enquanto segura com a outra o Corno de Amaltheia⁷⁴; a seu lado, vemos a Árvore da Vida tão estudada pelos cabalistas hebreus; o espelho simboliza sempre o começo da obra; a árvore da vida indica seu final; e o corno da abundância, o resultado.

Quetzalcoatl transformou o Diabo, a Pedra Bruta material e grosseira, em Lúcifer, a Pedra angular da Grande Obra, o Arcanjo da Luz, a Estrela da Manhã.

O Diabo, o reflexo dos nossos Logoi interiores, foi a criatura mais perfeita antes que caíssemos na geração animal. “Branqueie o latão e queime teus livros”, repetem todos os Mestres da arte hermética.

O Bem-aventurado, ao passar pelas torturas dos “Irmãos da Fraternidade do Cardo” branqueou o Diabo, restituiu-o a seu estado resplandecente e primigênio.

Quem morre em si mesmo, aqui e agora, liberta Prometeu acorrentado e este o paga com acréscimos porque é um colosso com potestade sobre os céus, a terra e os infernos.

Lúcifer-Prometeu, integrado radicalmente com todas as partes de nosso Ser, faz de nós algo distinto, diferente, uma criatura exótica, um Arcanjo, uma Potestade extraordinariamente divina.

Cabe lembrar neste tratado que, quando as mulheres santas entraram no sepulcro do Salvador do mundo, em lugar do homem que haviam conhecido, viram um anjo coberto com uma larga roupa branca e apavoraram-se.

⁷⁴ Ou Amalthea, cabra que amamentou Júpiter e que, em paga desse serviço, foi colocada no céu com seus dois cabritos. De um de seus cornos, foi feita a cornucópia da abundância. (N. da T.)

Está escrito: “Ao que vencer e guardar minhas obras até o fim, conceder-lhe-ei autoridade sobre as nações. E as regerá com cetro de ferro, e serão quebradas como vaso de argila, como eu também recebi de meu pai. E lhe darei a Estrela da Manhã”. (Vênus-Lúcifer.)

Heinrich Khunrath, em seu Anfiteatro de Eterna Sabedoria, escreve: “Finalmente, quando a obra tiver passado do cinzento ao branco puro e, depois, ao amarelo, verás a Pedra Filosofal (o citado Arcanjo); nosso Rei — o Terceiro Logos —, elevado acima dos dominadores, sai de seu sepulcro vítreo, levanta-se de seu leito e acorre para nosso cenário mundano em seu corpo glorificado, isto é, regenerado e “PLUSCUAMPERFECTO”.

Digamos, para esclarecer, que a expressão “Pedra Filosofal” significa, segundo a língua secreta, Pedra que porta o Signo do Sol. Ora, este signo Solar vem caracterizado pela cor vermelha, que pode variar de intensidade.

Um velho alquimista disse: “O que nós perseguimos como todos os filósofos não é a união de um corpo e um espírito metálicos, mas a condensação, a aglomeração deste espírito em um envoltório coerente, resistente e refratário, capaz de abrigá-lo, de impregnar todas as suas partes e de assegurar-lhe uma proteção eficaz”.

“Esta alma, espírito ou fogo aglomerado (devidamente misturado com Vênus-Lúcifer), concentrado e condensado na mais pura, mais resistente e mais perfeita das matérias terrestres, é o que chamamos nossa pedra”.

“E podemos afirmar que toda obra que não tenha este espírito por guia e esta matéria por base, jamais conduzirá à meta proposta”.

CAPÍTULO 10 - ANTROPOLOGIA GNÓSTICA

Como os estudos Gnósticos progrediram enormemente nesses últimos tempos, nenhuma pessoa culta incorreria hoje, como outrora, no erro simplista de atribuir o aparecimento das correntes Gnósticas a uma única latitude espiritual.

Embora seja correto que devamos levar em consideração em qualquer sistema Gnóstico seus elementos helenístico-orientais, incluindo Pérsia, Mesopotâmia, Síria, Palestina, Egito, etc., nunca deveríamos ignorar os princípios perceptíveis nos sublimes cultos religiosos dos nauas, maias, chibchas, incas, quíchuas e outros da América indígena.

Falando franca e diretamente, diremos: “A Gnose é uma função bastante natural da consciência; uma ‘Philosophia Perennis et Universalis’”.

É, fora de toda e qualquer questão, o conhecimento iluminado dos Mistérios Divinos reservados a uns poucos, a uma elite.

A palavra “Gnosticismo” encerra em sua estrutura gramatical a idéia de sistemas ou correntes dedicados ao estudo da Gnose.

Este Gnosticismo implica uma série coerente, clara, precisa, de elementos fundamentais, verificáveis através da experiência mística direta como: a Maldição, do ponto de vista científico e filosófico; o Adão e a Eva do Gênese hebraico; o Pecado Original e a saída do Paraíso; o Mistério do Lúcifer náuatle; a Morte do Mim Mesmo; os Poderes Criadores; a essência do “Salvator Salvandus”; os Mistérios Sexuais; o Cristo interno; a Serpente ígnea dos nossos Mágicos poderes; a descida aos Infernos; o retorno ao Éden; o dom de Mefistófeles.

Somente as Doutrinas Gnósticas que impliquem os fundamentos Ontológicos, Teológicos e Antropológicos acima citados fazem parte do Gnosticismo autêntico.

PRÉ-GNÓSTICO é o sistema que, de forma concreta, evidente e específica, apresenta um caráter que é, de certo modo, detectável nos sistemas Gnósticos, tendo, porém, esse aspecto integrado em uma concepção “in totum” alheia ao Gnosticismo revolucionário. Um pensamento que certamente não é e, todavia é Gnóstico.

PROTOGNÓSTICO é todo sistema Gnóstico em estado incipiente e germinal; movimentos dirigidos por uma atitude bastante similar àquela que caracteriza as correntes Gnósticas definidas.

O adjetivo “Gnóstico” pode e até deve ser aplicado inteligentemente tanto a concepções que de uma ou outra forma se relacionem com a Gnose como com o Gnosticismo.

O termo “Gnostizante” encontra-se bem próximo de Pré- gnóstico por seu significado, já que a palavra, na realidade e “stricto sensu”, relaciona-se com aspectos intrínsecos que têm certa similaridade com o Gnosticismo Universal, embora integrados em uma corrente não definida como Gnose.

Estabelecidos firmemente estes esclarecimentos semânticos, passemos agora a definir com total clareza meridiana o Gnosticismo.

Cabe explicar aqui, neste trabalho, com ênfase, que o Gnosticismo é um processo religioso muito íntimo, natural e profundo. Esoterismo autêntico essencialmente, desenvolvendo-se de instante a instante, com vivências místicas muito particulares e com Doutrina e ritos próprios. Doutrina extraordinária que, fundamentalmente, adota a forma mítica e, às vezes, mitológica. Liturgia Mágica inefável com viva ilustração para a Consciência Superlativa do Ser.

É evidente que o conhecimento Gnóstico escapa sempre às análises normais do racionalismo subjetivo. O correlato deste conhecimento é a intimidade infinita da pessoa, ou seja, o Ser.

A razão de ser do Ser é o mesmo Ser. Só o Ser pode conhecer-se a si mesmo. O Ser, portanto, se Auto-conhece na Gnose.

O Ser, revalorando-se e conhecendo-se a si mesmo é a AUTO-GNOSE, e esta, indubitavelmente, em si mesma, é a Gnose.

O AUTO-CONHECIMENTO do Ser é um movimento supracional que depende dela, que nada tem a ver com o intelectualismo.

O abismo que existe entre o Ser e o EU é intransponível e, por isso, o Pneuma⁷⁵, o Espírito se reconhece e este reconhecer-se, para ele, é um ato

⁷⁵ Palavra grega que significa alento; vento; ar, alma, espírito; voz; a síntese dos sete sentidos. (N. da T.)

autônomo e para o qual a razão subjetiva do mamífero intelectual apresenta-se ineficaz, insuficiente e extremamente pobre.

Auto-conhecimento, auto-gnose implica a aniquilação do Eu como trabalho prévio, urgente, inadiável.

O Eu, o Ego é constituído de adições e subtrações de elementos subjetivos, inumanos, bestiais que, como é evidente, têm um princípio e um fim.

A Essência, a Consciência embutida, aprisionada, mergulhada que está entre os diversos elementos que constituem o Mim Mesmo, o Ego, infelizmente apresenta um processo doloroso em virtude de seu próprio condicionamento.

Com a dissolução do Eu, a essência, a consciência desperta, ilumina-se, liberta-se, sobrevivendo então como consequência ou corolário o Auto-conhecimento, a Auto-Gnose.

Evidentemente, a revelação legítima tem seus fundamentos irrefutáveis, irrefutáveis na Auto-gnose.

A revelação Gnóstica é sempre imediata, direta, intuitiva; exclui radicalmente as operações intelectuais de tipo subjetivo, nada tem a ver com a experiência e com a reunião de dados basicamente sensoriais.

A inteligência ou NOUS⁷⁶, em seu sentido gnoseológico, se bem que possa servir de embasamento à intelecção iluminada, recusa-se categoricamente a cair no vão intelectualismo.

Apresentam-se claras e evidentes as características ontológicas, pneumáticas ou espirituais de Nous (Inteligência).

Em nome da Verdade declaro formalmente que o Ser é a única existência real, diante de cuja transparência inefável e terrivelmente Divina, isso que chamamos Eu, Ego, Mim Mesmo, Si Mesmo, é simplesmente trevas exteriores, pranto e ranger de dentes.

A Auto-Gnose, o Reconhecimento Auto-gnóstico do Ser, dado a vertente Antropológica do Pneuma ou Espírito, é algo decididamente

⁷⁶ Com este termo, Platão designava a Alma ou mente superior; a divina Sabedoria superior. (N. da T.)

Salvador. Conhecer-se a si mesmo é haver alcançado a identificação com seu próprio Ser Divino.

Saber-se idêntico a seu “próprio Pneuma ou Espírito”, experimentar diretamente a identificação entre o conhecido e o cognoscível, é isso que podemos e devemos definir como Auto-gnose.

Como é evidente, esta revelação extraordinária convida-nos a morrermos em nós mesmos a fim de que o Ser se manifeste em nós.

O contrário, afastar-se do Ser, continuar como Ego dentro da Heresia da separatividade, significa condenar-se à Involução submersa nos Mundos Infernos.

Esta patente reflexão conduz-nos ao tema do “Livre Arbítrio” Gnóstico. É evidente que o Gnóstico sério é um eleito **a posteriori**.

A experiência Gnóstica permite ao devoto sincero conhecer-se e auto-realizar-se integralmente.

Entenda-se por auto-realização o desenvolvimento harmonioso de todas as infinitas possibilidades humanas. Não se trata de dados intelectuais caprichosamente distribuídos, nem de mera verborragia sem conteúdo e de conversa ambígua.

Tudo o que estamos dizendo nestes parágrafos deve ser traduzido como experiência autêntica, vivida, real.

Não existe nas correntes Gnósticas o Dogma da predeterminação Ortodoxa que nos aprisionaria lamentavelmente em uma estreita concepção da Divindade Antropomórfica.

Deus em grego é THEOS, em latim DEUS e em sânscrito DIV ou DEVA, palavra esta que se traduz por Anjo ou Anjos.

Ainda entre os mais conservadores povos semitas, o mais antigo Deus de luz, EL ou ILU, aparece nos primeiros capítulos do Gênese em sua forma plural sintética dos ELOHIM.

Deus não é nenhum indivíduo Humano ou Divino em particular. Deus é Deuses. Ele é o “Exército da Voz”, a “Grande Palavra”, o “Verbo” do Evangelho de São João, o Logos Criador, Unidade Múltipla Perfeita.

Auto-conhecer-se e auto-realizar-se no horizonte das infinitas possibilidades humanas implicam o ingresso ou o re-ingresso na “Hoste Criadora dos Elohim”.

E esta é a segurança do Gnóstico, o Ser se lhe revelou completamente, e seus esplendores maravilhosos destroem radicalmente toda ilusão.

A abertura do Pneuma ou Espírito Divino do homem encerra o conteúdo soteriológico⁷⁷ total.

Se hoje possuímos a Gnose dos Grandes Mistérios Arcaicos é porque alguns homens santos conseguiram chegar-se ao dinamismo revelador do Ser devido à sua lealdade doutrinária.

Sem uma prévia informação sobre a Antropologia Gnóstica seria mais do que impossível o estudo rigoroso das diversas peças antropológicas das culturas asteca, tolteca, maia, egípcia e outras.

Em questões de “Antropologia Profana” — desculpem-me a comparação — se se quiser encontrar resultados, deixe-se um macaco em plena liberdade dentro de um laboratório e observe-se a seguir o que acontece.

Os códices mexicanos, papiros egípcios, tijolos assírios, rolos do mar Morto, estranhos pergaminhos, assim como certos templos antiquíssimos, monólitos sagrados, velhos hieróglifos, pirâmides, sepulcros milenares, etc., oferecem em sua profundidade simbólica um sentido Gnóstico que, definitivamente, escapa à interpretação literal e que nunca teve um valor explicativo de caráter exclusivamente intelectual.

O racionalismo especulativo em vez de enriquecer a linguagem Gnóstica, empobrece-a, infelizmente, já que os relatos Gnósticos, escritos ou alegorizados sob qualquer forma artística, orientam-se sempre para o Ser.

E é nesta interessantíssima linguagem “semi-filosófica” e “semi-mitológica” da Gnose que se apresenta uma série de invariáveis extraordinárias, símbolos com fundo esotérico transcendental que, em silêncio, dizem muito.

Bem sabem os Divinos e os Humanos que o silêncio é a eloquência da sabedoria.

⁷⁷ De soteriologia, parte da teologia que trata da salvação do homem. (N. da T.)

As características que especificam claramente o “Mito Gnóstico” e que mutuamente se complementam entre si são as seguintes:

1. Divindade Suprema.
2. Emanação e Queda Pleromática⁷⁸.
3. Demiurgo Arquiteto.
4. Pneuma no Mundo.
5. Dualismo.
6. Salvador.
7. Retorno.

A Divindade Suprema Gnóstica é caracterizável como AGNOSTOS THEOS, o Espaço Abstrato Absoluto, o Deus Ignorado ou Desconhecido, a Realidade Una, da qual emanam os Elohim na aurora de qualquer criação universal.

Recorde-se que “Paranishpanna” é o “Summum bonum”, o Absoluto e, portanto, o mesmo que “Paranirvana”.

Mais tarde, quando tudo parecer existente neste Universo, virá a ter existência real no estado de “Paranishpanna”.

É evidente que as faculdades de cognição humana jamais poderiam passar além do Império Cósmico do Logos Macho- Fêmea, do Demiurgo Criador, do Exército da Voz (o Verbo).

JAH-HOVAH, o Pai-Mãe secreto de cada um de nós é o autêntico JEHOVAH.

JOD, como letra hebraica, é o “Membrum Virile” (o Princípio Masculino). EVE, HE VE (Eva), o mesmo que HEBE, a Deusa grega da mocidade e a Noiva Olímpica de Hércules, é o “Yoni”, o Cálice Divino, o “Eterno Feminino”.

O Divino Rabi da Galiléia, em lugar de render culto ao Jeovah Antropomórfico da Judiaria, adorou seu Divino “Macho- Fêmea” (Jah-Hovah), o Pai-Mãe Interior.

⁷⁸ Do grego pleroma, que significa plenitude. Termo gnóstico adotado para significar o mundo divino ou Alma universal. O Espaço, desenvolvido e dividido em séries de éons. A mansão dos deuses invisíveis. (N. da T.)

O Bendito Crucificado no Monte das Caveiras exclamou com poderosa voz, dizendo: “Pai meu, em tuas mãos entrego meu espírito”. RAM-IO, Ísis, sua Divina Mãe Kundalini acompanhou-o na “via crucis”.

Todas as nações têm seu primeiro Deus ou Deuses como Andróginos; não podia ser de outra maneira, já que consideravam seus longínquos progenitores divinos, seus antepassados de duplo sexo, como Seres Divinos e Deuses Santos, o mesmo que hoje fazem os chineses.

De fato, a concepção artificial de um Jeová Antropomórfico, exclusivista, independente de sua própria obra, sentado lá em cima em um trono de tirania e despotismo, lançando Raios e Trovões contra este triste formigueiro humano, é o resultado da ignorância, mera idolatria intelectual.

Esta concepção errônea da Verdade, apoderou-se lamentavelmente tanto do filósofo ocidental, como do religioso filiado a qualquer seita desprovida completamente dos elementos Gnósticos.

O que os Gnósticos de todos os tempos têm rechaçado não é o Deus desconhecido, Uno e sempre presente na Natureza, ou a Natureza “in abscondito”, mas o Deus do Dogma Ortodoxo, a espantosa Divindade Vingativa da Lei de Talião (olho por olho, dente por dente).

O Espaço Abstrato Absoluto, o Deus Incognoscível, não é nem um vazio sem limites, nem uma plenitude condicionada, senão ambas as coisas ao mesmo tempo.

O Gnóstico esoterista aceita a revelação como procedente de Seres Divinos, das Vidas Manifestadas, mas nunca da Vida Una Não Manifestável.

A Divindade Incognoscível é o espaço abstrato absoluto, a Raiz sem Raiz de tudo quanto foi, é ou há de ser. Esta Causa Infinita e Eterna acha-se, conforme já antes referido, desprovida de toda classe de atributos; é luz negativa, existência negativa, está fora do alcance de todo pensamento ou especulação.

O Mito Gnóstico de Valentin, que de forma específica nos mostra os trinta “Éons Pleromáticos”, surgindo misteriosos do Espaço Abstrato Absoluto por emanações sucessivas e ordenadas em pares perfeitos, pode e deve servir de arquétipo, modelo de um Mito Monista que, de forma mais ou menos manifesta, encontra-se presente em todo sistema Gnóstico definido.

Este ponto transcendental da “Probolé” orienta-se classicamente para uma divisão ternária do Divino: o Agnostos Theos (o Absoluto), o Demiurgo, o Pré-Pai, etc.

O Mundo Divino, o âmbito glorioso do Pleroma, surgiu diretamente da Luz Negativa, da “Existência Negativa”.

Finalmente, o Nous, Espírito ou Pneuma, contém em si mesmo infinitas possibilidades passíveis de desenvolvimento durante a manifestação.

Entre os limites extraordinários do Ser e do Não-Ser da Filosofia, produziu-se a multiplicidade ou queda.

O Mito Gnóstico da queda de Sofia (a Divina Sabedoria) alegoriza formalmente este terrível transtorno no seio do Pleroma.

O desejo, a fornicação, o querer destacar-se como Ego, origina o descalabro e a desordem, produz uma obra adulterada que, sem dúvida, permanece fora do âmbito Divino, embora nela fique apanhada a essência, o Buddhata, a Matéria Psíquica da criatura humana.

O Impulso até a Unidade da Vida Livre em seu Movimento pode desviar-se para o Eu e, na separação, urdir todo um mundo de amarguras.

A queda do homem degenerado é o fundamento da Teologia de todas as nações antigas.

Segundo Filolau, o Pitagórico (século V a.C.), os filósofos antigos diziam que a “Matéria Psíquica”, a Essência, estava enterrada no Eu, como em uma tumba, como castigo por algum pecado.

Platão assim testemunha que tal era a Doutrina dos órficos, e que ele mesmo a professava.

O desejo desmedido, o transtorno do regime da emanção, conduz ao fracasso.

O querer distinguir-se como Ego sempre provoca a desordem e a queda de qualquer rebelião angélica.

O autor do mundo das formas é, pois, um grupo místico de criadores Macho-Fêmeas ou Deuses Duplos, como Tlaloc, o Deus das chuvas e dos raios, e sua esposa Chalchiuhtlicue, a de saia de Jade, nos panteões maia, asteca, olmeca, zapoteca e outros.

Na palavra ELOHIM encontramos uma chave transcendental que nos convida à reflexão. É inegável que Elohim é traduzido por “Deus” nas diversas versões autorizadas e revisadas da Bíblia.

É um fato incontrovertível não só do ponto de vista esotérico, como também linguístico, que o termo Elohim é um substantivo feminino com uma terminação plural no masculino.

A tradução correta, “stricto sensu”, do nome Elohim é Deusas e Deuses.

“E o Espírito dos Princípios Masculino e Feminino movia-se sobre a superfície do informe, e a criação teve lugar”.

Não resta dúvida que uma religião sem Deusas está a meio caminho do completo ateísmo.

Se queremos de verdade o equilíbrio perfeito da vida anímica, devemos render culto a Elohim (os Deuses e as Deusas dos tempos antigos) e não a Jeová Antropomórfico rechaçado pelo Grande Cabir Jesus.

O culto idólatra do Jeová antropomórfico em vez de Elohim é, por certo, um poderoso obstáculo ao logro dos estados de consciência supranormais.

Os antropólogos Gnósticos, em vez de rirem céticos — como os antropólogos profanos — diante das representações de Deuses e Deusas dos diversos panteões asteca, maia, tolteca, inca, chibcha, druida, egípcio, hindu, caldeu, fenício, mesopotâmico, persa, romano e outros, inclinamo-nos humildes aos pés dessas Divindades, porque nelas reconhecemos o Elohim Criador do Universo. “Quem ri do que desconhece, está no caminho de ser idiota”.

O desvio do Demiurgo Criador, a antítese, o fatal, é a inclinação para o Egoísmo, a origem real de tantas amarguras.

É evidente que a consciência egóica se identifica com JAHVE, o qual, segundo Saturnino de Antioquia, é um Anjo caído, o Gênio do mal.

A Essência, a Consciência aprisionada no Ego, se processa dolorosamente no tempo, em virtude de seu próprio condicionamento.

A situação — por certo não muito agradável — repetida incessantemente nos relatos Gnósticos sobre o Pneuma, submetido cruelmente

às potências da Lei, ao Mundo e ao Abismo, faz-se demasiado evidente para nela insistirmos aqui.

São manifestas a debilidade e a impotência desconcertantes do pobre “Mamífero Intelectual”, equivocadamente chamado “Homem”, para levantar-se do lodo da terra sem o auxílio do Divino.

Há um refrão popular que diz: “A Deus rogando e com a Mão dando”.

Somente o “Raio ígneo”, imperecível, encerrado no fundo da substância escura, informe e fria, pode reduzir o Eu Psicológico a pó cósmico para libertar a Consciência, a Essência.

Com palavras ardentes, declaramos: unicamente o “Hálito Divino” pode nos reincorporar na Verdade; todavia, isto só é possível à base de trabalhos conscientes e sofrimentos voluntários.

A posse específica da Gnose é sempre acompanhada de certa atitude de estranheza diante deste Mundo Mayáxico, ilusório.

O Gnóstico autêntico quer uma mudança definitiva, sente intimamente os impulsos interiores do Ser; daí sua angústia, repulsa e perturbação diante dos diversos elementos inumanos que constituem o Eu.

Quem anela perder-se no Ser, impõe-se uma carga de reprovação e de espanto ante os horrores do “Mim Mesmo”.

Contemplar-se como um momento da totalidade é saber-se infinito e rechaçar com todas as forças do Ser o Egoísmo repugnante da separatividade.

Dois estados psicológicos abrem-se perante o Gnóstico definido:

A - O do Ser, transparente, cristalino, impessoal, real e verdadeiro; e

B - O do Eu, conjunto de agregados psíquicos personificando defeitos, cuja única razão de existir é a ignorância.

“Eu superior e Eu inferior” são tão somente duas partes de uma mesma coisa, aspectos distintos do Mim Mesmo, facetas variadas do Infernal.

É, pois, o sinistro, esquerdo e tenebroso Eu Superior, Médio ou Inferior, Adição, Subtração e Multiplicação contínua de Agregados Psíquicos Inumanos.

O denominado “Eu Superior” é certamente uma artimanha do Mim Mesmo, um ardil intelectual do Ego que busca escapatórias para continuar existindo, uma forma muito sutil de auto-engano.

O Eu é uma obra horripilante de muitos tomos, o resultado de inumeráveis tempos passados, um nó fatal que é preciso desatar.

A auto-apologia egóica, o culto ao Eu, a super-estima do Mim Mesmo, é paranoia, idolatria da pior espécie.

A Gnose é revelação ou desvelação, aspiração refinada, síntese conceituai, ganhos máximos.

É evidente que, tanto em essência como em acidente, GNOSE e GRAÇA são identificáveis fenomenologicamente.

Sem a Graça Divina, sem o auxílio sublime do Hálito Sagrado, a auto-gnose, a auto-realização íntima do Ser seria algo mais que impossível.

Auto-salvar-se é o indicado e isto exige plena identificação do que salva e do que é salvo.

O Divino, que mora no fundo da Alma, a autêntica e legítima faculdade cognoscitiva, aniquila o Ego e absorve em sua “PAROUSIA”⁷⁹ a Essência e, em total iluminação, a salva. Este é o tema do “Salvator Salvandus”.

O Gnóstico salvo das águas encerrou o CICLO das amarguras infinitas; franqueou o limite que separa o âmbito inefável do Pleroma das regiões inferiores do Universo; escapou valentemente do Império do Demiurgo porque reduziu o Ego a poeira cósmica.

A passagem através dos diversos mundos, a aniquilação sucessiva dos elementos inumanos, afirma esta reincorporação no Sagrado Sol Absoluto. Depois, transformados em criaturas extraordinariamente divinas, passamos para mais além do bem e do mal.

⁷⁹ Palavra grega, que significa Presença. Para os evangelistas refere-se à Vinda do Filho do Homem e, para os cristãos, é o segundo advento do Cristo. (N. da T.)

CAPÍTULO 11- MÉXICO-TENOCHTITLAN

Tenochtitlan tem explicação bem clara e simples, desprovida de artifícios inúteis: Lugar do Tenochtli⁸⁰, nopal de fruto duro.

O cacto tradicional nascido na rocha dura é um glifo muito antigo dos Mistérios arcaicos, o signo mágico e Místico da cidade.

México, etimologicamente, procede da raiz “Metzli” (Lua) e “Xictli” (Umbigo óu Centro).

México, palavra clássica pré-colombiana, pode e até deve ser traduzida assim: “a Cidade que está no meio do Lago da Lua”.

Basta recordar o fato de o povo vizinho dos otomis ter sempre designado esta senhorial cidade pela denominação dupla de “anbondo amadetzana”. Ora, em otomi, “bondo” quer dizer nopal e “amadetzana”, no meio da lua.

A águia triunfante pousada sobre o nopal e devorando uma serpente — o brasão de armas dos Estados Unidos do México — nada mais é que a reprodução fiel do glifo arcaico que outrora designava a Grande Tenochtitlan.

Ainda, acima da fama, os antigos mexicanos nunca se esqueceram de que sua metrópole, imponente e magnífica, fora fundada nos pântanos por uma tribo humilde e menosprezada.

Uma lenda muito velha, que se perde na noite dos séculos, relata como os anciãos descobriram, com grande assombro, **intollihtic inacaihtic**, “no meio dos juncos, no meio dos carriços”, certos vegetais e criaturas animais que o Deus Huitzilopochtli lhes anunciara: o salgueiro branco, a rã cor de esmeralda, o peixe branco, etc.

“Quando os viram, os anciãos choraram e disseram: ‘Assim, é aqui, pois, que será (nossa cidade), já que vimos o que nos anunciou e disse Huitzilopochtli.’ Mas, na noite seguinte, o Deus chamou o Sacerdote Cuauhcoatl (Serpente-Águia) e disse-lhe: ‘Ó Cuauhcoatl! Viste tudo o que há ali, entre os carriços, e ficaste maravilhado!’ ”

“ ‘Mas escuta: ainda há outra coisa que tu não viste; vais logo descobrir o cacto Tenochtli, sobre o qual estará pousada alegremente uma

⁸⁰ Figueira-da-barbaria, ou figueira-da-índia, ou figueira-do-diabo. (N. da T.)

águia... lá nos estabeleceremos, dominaremos, esperaremos, encontraremos pessoas diferentes, que com nosso esforço e inteligência, com nossa flecha e escudo combateremos e conquistaremos... pois lá se erguerá nossa cidade, México-Tenochtitlan, onde a águia dá seu grito, abre as asas e come, onde o peixe nada, onde a serpente é devorada, e nela acontecerão muitas coisas!’ ”

Cuauhcoatl, o Ministro do Altíssimo, extasiado, reuniu imediatamente os mexicanos na praça para transmitir-lhes a palavra do Senhor.

E os moços e todas as mulheres, e os velhos e as crianças, transbordantes de júbilo, seguiram-no aos pântanos, em meio às plantas aquáticas e aos carriços e, de repente, algo insólito acontece, o espanto é geral, descobrem o sinal prometido, a águia rebelde pousada sobre o nopal, em pleno festim macabro, devorando uma Serpente.

Foi nesses instantes de admiração e felicidade que o Lúcifer náuatle clamou com Grande Voz, dizendo: “Ó, mexicanos, ali estarei”.

“Então eles choraram, exclamando: ‘Merecemos alcançar nosso desejo!’ ”

“ ‘Vimos e ficamos admirados do lugar onde será a nossa cidade. Vamo-nos e descansemos.’ ”

Estudados bem judiciosamente estes parágrafos de conteúdo essencial, passaremos a uma análise profunda.

A Serpente é, sem contestação, o símbolo esotérico da Sabedoria e do conhecimento oculto. Desde os tempos antigos, tem estado relacionada ao Deus da Sabedoria.

A Serpente é o símbolo sagrado de Thot ou Taut... e de todos os Deuses Santos, tais como: Hermes, Serapis, Jesus, Quetzalcoatl, Buddha, Tlaloc, Dante, Zoroastro, Bochica e muitos outros. Todo Adepto da Fraternidade Branca Universal pode ser devidamente representado pela “Grande Serpente”, que ocupa lugar tão evidente entre os símbolos dos Deuses nas pedras negras que registram os trabalhos babilônicos.

Dupuis fala que Esculápio, Plutão, Esmun e Kneph são todos Deuses curadores, doadores da saúde espiritual e física e da iluminação.

Os Brâmanes obtiveram sua cosmogonia, ciência e artes civilizatórias dos famosos “Naga-Maias”, chamados depois de DANAVAS.

Os Nagas e os Brâmanes usaram o símbolo sagrado da Serpente emplumada, signo este indiscutivelmente mexicano e maia.

Os Upanishads contêm um tratado sobre a Ciência das Serpentes, ou o que é o mesmo, sobre a Ciência do Conhecimento Oculto.

Os Nagas (Serpentes) do Budismo Esotérico são Homens autênticos, perfeitos, auto-realizados, em virtude de seu conhecimento oculto, e protetores da Lei do Buddha porquanto interpretam corretamente suas Doutrinas metafísicas.

A Coroa aspídea, a Thermuthis, pertence a Ísis, nossa Divina Mãe Kundalini particular, individual, pois cada um de nós tem a sua.

Kundalini, a Serpente ígnea de nossos Mágicos poderes, enroscada dentro do Centro Magnético do Cóccix (Base da Espinha Dorsal), é luminosa como o relâmpago.

O Grande Cabir Jesus de Nazaré jamais teria aconselhado seus Discípulos a serem tão sábios como a Serpente se esta fosse um símbolo do mal.

É bom recordar que os Ofitas, os Sábios Gnósticos Egípcios da “Fraternidade da Serpente”, nunca teriam adorado uma cobra viva em sua Liturgia, como símbolo da Divina SOFIA (Sabedoria), se esse réptil estivesse relacionado com as potências do mal.

A Serpente, como Divindade Feminina em nós, é a Esposa do Espírito Santo, nossa Virgem Mãe chorando ao pé da Cruz Sexual, com o coração atravessado por sete punhais.

“Stella Maris”, a Estrela do Mar, Marah, Maria, ou melhor diríamos, RAM-IO, a Serpente de fogo elevada vitoriosamente pela medula espinhal do Adepto, é o nosso próprio Ser, porém derivado, que a Águia, o Terceiro Logos, deve devorar.

Os velhos sábios da Terra Sagrada de Maiab, desde a noite profunda dos séculos, enfatizaram sempre a ideia transcendental dos banquetes da Serpente; precisamos ser devorados pela Serpente.

É oportuno citar aqui Tonantzin, nossa Divina Mãe Kundalini particular, individual, a “Mulher-Serpente”, “Deus- Mãe”.

A clássica Medéia de Anahuac, o reverso da medalha, é Coatlicue, a Serpente que aniquila o Ego antes do festim.

A Saturnina Serpente não come nada que seja imundo, asqueroso; ela, a Divina Esposa de Cronos, somente pode devorar princípios anímicos e espirituais, corpos gloriosos, forças, faculdades, etc.

Em nome da Verdade, devemos formular o seguinte enunciado: sem exceção específica particular, nenhum Iniciado, nem mesmo sequer aqueles que, segundo a Tradição Esotérica Ocidental, alcançaram o Grau de “Adeptus Exemptus”, poderia desfrutar dos poderes da Serpente sem antes ter sido por ela devorado.

Não basta lograr a ascensão da Serpente ígnea de nossos Mágicos poderes ao longo do canal da medula espinhal, de chakra em chakra; torna-se urgente, inadiável, impostergável, sermos devorados pela Serpente... Só assim nos transformaremos em algo distinto, diferente.

“No livro magistral de Brasseur de Bourbourg, Votan⁸¹, o Semi-Deus Mexicano, ao narrar sua expedição, descreve uma passagem subterrânea que seguia seu curso sob a terra e terminava na raiz dos céus, acrescentando que esta passagem era um covil de serpentes, e que ele fora nela admitido porque ele próprio era um “Filho das Serpentes”, ou seja, uma ‘Serpente’“. (Alguém que fora devorado pela Serpente.)

“Os Sacerdotes Assírios tinham sempre o nome de seu Deus. Também os Druidas das regiões celto-bretãs chamavam-se Serpentes. ‘Sou uma Serpente, sou um Druida’, exclamavam”.

“O Karnac egípcio é irmão gêmeo do Carnac bretão, significando, este último, o Monte da Serpente”.

De Bourbourg indica que “os chefes do nome do Votan, os Quetzcohuatl (o Quetzalcoatl ou Deus-Serpente dos mexicanos) são os descendentes de Cam e Canaã. ‘Eu sou Hivim’, dizem eles”.

“Sendo um Hivim, sou da Grande Raça dos Dragões (Serpentes). Eu mesmo sou uma Serpente, porque sou um Hivim”.

Ao Candidato ao Adeptado esperam sempre lutas espantosas, batalhas terríveis contra suas próprias paixões animais, personificadas nos

⁸¹ Sacerdote negro, oriundo da Líbia e que, dizendo-se detentor da sabedoria outorgada ou haurida nos templos da deusa Maia, teria sido o primeiro sábio a pisar terras da América Central, onde fundaria a civilização que em homenagem àquela deusa recebeu o nome de Maia. Em viagens contínuas erigiu templos e fundou cidades desde Palenque (antiga Nachan) até Término, no Golfo do México. Quando faleceu, depois de estruturar um reino, foi por tal forma chorado pelo povo que depressa ganhou crédito de deus. (N. da T.)

múltiplos Agregados Psíquicos, ou elementos inumanos, que devem ser reduzidos a pó cósmico mediante o auxílio especial da “Mulher-Serpente”.

As Grutas dos Rishis, as mansões de Tirésias e dos videntes gregos, foram reproduzidas de acordo com as dos Nagas, os Reis Serpentes, que moravam em cavernas de rochas subterrâneas.

O Adepto Vitorioso transforma-se em um Filho da Serpente, e em uma Serpente que deve ser devorada pela Águia do Espírito (o Terceiro Logos).

Cronos-Saturno é Shiva, o Primogênito da Criação, o Ser de nosso Ser, o Arquihierofante e o Arquimago, a Águia de Anahuac.

A Mitologia Grega considera Cronos como um dos Deuses mais antigos, um verdadeiro criador de Deuses.

Saturno-Cronos, a Águia rebelde, devora a Serpente para nos transformar em Deuses.

Neste Mito, encontramos novamente a ideia transcendental segundo a qual quem dá a Vida é quem também dá a Morte.

É evidente que Saturno, com seu podão, transforma-se facilmente na Morte com sua foice.

Se a semente não morre, a planta não nasce; se a Serpente não fosse devorada pela Águia Saturnina, nunca seríamos Deuses.

Ovídio, falando sobre Saturno, diz; “Cronos foi um antiquíssimo Rei Divino do Lácio que ocupou no campo de Roma o monte que, em sua lembrança, chamou-se Janículo”. Uns asseveram que reinou na Etrúria e outros na Umbria. O primeiro templo edificado na Itália foi a ele consagrado.

Macróbio fala que foi o próprio Deus Saturno que, expulso do Céu por seu Filho Júpiter, desceu para viver entre os homens e, banido de Creta, foi acolhido na Itália, onde ensinou a agricultura, as artes e as ciências.

Também se diz que Cronos-Saturno fundou a cidade saturnina na Rocha Tarpéia, situada no Monte Capitolino, onde se erguia o Capitólio.

Muitos o consideram (Cícero, De Natura Deorum) como o CHÃOS THEOS, o âmago de onde saem todas as coisas e para onde hão de voltar, pois isto é o que significa seu nome, como Deus do Tempo e do Ano, razão pela qual assimilou o nome de EO (IO).

A Jnana, Yana, Gnana ou Gnose é a ciência de Saturno, ou seja, a Ciência do “Conhecimento Iniciático”; a Ciência de Einochion, ou do Vidente.

Faz-se necessário, porém, esclarecer que em nenhum dos parágrafos acima aludimos a um determinado Regente Planetário, Nazada ou Cabir; só nos referimos especificamente ao Saturno interno, ao Divino AUGOEIDES⁸², aos Logoi individuais, às Águias de cada um de nós.

É inquestionável que a Serpente devorada pela Águia se transforma, de fato e por direito próprio, em Serpente Emplumada.

Jesus, o Grande Cabir, foi uma Serpente emplumada, igual a Moisés, Dante, o Santo Lama, Buddha, Quetzalcoatl e muitos outros Hierofantes.

Os iogues hindustânicos falam com infinita reverência sobre o Matrimônio Divino de Shiva-Shakti, o Duplo Princípio Criador “Masculino-Feminino”.

“Ometecuhtli”, o Senhor (a Águia) e “Omeciuatl”, a Senhora (a Serpente) encontram-se plenamente manifestados na Serpente Emplumada.

“Cuauhcoatl” (Serpente-Águia), Alto Sacerdote de nosso bendito Deus Huitzilopochtli, era, evidentemente, um iluminado.

Cumpra lembrar que a Serpente Emplumada é o resultado de trabalhos conscientes e sacrifícios voluntários, plenamente simbolizados pelos espinhos do Nopal.

Serpente, Águia, Nopal, Pedra Filosofal, Água do Grande Lago, todos são extraordinários fundamentos esotéricos da Grande Tenochtitlan.

O códice Azcatitlan simboliza inteligentemente o início da vida mexicana em Tenochtitlan em um quadro que mostra alguns pescadores em canoa, ocupados na dura lide de pescar entre juncos e aves aquáticas.

Presunçosos utopistas que de modo algum valeria a pena citarmos, supõem, de maneira absurda, que isto tudo se passava no ano de 1325 de nossa era.

Parafraseando de forma socrática diremos: os ignorantes ilustrados não só ignoram como também não sabem que não sabem.

⁸² Palavra grega. É a radiação luminosa divina do Ser. (N. da T.)

Bem sabem os Deuses de Anahuac que a fundação da Grande Tenochtitlan ocultava-se na noite profunda dos séculos incontáveis que nos precederam no curso da História.

Os humildes fundadores da poderosa Civilização Solar, México-Tenochtitlan, dedicavam a maior parte de seu precioso tempo à pesca e à caça de aves aquáticas.

É claro que aquelas pessoas simples não tinham melhor aspecto que os demais “selvagens lacustres”, diante do altivo olhar dos vizinhos habitantes citadinos de Colhuacan, Azcapotzalco e Texcoco.

Suas armas eram a clássica rede de todos os tempos e o famoso propulsor de dardos (atlatl), tão indispensável para caçar aves no lago.

O povo mexicano venerava e honrava Deuses Santos (Anjos, Arcanjos, Principados, Potestades, Virtudes, Dominações, Tronos, Querubins e Serafins do Cristianismo).

Por conseguinte, é bem oportuno, na verdade, mencionar aqui alguns desses Deuses:

Atlaua⁸³ - o portador do propulsor de dardos.

Amimitl⁸⁴ - procede, segundo a etimologia, de “mitl”, flecha e “Atl”, água.

Opochtli⁸⁵ - o canhoto; assim deve ser traduzido: o que lança flechas com a mão esquerda.

⁸³ Divindade protetora dos astecas, logo depois da fixação destes no México central, quando caçavam aves lacustres. Significa literalmente “o portador do atlatl” e atlatl é o propulsor de dardos, arma ideal para aquele tipo de caçada, ainda hoje utilizado. (N. da T.)

⁸⁴ Deus que frequente e necessariamente demonstrava e exercia sua proteção para com os caçadores recém fixados na zona lacustre do México, época em que os vizinhos chamavam-nos atlaca chichimeca, o que significa “os selvagens lacustres”. Tal como o deus Atlaua, este Amimitl dedicava-se quase que exclusivamente às populações lacustres de Cuitlahuac, as quais dependiam da caça às aves do lago. O nome e o hino com que era saudado quando da partida dos caçadores, pertenciam a um dialeto náuatle praticamente esquecido e que os astecas diziam ser chichimeca. (N. da T.)

⁸⁵ Terceiro dos deuses invocados pelos caçadores de aves lacustres da região de Cuitlahuac, embora fosse originariamente o deus particular de um povoado da costa, Uichilat. Seus símbolos especiais eram a flecha especial para a caça ao pato e o propulsor de dardos. Na mitologia local, Opochtli tornou-se grande amigo de outro deus, Huitzi-lopochtli, talvez por serem ambos canhotos. (N. da T.)

Os Devas hindustânicos, os Malachim⁸⁶ hebraicos, os Deuses de Anahuac, os Anjos do cristianismo, são os princípios espirituais das forças maravilhosas da Natureza.

Ninguém pode controlar de forma absoluta essas forças naturais, a não ser que possua a Quinta Iniciação Qualificada do Mundo Causai, que é a de um Adepto.

É imprescindível ter sido aceito pelos Príncipes do Fogo, do Ar, das Águas e da Terra; é indispensável ter realizado a ultérrima natureza espiritual das Forças Naturais antes de nos convertermos. em Reis autênticos dos elementos universais.

Suplicar é diferente. As Sagradas Escrituras dizem: “pedí e vos será dado; batei e abrir-se-vos-á”. Os “atlaca chichimeca” prosternavam-se ante os Deuses Santos (os Anjos do cristianismo), e a resposta jamais se fazia esperar.

Os mexicanos sentiram-se felizes quando puderam comprar, de seus vizinhos de terra firme, madeira e pedras para edificarem sua cidade. Tal compra efetuava-se pelo sistema de escambo, trocando materiais úteis por peixes, girinos de rã, rãs, pequenos camarões, cobras d’água, moscas aquáticas, minhocas lacustres, patos, aves que vivem na água, etc.

Com infinita humildade, simplicidade e pobreza, edificaram um templo ao Arcanjo Huitzilopochtli, o verdadeiro fundador de México-Tenochtitlan.

Aquele Tabernáculo certamente era muito pequeno, bem de acordo com suas possibilidades econômicas; estabelecidos em terra estrangeira, entre juncos e carriços, é óbvio que essas pessoas não dispunham de pedra e madeira suficientes.

Conta a história dos séculos que a recordação daquela época, humilde e grandiosa concomitantemente, comemorava-se uma vez ao ano, durante as festas do mês “Etzalqualiztli”.

O “Ayauhcalli” ou Primeiro Oratório dedicado ao Nosso Divino Senhor Huitzilopochtli, foi construído ligeiramente a nordeste

⁸⁶ Mensageiros, anjos. O singular é Malach. Samael Aun Weor e outros usam a forma plural Malachin tanto para anjos como para anjo. (N. da T.)

da atual Catedral Metropolitana e a cerca de trezentos metros, na mesma direção do centro da Praça da Constituição, hoje chamada Zócalo.

Os sucessivos soberanos mexicanos certamente não pouparam esforços em dar ao Bem-aventurado Arcanjo Huitzilopochtli um templo digno dele, mas foi sempre no terreno ou lugar sacratíssimo designado pelo próprio Deus. É evidente que, em torno desse Centro Magnético tão singular, surgiram, reinado após reinado, palácios, pirâmides, santuários, etc.

Cabe aqui destacar que o aparecimento da Águia e da Serpente deu-se a Cuauhcoatl e sua gente no mesmo lugar onde, depois, foi construído o Templo do Santo Deus Huitzilopochtli.

Falando franca e diretamente, declaramos que a Grande Tenochtitlan é, antes de tudo, o Templo. Na “Teocalli” (Casa de Deus) se resume e se concentra totalmente o motivo essencial da cidade, do povo e do Estado. Centro Magnético maravilhoso, repousando sublime sobre o solo firme, rochoso.

Formosa ilha no meio das águas cristalinas dos pântanos; exótico lugar em uma vasta baía da lagoa legendária.

Muitas cidades e aldeias resplandeciam sob a luz do Sol naquelas margens: Azcapotzalco e Tlacopan a oeste, Coyoacan ao sul, Tepeyacac ao norte, etc.

Os mexicanos tiveram que adequar a seu uso grande quantidade de pequenas ilhas, bancos de areia e lama, etc.

Com grande engenho e infinita paciência, aquele povo anfíbio teve de começar por criar um terreno sólido, acumulando lama em balsas de junco, abrir muitos canais, aterrar muito bem as margens, construir aqui, ali e acolá caminhos empedrados e pontes. Assim foi que surgiu a Grande Tenochtitlan, Centro sublime de uma poderosa Civilização Serpentina.

CAPITULO 12 - O CATACLISMO FINAL

A Pedra do Sol, o famoso Calendário Asteca é, certamente, uma síntese perfeita de Ciência, Filosofia, Arte e Religião.

TONATIUH, o Verbo de São João, o Logos ou Demiurgo Criador do Universo, com sua língua triangular de fogo, é o Menino de Ouro da Alquimia Sexual, o Sol espiritual da Meia- Noite, a Águia que ascende, o Resplandecente Dragão de Sabedoria, e é representado pelo brilhante astro que nos dá vida, luz e calor. Decorado à maneira náuatle, aparece glorioso no centro da grande pedra solar.

Dos dois lados do “Grande Rosto” estão suas mãos armadas de Garras de Águia, esmagando corações humanos.

Em questões de esoterismo transcendental, bem sabem os “MM” o profundo significado do cumprimento com a garra.

Em torno da figura do Verbo Mexicano, pode-se ver cinzelada em grandes dimensões a data “4 Tremor” — dia em que há de acabar nosso atual Quinto Sol, pelo fogo e terremotos.

Nos retângulos maravilhosos do Signo Tremor, estão esculpidas as datas em que desapareceram os Sóis anteriores.

Os “Filhos do Primeiro Sol” (os Andróginos Divinos da Primeira Raça) que outrora viveram felizes na “Ilha de Cristal”, pereceram devorados pelos Tigres. (Lembra-te do que dissemos neste tratado sobre o citado felino.)

Os “Filhos do Segundo Sol” (a Segunda Raça da Terra de Apoio), os Hiperbóreos, foram destruídos por violentos ciclones.

Os “Filhos do Terceiro Sol” (os Hermafroditas Lemurianos), as multidões da “Terceira Raça” que viveram-no continente lemuriano, situado no oceano Pacífico, morreram pelo Sol, por chuva de fogo e grandes terremotos.

Os “Filhos do Quarto Sol”, a Quarta Raça (os Atlantes), cuja terra situava-se no oceano Atlântico, foram tragados pelas águas.

Aqueles que estudaram a fundo o Sermão Profético do Grande Cabir Jesus e a Segunda Epístola de Pedro aos Romanos, terão de inclinar-se reverentes diante do tom severo da Pedra Solar.

Michel Nostradamus, extraordinário vidente, eminente astrólogo, que viveu na França entre os anos de 1503 a 1566, disse:

“No ano de 1999, no sétimo mês, virá do céu um grande Rei de terror”. (Vide os dois primeiros versos da Centúria 10:72.)

Segundo os cálculos astronômicos, haverá somente neste século XX dois eclipses totais do Sol: um ocorrido em 4 de fevereiro de 1962 e outro que será no mês de agosto de 1999.

A horripilante perturbação na órbita e no movimento do planeta Terra é explicada cientificamente pelo próprio vidente Nostradamus, pela aproximação de outro astro que, durante sete dias, aparecerá como outro Sol.

O Apocalipse de São João cita esse astro, batizando-o com o nome de “Absinto” (Amargura).

Planeta gigantesco a que nos referimos com o nome de “Hercólubus”.⁸⁷ Muitos o chamam de “Planeta Frio” e outros denominam-no de “Planeta Vermelho”; sem dúvida, é maior que Júpiter, o gigante colossal de nosso Sistema Solar.

Disse Nostradamus: “Após um eclipse do Sol, seguirá o mais escuro e tenebroso verão que jamais existiu desde a criação até a paixão e morte de Jesus Cristo, e daí até esse dia, e isto será no mês de outubro, quando se dará uma grande translação de tal modo que acreditarão que a Terra saiu fora de sua órbita e foi precipitada nas trevas eternas”.

Jesus, o Grande Cabir, disse:

“Logo após a tribulação daqueles dias, o Sol se escurecerá, a Lua não dará sua claridade, as estrelas cairão do céu e os poderes dos céus serão abalados”.

“Então aparecerá no céu o sinal do Filho do Homem e todas as tribos da Terra se lamentarão e verão o Filho do Homem vindo sobre as nuvens do céu, com poder e glória”.

“Ele enviará seus anjos que, ao som de um poderoso toque de trombeta, reunirão os seus eleitos dos quatro ventos, de uma extremidade até a outra extremidade do céu”.

⁸⁷ Chamamos a atenção do leitor para a recente literatura escatológica, onde esse **planeta** ou astro é chamado Nêmesis pelos norte-americanos e outros, inclusive o livro **homônimo** de Isaac Asimov, de anã vermelha, e de Ra por J. J. Benítez no livro **Rebelião de Lúcifer**, dentre muitos outros. (N. da T.)

“Aprendeis da figueira esta parábola: quando o seu ramo se torna tenro e as suas folhas começam a brotar, sabeis que o verão está próximo”.

“Da mesma forma também vós, quando virdes todas essas coisas, sabeis que ele está próximo, às portas”.

“Em verdade vos digo que esta geração não passará sem que tudo isso aconteça”.

“Passarão o Céu e a Terra; minhas palavras, porém, não passarão”.

“Mas ninguém sabe a data e a hora, nem os anjos dos céus, nem o Filho, mas só o Pai”.

“Tal como foi nos dias de Noé, assim será a vinda do Filho do Homem”.

“Com efeito, como naqueles dias que precederam o dilúvio, estavam eles comendo e bebendo, casando-se e dando-se em casamento, até o dia em que Noé entrou na Arca”.

“E não perceberam nada, até que veio o dilúvio e os levou a todos. Assim também será na vinda do Filho do Homem”.

“Então estarão dois homens no campo: um será tomado e o outro deixado”.

“Duas mulheres estarão moendo no moinho: uma será tomada e a outra deixada”.

“Vigiai, portanto, porque não sabeis em que dia virá o vosso Senhor”.

“Mas compreendei isto: se o dono da casa soubesse a que horas viria o ladrão, vigiaria, e não permitiria que sua casa fosse roubada”.

“Por isso, também vós, ficai preparados, porque o Filho do Homem virá em uma hora que não pensais”.

“Quem é, pois, o servo fiel e prudente que o seu senhor constituiu sobre a criadagem, para dar-lhe o alimento em tempo oportuno?”

“Feliz daquele servo que o senhor, ao chegar, encontrar assim ocupado”.

“Em verdade vos digo que ele o constituirá sobre todos os seus bens”.

“Mas se aquele mau servo disser em seu coração: ‘Meu senhor tarda’”.

“E começar a espancar os seus companheiros e, ainda, a comer e beber em companhia dos bebedores”.

“O senhor daquele servo virá em dia imprevisto e hora ignorada”.

“Ele o partirá ao meio e lhe imporá a sorte dos hipócritas. Ali haverá choro e ranger de dentes”. (Mateus, 24:29-51.)

Isaías (13:6-13) disse: “Pelo que farei estremecer os céus; e a Terra se moverá de seu lugar por causa do furor do Senhor dos Exércitos e por causa do dia de sua ardente ira. Porque as estrelas do céu e seus astros não brilharão mais com sua luz”.

Isaías (24:19-21): “A Terra cambaleará como um embriagado; será abalada; cairá e nunca mais se levantará”.

São Paulo (Segunda Epístola aos Tessalonicenses, 2:3-4): “Antes da segunda vinda de Jesus virá a apostasia, o homem ímpio, o filho da perdição, que se levantará contra tudo que se chama Deus, ou recebe um culto; chegará a sentar-se pessoalmente no templo de Deus, e querendo passar por Deus”.

São Pedro (Segunda Epístola, 3:10): “O dia do Senhor chegará como ladrão à noite e então os céus se desfarão com estrondo, e os elementos, devorados pelas chamas, se dissolverão e a Terra, juntamente com suas obras, será consumida”.

Joel (4:15-16): “O Sol e a Lua se obscurecerão e as estrelas perderão o seu brilho. E os céus e a Terra tremerão”.

São João (Apocalipse, 6:12-17): “Houve um grande terremoto: o Sol tornou-se negro, e a Lua inteira como sangue; as estrelas do céu se precipitaram sobre a Terra, como a figueira que deixa cair seus frutos verdes ao ser agitada por um forte vento; o céu afastou-se, as montanhas todas e as ilhas foram removidas de seu lugar; os reis da Terra e os ricos esconderam-se nas cavernas e pelos rochedos das montanhas, dizendo aos montes e às pedras: ‘Desmoronais sobre nós e escondi-nos da ira do Cordeiro, pois chegou o grande dia de sua ira’”.

São João (Apocalipse): “Vi então um céu novo e uma Terra nova, pois o primeiro céu e a primeira Terra se foram, e o mar já não existe. E o que está sentado no trono diz: ‘Eis que eu faço novas todas as coisas’. Vi então os mortos, grandes e pequenos, em pé diante do trono, e abriram-se livros. Também foi aberto outro livro, o da vida. Os mortos foram então julgados conforme suas obras, a partir do que estava escrito nos livros. O

mar devolveu os mortos que nele jaziam, a morte e o inferno entregaram os mortos que neles estavam, e cada um foi julgado conforme suas obras”.

Dito está no Apocalipse que, no fim deste mundo, aparecerá o Anticristo (a Ciência Materialista).

A Besta, a Grande Rameira, a Humanidade inteira, cujo número fatal é 666, e o Diabo que a todos enganava (o Intelectualismo Ateu), o falso profeta que faz milagres e prodígios fraudulentos, bombas atômicas, foguetes espaciais, aviões ultrassônicos, etc., foram lançados no lago de fogo e de enxofre nas entranhas da Terra.

O Livro dos Livros de Chilam Balam, joia Sagrada do povo maia, diz textualmente o seguinte:

“O 13 Ahau Katum é o décimo terceiro que se conta. CABAL IXBACH, CHACHALACA povoado; KINCHIL COBA, CHACHALACA-de-rostosolar, é o assento do décimo terceiro Ahau Katum”.

“Ficará negro o ramallete dos senhores da Terra pela justiça universal de Deus Nosso Senhor”.

“O Sol rodopiará, o rosto da Lua se voltará, o sangue descera pelas árvores e pedras. Os céus e a Terra arderão pela palavra de Deus Pai, de Deus Filho e de Deus Espírito Santo. Santa Justiça, Santo Juízo de Deus Nosso Senhor”.

“Nula será a força do Céu e da Terra quando entrarem para o cristianismo as cidades grandes e as vilas ocultas, a grande cidade de MAAX, Macaco, e também a totalidade dos pequenos povoados em toda a extensão do país plano de Maya Cusamil Mayapan, Andorinha-Maya-seu lugar, Estandarte- Cervo”.

“Será o tempo em que se levantarão os homens de dois dias (os homossexuais e as lésbicas), no rigor da lascívia; filhos de ruins e perversos, cúmulo de nossa perdição e vergonha”.

“Nossos meninos serão dedicados à Flor de Maio e isso não será bom para nós”.

“Será a origem da morte pelo caráter vingativo ao sair da Lua, e ao entrar a Lua cheia acontecerá a vingança total. Também os astros bons luzirão sua bondade sobre os vivos e sobre os mortos”.

Melchisedek, o Gênio da Terra, o Rei do Mundo, fez no Tibete a seguinte profecia:

“Os homens (ou melhor diríamos os Mamíferos Racionais), cada vez mais se esquecerão de suas almas para ocuparem-se apenas de seus corpos. A maior corrupção reinará sobre a Terra”.

“Os homens se assemelharão a animais selvagens, sedentos do sangue de seus irmãos”.

“O Crescente desaparecerá e seus Adeptos cairão na guerra perpétua. Recairão sobre eles as maiores desgraças e acabarão lutando entre si”.

“As coroas dos Reis, grandes e pequenos, cairão: um, dois, . três, quatro, cinco, seis, sete, oito, estourará uma guerra terrível entre todos os povos”.

“Os oceanos rugirão... a Terra e o fundo dos mares se cobrirão de ossadas... reinos desaparecerão, povos inteiros morrerão... pela fome, pela doença, por crimes não previstos nas leis, nem vistos e nem sonhados jamais pelos homens”. “Virão então os inimigos de Deus e do Espírito Divino, os quais jazem dentro dos próprios homens. Aqueles que levantarem a mão sobre outro também perecerão”.

“Os esquecidos, os perseguidos, se levantarão depois e atrairão a atenção do mundo inteiro”.

“Haverá névoas espessas, tempestades horríveis. Montanhas até então sem vegetação se cobrirão de florestas”.

“A Terra toda tremerá... Milhões de homens trocarão as correntes da escravidão e das humilhações pela fome, pela peste e pela morte”.

“As estradas ficarão cheias de multidões caminhando sem direção de um lado para outro”.

“As maiores e mais belas cidades serão destruídas pelo fogo... Um, dois, três. De cada dez mil homens, um sobreviverá, e estará nu, louco, sem forças, e não saberá construir seu abrigo nem procurar alimentos. E estes homens sobreviventes uivarão como lobos furiosos, devorarão cadáveres e, mordendo sua própria carne, desafiarão Deus para o combate”. “A Terra toda ficará deserta e até Deus se afastará dela... Sobre a Terra vazia, cairão a noite e a morte”.

“Então eu enviarei um povo até agora desconhecido (o Exército de Salvação Mundial) que, com mão forte, arrancará as ervas daninhas da loucura e do vício, e conduzirá os poucos que se mantiveram fiéis ao espírito do homem na luta contra o mal”. “Estabelecerão uma vida nova sobre a Terra purificada pela morte das Nações”.

Esta profecia é aceita pelos Gnósticos, que a interpretam como o fim da Idade Negra ou Kali-Yuga; depois, segundo eles, haverá uma Nova Civilização e uma Nova Cultura.

Santa Odélia, princesa alemã nascida no ano de 660, que profetizou acertadamente a Alemanha de Hitler e a Segunda Guerra Mundial, mencionou, para o final da Kali-Yuga, “estranhos Monstros surgindo dos mares e espalhando o terror”.

“Ver-se-ão prodígios no oriente: uma grande nuvem preta alastrará a desolação”.

Mãe Shipton, a famosa Vidente do século XV, nascida na Inglaterra, predisse em sua época coisas que certamente causaram assombro. Vejamos algumas de suas predições: Automóveis e ferrovias: “carros sem cavalos correrão e acidentes encherão o mundo de dor”.

Radiotelegrafia: “os pensamentos darão a volta ao mundo em um piscar de olhos”.

Submarinos: “debaixo d’água os homens se moverão, viajarão, dormirão e conversarão”.

Aviões: “veremos os homens no ar, em branco, negro e verde”.

Grande Catástrofe Mundial: “o mundo chegará ao fim em 1999”.

O Grande Cabir Jesus disse: “Mas daquele dia e daquela hora ninguém sabe, nem mesmo os Anjos que estão no céu, nem o Filho, mas só o Pai”.

“Vigiai, pois, porque não sabeis quando virá o senhor da casa (nem em que data, nem em que ano), se ao anoitecer, à meia-noite, ao cantar do galo, ou de manhã”.

“Para que quando venha, não vos ache dormindo”. (Quer dizer, com a consciência adormecida.)

“E o que a vós digo, a todos digo: ‘Vigiai’”. (Despertai a consciência.)

Os tempos do fim já chegaram e o Grande Incêndio Universal encontra-se demasiado próximo.

É oportuno citar aqui alguns versículos extraordinários do Corão:

“Entre os Sinais que devem preceder a chegada da derradeira hora está o da Lua se partir em duas. Apesar disso, porém, os incrédulos não darão crédito a seus olhos”.

(É claro que não se trata, de forma alguma, de uma divisão geológica de nosso vizinho satélite. Interprete-se tal profecia de Maomé no sentido político e militar. Desde o ano de 1980 em diante, observe-se os movimentos do Islão; somente assim poderemos compreender o que há de acontecer aos Adeptos do Crescente.)

“Quando a trombeta tocar pela primeira vez...
Quando a Terra e as montanhas forem atiradas
aos ares e esmagadas de um só golpe...
Quando o céu for destroçado e cair em pedaços...
Esse dia será o dia inevitável”.

(Já explicamos antes os efeitos que a vinda do planeta Hercólubus causarão no nosso mundo. A Terra sofrerá com violência as diversas mudanças profetizadas por Maomé no Corão.) “Que golpe é! Será o dia do Juízo Final.

Aqueles que tiverem obras que pesem na balança, terão uma vida agradável. Aqueles que tiverem obras de pouco peso terão por morada a fossa ardente” (os Mundos- Infernos).

“Quando a Terra estremecer com esse tremor que lhe está reservado...

Quando tiver vomitado os mortos que repousam em suas entranhas...
O homem se preparará para ser julgado”.

“O Sol se afastará, as estrelas cairão, as montanhas serão postas em movimento e acabarão despedaçando-se contra o solo. O céu explodirá em mil pedaços

e os mares e rios confundirão suas águas.

Os túmulos se abrirão e os mortos ressuscitarão.

Os que tiverem praticado o bem terão a felicidade sem limites; mas os réprobos serão castigados também sem medida”. (Vide o Corão.)

No Mundo Causal eu contemplava com místico assombro a Grande Catástrofe que se avizinha e, como essa é a região da música inefável, a visão foi ilustrada com o fluir do som.

Uma arrebatadora sinfonia trágica ressoava nas profundezas do céu de Vênus.

Aquela partitura assombrava, de um modo geral, pela grandeza, majestade, inspiração e beleza de sua concepção; pela pureza de suas linhas e pelo colorido e matiz de sua sábia e artística ilustração doce e grave, grandiosa e terrível, dramática e lúgubre ao mesmo tempo.

Os temas melódicos fragmentários (Leitmotivs), que se ouviam no Mundo Causal nas diferentes situações proféticas, são de grande poder expressivo e estão em íntima relação com o grande acontecimento e com os eventos históricos que, inevitavelmente, o precederão no tempo.

Há, na partitura dessa Grande ópera Musical, fragmentos sinfônicos relacionados com a terceira guerra mundial, harmonias deleitosas e funestas, acontecimentos horripilantes, bombas atômicas, espantosa radioatividade em toda a Terra, fomes, destruição total das grandes metrópoles, doenças desconhecidas, revoluções sangrentas e brutais, ditaduras insuportáveis, ateísmo, materialismo, crueldade sem limites, campos de concentração, ódios mortais, multiplicação de fronteiras, perseguições religiosas, mártires religiosos, bolchevismo execrável, anarquismo abominável, intelectualismo desprovido de toda espiritualidade, perda completa da vergonha do corpo, drogas, alcoolismo, prostituição total da mulher, exploração infame, novos sistemas de tortura e muitas outras coisas mais.

Entrelaçados com uma arte sem precedentes, ouviam-se arrepiantes temas relacionados com a destruição das poderosas metrópoles do mundo: Paris, Roma, Londres, Nova York, Moscou e outras.

Nostradamus, em célebre carta dirigida a Henrique II, disse: “Quando o Sol ficar completamente eclipsado, passará em nosso céu um novo e colossal corpo celeste, que será visto em pleno dia. Mas, os astrólogos (referindo-se aos famosos astrólogos de hoje e do futuro), interpretarão os

efeitos deste corpo de outro modo (muito ao estilo moderno)... por esta má interpretação, ninguém fará provisões para os tempos de penúrias” (alusão à Grande Catástrofe).

Nostradamus, médico, astrólogo e clarividente iluminado, inclui em suas predições o assunto da revolução do eixo da Terra, mas não indica uma data certa, exata, de quando isso acontecerá. Todavia, coliga-o ao duplo eclipse que ocorrerá no ano de 1999.

É certo que haverá uma conjunção extraordinária sob o signo zodiacal de Capricórnio, que fará sentir sua influência de 1984 a 1999.

A Grande Mestra H.P.B. predisse, já faz muitos anos, que haveria uma sublevação mundial no final do presente século.

João, o Evangelista, disse: “Quando os pássaros de aço desovarem os ovos de fogo; quando os homens dominarem os ares e cruzarem o fundo dos mares; quando os mortos ressuscitarem; quando descer fogo dos céus e os homens dos campos não puderem chegar às cidades e os das cidades não puderem fugir para os campos; quando estranhos aparelhos forem vistos no céu e coisas extravagantes forem vistas na Terra..”.

“Quando jovens e velhos tiverem visões, premonições e profetizarem; quando os homens se dividirem em nome de Cristo; quando a fome, a sede, a miséria, a doença e os cemitérios substituïrem as populações das cidades; quando irmãos de sangue se matarem entre si e as criaturas adorarem a besta, então os tempos serão chegados”.

O Apóstolo São Paulo, em sua Primeira Epístola aos Tessalonicenses (5:20-21), adverte: “Não desprezeis as profecias, discerni tudo e ficai com o que é bom”.

A História cíclica da humanidade abre-se no capítulo do Gênese sobre o Dilúvio Universal (a submersão do continente atlante) e conclui no capítulo do Apocalipse sobre as chamas ardentes do Juízo Final.

Moisés, salvo das águas embravecidas da vida, escreveu o primeiro; São João, figura extraordinária da exaltação solar, fecha o livro sagrado com os selos do fogo e do enxofre.

A partir disso e em que pese sua aparente Universalidade, bem como a terrível e prolongada ação dos elementos desencadeados, estamos convencidos que o Grande Cataclismo que se aproxima não atuará igualmente em todas as partes nem em toda a extensão dos continentes e

mares. Algumas terras privilegiadas abrigarão os homens, mulheres e crianças do exército de salvação mundial.

Ali, durante algum tempo, aquelas almas seletas serão testemunhas do duelo espantoso da água e do fogo.

O duplo arco-íris anunciará o encanto de uma nova idade de ouro, depois da Grande Catástrofe.

Virgílio, o grande poeta de Mântua, Mestre do Dante florentino, disse: “Já chegou a idade de Ouro e uma Nova Progenia manda”.

Sabemos, de outro lado, até que ponto a Bíblia é superior aos outros livros.

Apesar de ser a Bíblia, inquestionavelmente, o livro eterno, imutável, o livro cíclico por excelência, em nenhum de seus versículos está dito que o ano de 1999 seja, precisamente, o da Grande Catástrofe.

Porém, apesar de se ignorar a data exata da pavorosa catástrofe que se avizinha — pois só o Pai sabe o dia e a hora —, sabemos, por experiência direta, que “os tempos do fim já chegaram e que neles estamos”.

Nossa intenção não é desenvolver aqui uma refutação contra os partidários de tal data; queremos somente dizer que, na Bíblia, apesar de conter em si mesma a revelação de toda a história humana, incluindo cá e lá os próprios anais dos povos, jamais foi dito que no ano de 1999 pereceria a Raça Ariana (a presente Humanidade).

Porém, os eruditos de modo algum podem ignorar que, na Bíblia, está a narração “in extenso” do périplo que realiza cada Grande Geração Cíclica.

A humanidade já está completamente madura para o castigo supremo; o fim desta humanidade vergonhosa está próximo.

A análise cabalística demonstra que, nos números 2 (dois), 5 (cinco), 0 (zero) e 0 (zero), está encerrado o segredo da Grande Catástrofe; quem tiver conhecimento que entenda porque aqui há sabedoria...

Infelizmente, as pessoas nunca sabem penetrar o significado profundo de certos números cabalísticos; é lamentável que interpretem tudo literalmente.

É preciso esperar com sangue frio a hora suprema, de castigo para muitos e de martírio para alguns.

“Antes de mais nada” — disse Pedro — “deveis saber que nos últimos dias virão escarnecedores com os seus escárnios e levando uma vida desenfreada, de acordo com as suas próprias concupiscências. O seu tema será: ‘Em que ficou a promessa de sua vinda? De fato, desde que os pais morreram, tudo continua como desde o princípio da criação!’ ”

“O Dia do Senhor chegará” — em data que somente o Pai sabe — “como ladrão e então os céus se desfarão com estrondo, e os elementos, devorados pelas chamas, se dissolverão e a Terra, juntamente com suas obras, será consumida”.

CAPÍTULO 13 - PARAÍSO E INFERNOS

Do livro de Sahagun⁸⁸, citamos: “ó Bendito Mixcoatl⁸⁹, bem mereces ser louvado em cantos, e que tua fama permaneça viva no mundo. Que teu nome seja pronunciado pelos que dançam nos “areitos”⁹⁰, nas cercanias dos arrabaldes e ao som dos tamborins de Huexotzinco, para que te regozijes e apareças a teus amigos, aos nobres e generosos teus parentes!”

“Ó, glorioso jovem, digno de todo louvor, que ofereceste teu coração ao Sol, imaculado como um colar de safiras, outra vez tornarás a nascer, outra vez tornarás a florescer no mundo, virás aos areitos e, entre os tambores e tamborins de Hue- xotzinco, aparecerás aos nobres e varões valorosos, e te verão teus amigos”.

Da epopeia náuatle: “Todos que morriam na guerra ou na ara do sacrifício iam para a Casa do Sol. Todos andavam juntos em uma imensa planície. Quando o Sol vai surgir, quando é tempo de dar sal ao gado, então eles começam a lançar gritos de guerra, fazendo soar os guizos que trazem nos tornozelos, e a golpear seus escudos”.

“Se seus escudos estão perfurados por duas ou três flechas, por essas fendas podem contemplar o Sol; mas aqueles cujos escudos não têm abertura alguma, não podem olhar para o Sol”. “Todos que caíram mortos entre agaves e cactos, entre espinhosas acácias, e todos que ofertaram aos Deuses, podem contemplar o Sol, podem chegar até ele”.

“Passados quatro anos, transformam-se em aves: colibris, aves douradas com manchas pretas em tomo dos olhos, ou em reluzentes borboletas brancas, borboletas de fina penugem, borboletas grandes e multicoloridas, como os vasos de beber, e andam libando lá, no lugar de seu repouso, e costumam vir à terra e beber em flores vermelhas que parecem sangue: a flor-de-coral, a eritrina, a carolina, a caliandra.

⁸⁸ Frei Bernardino de Sahagún, *Historia general de las cosas de Nueva Espana*. Ed. Pedro Robledo, 1938, 5 vols. As citações são do volume 2, p. 140. (N. da T.)

⁸⁹ Divindade da caça, venerada principalmente pelos otomis e chichimecas, tendo a Via-Láctea como lugar favorito. Como Deus das tribos setentrionais, incorporou-se ao panteão asteca depois da migração daquelas tribos para o centro do México. Os antigos mexicanos consagraram-lhe dois templos. (N. da T.)

⁹⁰ Palavra sem correspondente em português, e que significa baile que se realizava acompanhado do areito, canto dos antigos índios das Antilhas e da América Central. (N. da T.)

Sahagun: “Diziam os velhos que o Sol os chamava ara si, para que vivessem com ele lá no céu, a fim de alegrarem-no e cantarem em sua presença, dando-lhe prazer”.

“Eles estão em eternos deleites com o Sol, vivem em perenes delícias, saboreiam e sugam a fragrância e o sumo de todas as flores saborosas e olorosas, nunca sentem tristeza, nem dor nem desgosto, porque vivem na Casa do Sol, onde há riquezas de regozijos”.

“Os que morrem desse modo nas guerras são muito honrados aqui, neste mundo, e muitos desejam essa espécie de morte”.

“Muitos sentem inveja dos que assim morrem e, por isso, todos desejam esse tipo de morte, porque os que dessa maneira morrem são muito enaltecidos”.

Enigmáticos poemas solares... verdades transcendentais que a Antropologia Profana desconhece.

Muito se tem falado sobre MAKARA, o “Escamoso”, o famoso Dragão Alado de Medéia.

No Museu Britânico pode-se ver, todavia, um exemplar dos Dragões Alados com escamas.

O “Grande Dragão” somente respeita e venera as Serpentes de Sabedoria; é lamentável que os assiriólogos ignorem, de fato, a condição do Dragão na antiga Caldéia.

O símbolo maravilhoso do Dragão tem certamente sete significados esotéricos.

Sempre é bom afirmar com ênfase que o mais elevado é idêntico ao “Nascido por Si”, ao “Logos”, ao “Aja”⁹¹ hindu.

Em seu sentido mais Infernal, é o Diabo, aquela excelsa criatura que antes se chamava Lúcifer, o criador de luz, o luzeiro da manhã, o “latão” dos antigos alquimistas medievais.

⁹¹ Inato, não-nascido, não-criado. Epíteto que corresponde a muitos dos deuses primordiais da Índia, mas notadamente do Primeiro Logos. Irradiação do Absoluto no plano da ilusão. (N. da T.)

Entre os Gnósticos Cristãos chamados “Naassênios”⁹² ou adoradores da Serpente, o Dragão era o “Filho do Homem”; suas sete estrelas brilham gloriosas na destra do Alfa e Ômega do Apocalipse de São João.

É de se lamentar que o “Prometeu-Lúcifer” dos tempos antigos tenha se transformado no Diabo de Milton.

Satanás voltará a ser o Titã livre de outrora quando tivermos eliminado de nossa natureza íntima todo elemento animal.

Precisamos com a máxima e impreterível urgência branquear o Diabo e isto somente será possível lutando contra nós mesmos, dissolvendo todo esse conjunto de agregados Psíquicos que constituem o “Eu”, o “Mim Mesmo”, o “Si Mesmo”. Só morrendo em nós mesmos poderemos branquear o latão e contemplar o Sol da Meia-Noite (o Pai).

Aqueles que morrem na guerra contra si mesmos, aqueles que conseguem a aniquilação do “Mim Mesmo”, brilham com esplendor no espaço infinito, penetram os distintos departamentos do Reino (entram na Casa do Sol).

A Alegoria da Guerra nos Céus tem sua origem nos Templos da Iniciação e nas Criptas Arcaicas.

Miguel luta contra o Dragão Vermelho e São Jorge contra o Dragão Negro; e estão sehipre em combate Apoio e Píton, Krishna e Kâliya, Osíris e Tífon, Bei e o Dragão, e outros.

O Dragão é sempre o reflexo de nosso próprio Deus Interno, a sombra do Divino Logos que, do fundo da Arca da Ciência, em espreita mística, aguarda o instante de ser realizado.

Lutar contra o Dragão significa vencer todas as tentações e eliminar todos e cada um dos elementos inumanos que trazemos dentro de nós (a ira, a cobiça, a luxúria, a inveja, o orgulho, a preguiça, a gula, e outros).

Todos que morrem no Altar do Sacrifício, quer dizer, do “Sacro-Ofício” na Nona Esfera, vão para a Casa do Sol, integram-se em seu Deus.

⁹² Ou Nahassênios. Seita cristã gnóstica, cujos indivíduos, intitulados “adoradores de serpentes”, consideravam a constelação do Dragão como símbolo de seu Logos ou Cristo. (N. da T.)

Na Terra Sagrada dos Vedas, Arjuna treme e estremece todo em pleno campo de batalha ao compreender que deve matar seus próprios parentes (seus múltiplos Eus ou defeitos psicológicos do exército inimigo).

Para os mexicanos autênticos, o que determina o lugar para onde vai a Alma depois da Morte é o gênero específico da mesma e o tipo de trabalho que, em vida, realizou o defunto.

Mesmo os guerreiros inimigos que morriam na dura luta, ou que, capturados como prisioneiros eram sacrificados na TECHCATL, a Pedra dos Sacrifícios, ingressavam no Sublime Reino da Luz Dourada (o Paraíso Solar). Estes têm um Deus especial; quero referir-me a “TEOYAOMIQUI”, “a Divindade dos inimigos mortos em guerra”.

O aspecto esotérico deste tema da Religião Popular é transcendental. É inadiável entender isto: “Os Cristãos também deveriam venerar os Santos de Outros Credos, Religiões e Línguas”.

As mulheres que morriam no parto e que, ditosas moram no paraíso ocidental sabiamente denominado “Cincalco”, “A Casa do Milho”, são também muito veneradas.

É claro que antes de se transformarem em Deusas, as mulheres que morriam no parto detinham extraordinários poderes mágicos, segundo afirma a Religião de Anahuac.

Diz-se das mulheres que morrem de parto que venceram o inimigo; os jovens guerreiros cobiçam seu braço direito e tratam de apoderar-se dele, porque este os fará invencíveis no combate, motivo pelo qual seus cadáveres sempre eram devidamente vigiados por homens da tribo, armados de lanças em riste, a fim de evitar a mutilação.

O interessante é que tais mulheres, antes de se transformarem em Deusas, descem à Terra convertidas em fantasmas horrorosos e de mau agouro, com uma caveira no lugar da cabeça e com mãos e pés providos de garras, segundo contam os Mistérios de Anahuac.

Estados “post-mortem” extraordinários os dessas nobres mulheres que morrem no parto.

Após aquele desmaio ou esvaecimento de três dias mencionado no Bardo Thodol e que sempre ocorre após a morte do Corpo Físico, aquelas defuntas revivem a vida que acabam de passar e nesse tempo aparecem como fantasmas sofrendores e de aspecto horripilante.

Contudo, concluídas as experiências retrospectivas da vida terminada, a “Essência”, na falta do “Eu”, eleva-se de esfera em esfera até mergulhar na ventura Solar.

Bem mais tarde, terminado o bom “Dharma”, essas almas têm de regressar, inevitavelmente, a uma nova matriz.

Os Sábios Sacerdotes de Anahuac sempre afirmaram enfaticamente que as “Cihuateteo” ou “Mulheres Deusas” mortas no parto vivem no Paraíso Ocidental, chamado “Cincalco”, a Casa do Milho.

Dos embriões, dos grãos, nasce a vida e elas deram sua vida precisamente pela criatura nascente.

A Mãe Natureza sempre sabe pagar da melhor maneira o sacrifício notável dessas benditas mulheres.

É indescritível a felicidade dessas Almas nos Céus da Lua, de Mercúrio, de Vênus e do Sol.

Toda recompensa, infelizmente, acaba e, no final, aquelas Almas voltam ao interior do EU com o propósito de entrar em um novo útero.

Os que morrem afogados nas águas tormentosas dos rios ou dos mares, ou entre as ondas dos lagos profundos, ou atingidos pelo raio, ingressam, entram felizes no Paraíso de TLALOC que fica ao Sul, a região da fertilidade e da fartura, onde há toda espécie de árvores frutíferas e abundam o milho, o feijão, a salva e muitíssimos outros víveres.

As esplêndidas pinturas encontradas no Templo de TEOTIHUACAN vêm demonstrar-nos a crença inabalável no TLALOCAN, o famoso Paraíso de Tlaloc.

Nas dimensões superiores da natureza existem muitos paraísos de felicidade; lembremos o Reino do Buddha Amitaba, situado pelos Lamas Tibetanos no Oeste.

No Bardo Thodol estão citados vários desses Édens: “O Reino da Suprema Felicidade”, “O Reino da Impenetrável Concentração”, “O Reino dos Cabelos Longos” (Vajrapani), ou o “Vihara Ilimitado” da Radiação do Lótus (Padma Sambhava) na presença de URGYAN, e outros.

A Doutrina Secreta de Anahuac ensina que existem treze Céus e declara solenemente que no mais elevado deles vivem as almas das crianças que morrem antes do uso da razão.

Narra a Doutrina do México antigo que essas almas inocentes esperam a destruição da presente humanidade no Grande Cataclismo que se avizinha, para reencarnarem-se na Nova Humanidade.

No Tibete milenar, o Bardo Thodol guia os defuntos que desejam libertar-se para não voltar às amarguras deste mundo.

Na Terra Sagrada dos Faraós, muitas almas conseguiram escapar desta Cloaca de SAMSARA, depois de terem trabalhado na dissolução do Ego.

Provas terríveis aguardam os mortos que não desejam retornar a este mundo; quando saem vitoriosos, ingressam nos já citados Reinos Suprassensíveis; nessas regiões, são instruídos e auxiliados antes de mergulharem felizes como crianças inocentes no Grande Oceano.

Muitas dessas Almas voltarão na Idade de Ouro após o Grande Cataclismo, para trabalhar em sua Auto-realização íntima.

Por conseguinte, é vantagem saber retirar-se a tempo, antes do término do CICLO DE VIDAS.

É preferível retirar-se antes da “Escola da Vida” do que ser expulso; a Involução submersa nas entranhas da Terra, no tenebroso Tártaro, é por certo muito dolorosa.

No país ensolarado de KEM, na época do Faraó Quéfrem, conheci pessoalmente um caso exemplar.

Trata-se de um cidadão muito religioso que jamais construiu “os Corpos Existenciais Superiores do Ser”.

Aquele Místico, muito sério em si mesmo, acreditando-se incapaz para o ordálio da Iniciação e sabendo o destino que aguardava as almas depois de cada ciclo ou período de vidas, preferiu retirar-se do cenário cósmico.

Aquele devoto nunca conheceu o Mistério inexprimível do Grande Arcano, mas tinha o Eu e sabia que o tinha e desejava desintegrá-lo para não retornar depois da morte a este Vale de Lágrimas.

É evidente que sua Divina Mãe Kundalini, Tonantzin, Ísis, sempre o ajudou no trabalho de dissolução dos elementos que constituem o Mim Mesmo.

Jamais afirmaria que aquele religioso conseguira então a eliminação total dos elementos inumanos; todavia, avançou muito em seu trabalho, e depois da morte do Corpo Físico continuou no Além com o propósito inquebrantável de não voltar a este mundo.

Depois, essa alma, após o já mencionado desvanecimento de três dias, teve de reviver, de forma retrospectiva, a vida terminada.

Concluído o trabalho retrospectivo e informado o defunto do resultado de todas as suas ações, tanto boas como más, este continuou firme no propósito de não voltar mais.

O uivo apavorante do “Lobo da Lei” que tanto amedronta os defuntos, “O Furacão espantoso da Justiça Objetiva”, “As Tempestades Sinistras do País dos Mortos”, “Os incontáveis pares que copulam sem cessar”, “As atrações e repulsões”, “simpatias e antipatias”, os terrores cavernais, etc., nunca conseguiram fazer aquela Alma desistir de seu firme propósito.

A voz solene dos Sacerdotes Egípcios que, em vida, lhe haviam prometido ajuda, chegava até ao defunto lembrando-o de seu propósito.

“KEB”, seu Pai que está em secreto, e “NUT”, sua Divina Mãe Ísis, submeteram o Filho — o defunto — à prova final; o desencarnado, porém, saiu vitorioso.

Em consequência de todos esses triunfos íntimos, aquele defunto entrou feliz em um Paraíso Molecular bastante similar ao de Tlaloc.

Em tal região de indiscutíveis delícias naturais, aquela criatura continuou com pleno êxito o trabalho sobre si mesma.

Devi Kundalini, Tonantzin, Ísis-Maria, Sua Divina Mãe Particular, ajudou-o de forma direta, eliminando de sua Psique os resíduos inumanos que ainda restavam.

À medida que o defunto ia reconquistando a inocência, à medida que morria mais e mais em si mesmo, passava também por distintas metamorfoses; no princípio, assumiu a figura inefável de um tema donzela e, por último, a de uma menina de três anos... então, com seu simples “Buddha Elemental” submergiu no oceano do Espírito Universal de Vida, mais além do Bem e do Mal.

Obviamente, aquela criatura foi sincera consigo mesma, e não se sentindo capaz de alcançar o Adeptado, preferiu separar-se do cenário do mundo, retomar ao ponto de partida original, continuar como simples elemental.

Tais almas podem, se quiserem, reencarnar-se na futura “Idade de Ouro”, depois do Grande Cataclismo que se aproxima para ingressarem nos Mistérios; mas a maioria dessas inocentes criaturas preferem ficar para sempre no estado elemental.

Quando nós, os Iniciados do Velho Egito, dávamos estes ensinamentos ao povo, sentávamo-nos em grupos de quatro diante de mesinhas quadradas; com isto, alegorizávamos os quatro estados fundamentais pelos quais deve passar toda Alma que deseja sair da Roda de Samsara.

Consumada a eliminação dos resíduos inumanos na Psique do defunto, este terá que “experienciar” em si mesmo o “Vazio Huminador”; isto que é o “Dharmakâya”⁹³.

Este vazio não é de natureza igual à do vazio do nada, senão um vazio inteligente; é o estado do espírito no “Sambhogakâya”⁹⁴.

Vazio e Luminosidade inseparáveis; Vazio luminoso por Natureza e Luminosidade por Natureza Vazia é o “Adikâya”, a Inteligência Iluminada.

A Inteligência Iluminada, brilhando sem obstáculos no defunto que conseguiu morrer completamente em si mesmo, irradiará por todas as partes: é o “Nirmânakâya”⁹⁵.

Tão-somente pela experiência direta nos Quatro Kâyas é possível obter a libertação total.

Muito diferente é a sorte que aguarda as Almas que terminam qualquer período de manifestação sem haver se libertado.

⁹³ Palavra sânscrita. Literalmente, o “corpo espiritual glorificado” conhecido pelo nome de “vestimenta de bem-aventurança”. (N. da T.)

⁹⁴ Do sânscrito. Significa uma das três “vestimentas” gloriosas. O sambhogakâya possui todo o grande e completo conhecimento de um Adepto e todas as qualidades de um Nirmânakâya, porém com o brilho adicional das “três perfeições”, uma das quais é a completa obliteração de tudo o que se refere à Terra. (N. da T.)

⁹⁵ Palavra sânscrita. Literalmente, corpo, invólucro ou vestimenta livre de egoísmo. Tal Adepto permanece no plano astral relacionado com a Terra e, a partir daí, atua e vive na posse de todos os seus princípios. (N. da T.)

Aquelas que não foram eleitas pelo Sol ou por Tlaloc — dizem os astecas — vão simplesmente ao Mictlan e ali essas almas sofrem provas Mágicas espantosas ao passarem pelos Infernos.

Em primeiro lugar, para chegarem a Mictlan têm de atravessar antes o rio lamacento ou “Chignahuapan” na “Barca de Caronte”, como diz Dante na Divina Comédia; sem dúvida, esta é a primeira prova a que são submetidas pelos “Deuses Infernais”.

“Ai de vós, almas perversas! Não espereis nunca ver o céu. Venho para levar-vos à outra margem, onde reinam as trevas eternas, em meio ao calor e ao frio”.

Prosseguem os Sábios Mexicanos dizendo que depois a Alma tem que passar entre duas montanhas que se juntam; em terceiro lugar, por uma Montanha de Obsidiana; em quarto lugar, pela região onde uiva violento um vento muito gelado; depois, por onde esvoaçam as bandeiras; em sexto lugar, onde se flecha; no sétimo círculo dantesco estão as feras que comem os corações; no oitavo, dizem, está a passagem estreita entre aldeias e pedras; e no Nono e último círculo de Dante, dentro do seio da Terra, há o “Chignahumictlan”, onde se passa pela “Segunda Morte”, tão sabiamente descrita no Apocalipse de São João.

Depois disso, as Almas descansam, ingressando nos Paraísos elementais da natureza; então começam novos processos evolutivos que têm de principiar pelo reino mineral, prosseguir no vegetal, continuar no animal e culminar no estado humano, outrora perdido.

CAPÍTULO 14 - O BINÁRIO SERPENTINO

O Binário Serpentino no México pré-hispânico é certamente algo que nos convida à reflexão.

As duas Serpentes ígneas ou “Xiuhcoatl”, que graciosamente rodeiam o Sol no Calendário Asteca, também estavam em torno do Templo maior da Grande Tenochtitlan e formavam o famoso “Coatepantli” ou “Muro das Serpentes”.

A Serpente Asteca aparece constantemente em situações extraordinárias que transtornam totalmente seu determinismo biológico: a cauda representada por uma segunda cabeça em posturas insólitas, leva-nos, por simples dedução lógica, ao Binário Serpentino.

A cabeça dupla, que recorda com total clareza a figura da Serpente em círculo, naquele momento Gnóstico de devorar sua própria cauda, aparece nos muros sagrados do Templo de Quetzalcoatl (nas ruínas de Xochicalco).

Binários Serpentinicos, ora dançando de maneira exótica enroscados devidamente na mística figura do Santo Oito, ora de forma encadeada constituindo um círculo no estilo maia, etc., estão indicando algo misterioso, extraordinário e mágico.

Cabe aqui, neste tratado, mais uma vez destacar o duplo caráter esotérico da Serpente.

Deve-se distinguir a Serpente tentadora do Éden da Serpente de bronze que curava os israelitas no deserto; a horripilante Píton, que se arrastava na lama da terra e que Apoio irritado feriu com seus dardos, daquela que subia pelo Bastão de Esculápio, o Deus da Medicina.

Quando a Serpente ígnea de nossos Mágicos poderes ascende pelo canal medular espinhal do corpo humano, é nossa Divina Mãe Kundalini.

Quando a Serpente ígnea desce, projetando-se do osso coccígeo até aos Infernos atômicos do homem, é o “Abominável Órgão Kundartiguador”.

O Venerável Mestre “G” incorre no gravíssimo erro de atribuir à Serpente ascendente (Kundalini) os poderes hipnóticos e horríveis da Serpente descendente (o abominável órgão Kundartiguador).

Kundalini é uma palavra composta: “KUNDA” lembra-nos o abominável órgão Kundartiguador, e “LINI” é uma palavra atlante que significa Fim.

Kundalini, em alta gramática, pode e deve ser traduzida como Fim do Abominável Órgão Kundartiguador.

A ascensão vitoriosa da Kundalini pelo canal medular espinhal marca o Fim do abominável órgão Kundartiguador.

O doutor Maurice Nieoll e Ouspensky, o Grande Iniciado, aceitaram sem dúvida este erro do Mestre “G”, que considerava como sua Mãe Cósmica “O Sagrado Prana”.

Se o Mestre “G” houvesse estudado o Binário Serpentino nos “muros sagrados” dos templos mexicanos, toltecas, maias e outros, por certo jamais haveria caído nessa confusão.

A ioga hindustânica faz análises exaustivas sobre esse Fogo Serpentino anular (Kundalini) que se desenrola ascendente no corpo do asceta, embora diga muito pouco sobre a Serpente descendente ou “Cauda Demoníaca”, cuja força elétrica mantém em transe hipnótico contínuo toda a humanidade doente.

Se esses pobres Mamíferos Intelectuais que povoam a face da Terra pudessem ver com absoluta clareza meridiana o estado lamentável em que se encontram, procurariam desesperadamente a forma de escapar.

Tão logo o pobre Animal Intelectual desperta, ainda que seja só por um instante fugaz, e abre os olhos ao realismo cru da vida, de imediato o formidável poder hipnótico da terrível Serpente do abismo volta à carga com força multiplicada e a infeliz vítima cai adormecida outra vez, sonhando que está acordada ou prestes a despertar.

Somente o Gnóstico sincero, que compreende integralmente a dificuldade de despertar a consciência, sabe que isto é possível apenas na base de trabalhos conscientes e sofrimentos voluntários.

A Grande Serpente Infernal conhece todo o “modus operandi” da Imaginação Mecânica. (Jamais nos pronunciaríamos contra o Diáfano ou Translúcido, que é conhecido como Imaginação Objetiva, Consciente.)

A Serpente Abismal, através da Imaginação Mecânica, que é seu agente principal, trabalha de acordo com os interesses da Natureza e nos mantém submergidos no estado de Transe Hipnótico profundo.

Por via dos mecanismos da fantasia, justificamos sempre nossas piores infâmias, evitamos responsabilidades, procuramos escapatórias, nos auto-consideramos, nos auto-qualificamos da melhor maneira, acreditamos nos Justos e Perfeitos.

Vem muito a propósito supor que há forças para as quais é útil e proveitoso manter o “Mamífero Racional” em estado de sono hipnótico e impedi-lo de ver a verdade e compreender sua condição de vida.

A maioria de nós, sem dúvida, encontra essas desculpas e está de tal modo sob a néscia e sutil atividade da Justificação do Mim Mesmo, com a cumplicidade da Imaginação Mecânica, que, na realidade, nunca suspeitaria da existência íntima de seus muito naturais erros psicológicos.

Por exemplo: se somos cruéis com a esposa, filhos, parentes e outros, de fato o ignoramos. O mais grave é que permitimos que esta situação prossiga, sobretudo porque nos agrada e é tão fácil, e se nos acusam de crueldade, provavelmente daremos um sorriso pensando que não compreendem nossa justiça, nossa misericórdia e amor infinito.

Estamos presos entre os horripilantes anéis da Grande Serpente, mas nós nos julgamos livres.

Narra a história dos séculos que, “quando Krishna” — o Grande Avatar do Hindustão — “completou quinze anos, foi procurar o Patriarca Nanda e perguntou-lhe:”

“— Onde está minha mãe?” (A Serpente ascendente Kundalini.)

“— Meu filho, não me interrogues” — respondeu o Patriarca —, “tua mãe foi para o país de onde veio e eu não sei quando voltará”.

“Krishna caiu em profunda tristeza, afastou-se de seus companheiros e perambulou durante várias semanas no monte Meru..”.

“Lá, viu um velho, de pé, sob um cedro gigantesco. Olharam-se um ao outro por algum tempo”.

“Perguntou o velho: — Quem procuras?”

“— Minha mãe, onde irei encontrá-la?”

“— Ao lado d’Aquele que não muda jamais”. (O Pai que está no íntimo.)

“— E como irei encontrá-Lo?”

“— Procura-O! Procura, sempre e até ao fim”. (Dentro de ti mesmo.)

“— Degoles o Touro (o Ego Animal) e esmague a Serpente”. (Do Abismo.)

“Depois, Krishna percebeu que a forma majestosa do ancião tornava-se transparente, esvanecendo-se até desaparecer sob os ramos, como uma vibração luminosa..”.

“Quando Krishna desceu do monte Meru, parecia radiante e transformado; uma energia mágica brotava de seu Ser”.

“Disse a seus companheiros: — Vamos lutar contra os Touros e as Serpentes (Abismais), defendendo os bons e subjugando os maus”.

“Com o arco e a espada, Krishna e seus companheiros, filhos de pastores, abateram na selva todos os animais ferozes”.

“Krishna matou ou subjugou leões, guerreou vários reis e libertou tribos oprimidas, mas a tristeza invade o fundo do seu coração”.

“Sua Alma só tinha um desejo profundo, misterioso: encontrar sua Divina Mãe Kundalini e tornar a ver o sublime ancião (Seu Mestre); contudo, apesar da promessa deste, e do muito que havia lutado e vencido, não podia conseguir isso”. “Um dia, ele ouviu falar de ‘Kalayoni’, o Rei das Serpentes, o Mago Negro guardião do Templo de Kali (Coatlícue, Prosérpina, Hécate), a tremebunda Deusa do Desejo e da Morte, e pediu-lhe para lutar com a mais temível de suas Serpentes, aquela Serpente eterna (o abominável órgão Kundartiguador) que já havia devorado centenas de guerreiros sublimes, cuja baba corroía os ossos e cujo olhar espalhava o terror nos corações..”.

“Do fundo do Templo de Kali” — a Rainha dos Infernos e da Morte, a de todos os crimes —, “Krishna viu sair ao conjuro mágico de Kalayoni um grande réptil azul-esverdeado”. “A Serpente empinou lentamente seu grosso corpo, intumescceu horrisono seu pescoço avermelhado, e seus olhos penetrantes acenderam-se quase chamejantes na cabeça monstruosa recoberta de escamas luzidias”.

“Kalayoni disse-lhe: — Ou adoras a Serpente ou morrerás”.

“A Serpente morreu nas mãos de Krishna, do herói Santo, que não soube o que era medo”.

“Depois de Krishna haver matado heroicamente a Grande Serpente Guardiã do Templo de Kali, a horrível Deusa do Desejo e da Morte, fez abluções e preces durante um mês à margem do Ganges, depois de se ter purificado na luz do Sol, no Divino pensamento contemplativo de Mahadeva”.

A horripilante Serpente Infernal jamais aceitaria o “Sahaja Maithuna”, a “Castidade Científica”, porque isto vai de encontro aos interesses da Natureza.

Aqueles que não conseguirem ser devorados pela Divina Serpente Kundalini, serão tragados pela pavorosa Serpente Píton.

O Guerreiro que logre matar a serpente infernal entrará no Palácio dos Reis; será ungido como Rei e Sacerdote da Natureza, segundo a Ordem de Melchisedek.

Mas, certamente nunca é tarefa fácil rebelar-se contra os átomos da hereditariedade, contra a luxúria que herdamos de nossos antepassados, contra a pavorosa Serpente Infernal que trouxe ao mundo nossos avós e que trará nossos filhos e os filhos de nossos filhos.

O que se traz na carne, no sangue e nos ossos é definitivo, e rebelar-se contra isso resulta espantoso.

A Doutrina da aniquilação budista é fundamental. Precisamos morrer de instante a instante; somente com a morte advém o novo.



Huéhuateotl, Deus do fogo, ou o "Deus Velho" que suporta em sua cabeça um enorme braceiro, é um Malachim que têm a seu mando milhões de salamandras.

CAPÍTULO 15 - OS ELEMENTAIS

Nossa Divina Mãe Tonantzin é a Serpente ígnea de nossos mágicos poderes, ascendendo vitoriosa pelo canal medular espinhal do corpo humano.

Coatlícue é a Serpente do abismo, Kali, Hécate, a Prosérpina infernal, a Deusa da Terra.

“Cihuacoatl” é outro nome terrível da Deusa da Terra e a santa Padroeira das famosas “Cihateteo”, que de noite gritam e lamentam pavorosamente no vento.

Em tempos mais recentes, “Cihuacoatl” transformou-se na “chorona” das lendas populares mexicanas, que carrega um berço misterioso ou o cadáver de uma criatura inocente, e que lança durante as noites amargos lamentos nas antigas e nobres ruas da cidade.

Nos tempos antigos, diziam que chegara pelo crime de ter deixado abandonado, no mercado público, o berço dentro do qual estava a faca do sacrifício.

Os “Gnomos” ou “Anões” que moram nas entranhas da Terra tremem evidentemente diante de Coatlicue.

O Gênio particular destes gnomos é “GOB”, uma divindade muito especial, conhecido em Alta Magia.

Disseram-nos que o Reino específico dos Gnomos fica no Norte da Terra, e que são comandados pela espada.

Vejamos agora um magnífico poema da epopéia náuatle, relacionado com Tlaloc, o Deus da Água:

“O Deus Tlaloc residia em um Grande Palácio com Quatro Aposentos, e no meio da Casa havia um pátio, com quatro alguidares cheios de água”.

“O primeiro, é o da água que chove em seu tempo e fecunda a terra para que dê bons frutos”.

“O segundo, é o da água que faz murchar as colheitas e perderem-se os frutos”.

“O terceiro, é p da água que faz congelar e secar as plantas”.

“O quarto, é o da água que produz seca e esterilidade”.

“Tem o Deus a seu serviço muitos ministros” — os Elementais da Água — “pequenos de corpo, que moram em cada um dos aposentos, cada um segundo sua cor, pois são azuis como o céu, brancos, amarelos e vermelhos”.

“Eles, com grandes regadores e bastões nas mãos, vão regar a terra quando o supremo Deus da chuva ordena”.

“E, quando troveja, é que quebram seus cântaros e, se algum raio cai, é que um fragmento da vasilha quebrada cai sobre a Terra”.

Encontrando-me um dia em estado de profunda Meditação, consegui entrar em contato direto com o Bendito Senhor Tlaloc.

Esse Grande Ser vive no Mundo Causal, mais além do Corpo, dos afetos e da mente.

Em todas as partes de meu Ser senti certamente a tremenda realidade de sua presença.

Vestido exoticamente, parecia um árabe dos tempos antigos; seu rosto, impossível de descrever com palavras, parecia um relâmpago.

Quando o recriminei pelo delito de haver aceito tantos sacrifícios de crianças, mulheres, varões, anciãos e outros, a resposta foi: “Eu não tive culpa disso, nunca exigi tais sacrifícios, isso foi coisa das pessoas de lá, do mundo físico”; depois, terminou dizendo: “Voltarei na Nova Era de Aquário”.

Não resta dúvida de que o Deus Tlaloc haverá de reencarnar-se dentro de alguns anos.

Os Cabalistas afirmam enfaticamente que o Reino das Ondinas encontra-se no Ocidente e se as evoca na copa das Libações.

Os antigos Magos, quando chamavam as Ondinas dos rios e lagos, os Gênios das nuvens, ou as Nereidas do oceano proceloso, clamavam com poderosa voz, pronunciando os seguintes mantras: “VEYA”, “VALLALA, VEYALA, HELAYA, VEYA”.

Certas tribos da América, quando querem chuva para suas culturas, reúnem seus membros, assumem a figura do Sapo, imitam-no e, depois, em coro, remedam o coxo dos mesmos; o resultado não se faz esperar muito.

Os antigos mexicanos oravam ao Senhor da Chuva, a Tlaloc, e então a terra era regada com as águas da vida.

Embora Tlaloc seja um Rei da Natureza, uma criatura mais além do bem ou do mal, está em suas mãos a inundação, a seca, o granizo, a neve e o raio, motivos pelos quais os Magos antigos temiam sua cólera; cabe afirmar que ao findar da Civilização Náuatle ou Asteca eram-lhe oferecidos sacrifícios de prisioneiros vestidos como a Divindade, especialmente donzelas e crianças, com a finalidade de aplacar sua ira.

Precisamos esclarecer o seguinte: quando a poderosa civilização de Anahuac estava no apogeu de sua glória, os sacrifícios humanos, que tanto causam espanto aos turistas, destacavam-se por sua ausência, não existiam.

Toda civilização que agoniza termina sempre e indubitavelmente com um banho de sangue e o México, de modo algum, não poderia ser a exceção.

Aqueles que estudaram a História Universal não ignoram isto ao se lembrarem das civilizações de Roma, Tróia, Cartago, Egito, Pérsia e outras.

Os partidários da “Antropologia Profana”, utopistas cem por cento, baseados em meros racionalismos subjetivos, lançaram a hipótese absurda de que Nosso Senhor Quetzalcoatl, Grande Avatar do México antigo, foi também adorado com o nome de Ehecatl, que sabiamente traduzido significa: “Deus do Vento”.

Os “Adeptos da Fraternidade Oculta”, aqueles Indivíduos Sagrados dotados de Razão Objetiva, os Mestres autênticos da “Antropologia Gnóstica”, sabem muito bem, por experiência mística e análise profunda, que o Deus do Vento é um Deva da Natureza, um Malachim do Mundo Causal, um Gênio do Movimento Cósmico, muito diferente de Quetzalcoatl.

Cumprir explicar que a razão subjetiva elabora seus conceitos de conteúdo exclusivamente com os dados fundamentados nas percepções sensoriais externas, razão pela qual nada pode saber sobre o real, sobre a verdade e sobre Deus, como já demonstrado de forma contundente por Immanuel Kant em seu livro intitulado “A Crítica da Razão Pura”.

A Razão Objetiva é diferente; elabora seus conceitos de conteúdo com os dados fundamentais da Consciência.

Assim, pois, ao falarmos sobre os Deuses do Panteão Asteca, nós, estudiosos da “Antropologia Gnóstica”, sabemos muito bem o que dizemos;

não emitimos opiniões Subjetivas... somos Matemáticos na investigação e exigentes na expressão.

Ehecatl, Sabtabiel, Michael e outros constituem uma verdadeira Plêiade de Indivíduos Sagrados de Nosso Sistema Solar de “ORS”, especializados na difícil ciência do Movimento Cósmico. O Grande “Guruji” Ehecatl ajudou de forma muito eficiente o Grande Cabir Jesus de Nazaré em seus difíceis processos ressuscitadores.

É evidente que sob a direção de Ehecatl trabalham em nosso Planeta Terra bilhões e trilhões de Silfos aéreos.

Disseram-nos enfaticamente que o Reino dos Silfos acha-se localizado no Oriente, e que são comandados com a pena de águia e os Santos Pentáculos; isto o sabem os Magos.

Na visão da Harmonia de todas as coisas, descobrimos com assombro Místico a parte espiritual da Natureza; em outros termos, encontramos os famosos Malachim ou Reis Angélicos.

Os contatos diretos com os Elementais devem ser sempre realizados por intermédio dos Reis Angélicos dos elementos, na esfera maravilhosa do Mundo Causal.

O elemento Fogo da Natureza, como a terra, a água e o ar, tem também na Doutrina Secreta de Anahuac seu Deus especial.

Os astecas sempre o adoraram pelo sagrado nome de “Huehuetotl” que, traduzido corretamente, significa: “O Deus Velho”. É representado como um velho carregado de anos e que suporta sobre sua cabeça um enorme braseiro.

Disseram-nos que, em contraste com “Tescatlipoca”, que é o primeiro a chegar à Festa do Mês “Teotleco”, o Bem-Aventurado Senhor Divino Huehuetotl é o último a chegar à Assembléia dos Deuses.

Huehuetotl, como elemento natural, é o INRI dos Cristãos, o ABRAXAS dos Gnósticos, o TAO chinês, o Zen Buddha, o Agnus Dei.

Huehuetotl, como Indivíduo Sagrado, é um Rei Angélico, alguém que se Auto-realizou intimamente, um Malachim, sob cuja regência trabalham bilhões e trilhões de Salamandras (Criaturas do Fogo).

No Fogo Universal moram ditosos os “Filhos da Chama”, os Deuses do elemento ígneo dos Gênios antigos: Apoio, Minerva, Hórus e outros.

Essas Chamas Inefáveis e terrivelmente Divinas estão certamente mais além do bem e do mal.

O Reino das Salamandras encontra-se no Sul, e são comandadas com a varinha dentada ou com o tridente mágico.

Para dominar e servir-se dos elementais da Natureza de forma completa e definitiva, é indispensável eliminar previamente o “Ego Animal”.

Jamais uma pessoa volúvel e caprichosa governará os Silfos da Natureza; nunca uma pessoa fraca, fria e inconstante será o amo absoluto das Ondinas das águas ou das Nereidas dos mares; o ódio irrita as Salamandras do Fogo, e a concupiscência grosseira converte, de fato, em joguetes dos Gnomos ou Anões do Reino Mineral aqueles que desejam servir-se deles.

É preciso que as pessoas sejam rápidas e ativas como os Silfos; flexíveis e atentas como as Ondinas e Nereidas; enérgicas e fortes como as Salamandras; laboriosas e pacientes como os Gnomos. Em suma, é urgente, indispensável, vencer os elementais em sua força, sem jamais deixarem-se dominar por suas debilidades. Recordai que nosso Lema, nossa Divisa, é THELEMA (Vontade).

Quando o Mago tiver morrido completamente em si mesmo, a natureza inteira o obedecerá.

Ele passará durante a tempestade sem que a chuva toque sua cabeça; o vento não desmanchará uma só prega de seu traje; atravessará o fogo sem queimar-se; caminhará sobre as águas procelosas do oceano sem afundar-se. Poderá ver com inteira clareza todas as riquezas que se escondem no seio da Terra.

Recordai as palavras do Grande Cabir Jesus: “Os milagres que eu tenho feito vós podereis fazer e ainda mais”.

A Ordem Angélica do Mundo das Causas Naturais ou Mundo da Vontade Consciente é a dos Malachim ou Reis da Natureza, que certamente constituem por si mesmos os legítimos princípios espirituais dos elementos.

Esses Deuses inefáveis e terrivelmente Divinos são homens perfeitos no sentido mais completo da palavra; esses Seres estão muito além do bem e do mal.

O asceta iluminado enche-se de assombro e místico terror quando sente em todas as partes de seu Ser a presença do Deus Morcego, poderoso Senhor dos Mistérios da Vida e da Morte.

Cumpre lembrar que ainda se conservam cânticos a Huit-zilopochtli, a Mãe dos Deuses, ao Deus do Fogo, a Xochipilli, o Deus da música, da dança e do canto, a Xochiquetzal, a Xipe Totec, o Santo Senhor da Primavera, bem como a outros.

No momento em que escrevo estas linhas surgem em minha mente insólitas reminiscências.

Faz muitos anos um hóspede não grato morava em minha casa; parecia não ter pressa de partir.

Consultei Ehecatl, o Deus do Vento, sobre o caso, e é óbvio que a pessoa saiu de minha casa apressadamente.

Eu tinha felizmente em meu poder a soma que Ehecatl me exigiu pelo serviço; nada nos é dado de presente, tudo custa.

Paga-se a esses Deuses elementais com valores cósmicos; quem tem com que pagar sai-se bem nos negócios.

Nossas boas obras estão representadas em moeda cósmica; fazer sempre o bem é um bom negócio; assim, acumularemos capital “cósmico”, mediante o qual é possível fazer negócios desse tipo.

O Iniciado fala aos seres elementais em nome de qualquer dos Reis que os governam.

De alguma forma baixa aos reinos elementais, trazendo consigo sua virilidade, e trabalha então sobre os elementos.

As operações elementais devem iniciar-se no mundo das causas naturais; a partir dessa região devem ser controladas... faltando esse controle, surge de imediato a Magia Negra.

Quando as forças elementais se divorciam de seus princípios espirituais e se convertem em algo diferente, embora não se pretenda fazer nenhum mal, produz-se inevitavelmente uma queda acompanhada da degeneração.

Quando reconquistamos a inocência na mente e no coração, os Príncipes do fogo, do ar, das águas e da terra abrem diante de nós as portas dos Paraísos elementais.

É necessário, portanto, que, quando quisermos nos servir das forças elementais, peçamos ajuda aos Reis correspondentes.

O Mundo Causai ou Mundo da Vontade Consciente é essencialmente a Região do Misticismo Religioso.

O Gnóstico que aprende a combinar a Meditação com a oração, sem dúvida pode estabelecer contato objetivo e consciente com os Deuses da Natureza.

O Mundo Causal é a Esfera dos Mestres; é o Templo Eterno nos céus, que não alguma construiu; é a Grande Morada da Fraternidade Oculta.

Quereis chuva? Desejais livrar-vos dela? Escolhei então como motivo de Concentração e Oração, o Bem-aventurado Tlaloc. “Pedí e vos será dado; batei e abrir-se-vos-á”.

Estais doente? Quereis curar alguém? Escolhei então como motivo de Concentração, Meditação, Oração, Súplica, etc., o famoso Deus Morcego dos astecas e maias. Indubitavelmente este grande Ser é um Mestre dos Mistérios da Vida e da Morte.

Quando o fogo se espalhar, ameaçando vidas, casas, fazendas, que seja então Huehuetotl, o Deus Velho do Fogo, o objeto básico de vossa concentração, meditação e súplicas.

Bem sabem os cabalistas hebraicos rabínicos que o Mantra do Mundo Causal foi, é e será sempre: “ALOH VA DAATH”.

Meditar em tal expressão equivale a bater nas portas maravilhosas do Grande Templo.

Transcreveremos, agora, um fragmento Místico de uma Oração a “Xipe Totec”, o Deus elemental da Primavera e também dos Mercadores.

Oração

“Tu, bebedor noturno,
por que te fazes rogar?
põe teu disfarce,
põe tua roupagem de ouro”.

“Ó, meu Deus, tua água de pedras preciosas tem descido;
transformou em QUETZAL
o alto cipreste;
a Serpente de fogo
transformou em Serpente de QUETZAL”.

“Deixou-me livre a Serpente de fogo.
Talvez desapareça,
talvez desapareça e destrua-me,
eu, a tenra planta de milho.
Semelhante a uma pedra preciosa
verde em meu coração;
mas verei todavia o ouro
e regozijar-me-ei se amadureceu,
se nasceu o caudilho da guerra”.

“Ó Deus Meu, faz que ao menos
frutifiquem em abundância
algumas plantas de milho;
teu devoto dirige o olhar até tua montanha,
até a ti;
regozijar-me-ei se algo amadurecer primeiro, e posso dizer que
nasceu o caudilho da guerra”.

E quando já se logra o milagre da frutificação, o devoto agradecido clama ao Santo Senhor Xipe Totec, dizendo: “Nasceu o Deus do milho no TAMOANCHAN⁹⁶.”

No lugar em que há flores o Deus
‘I. Flor’,
o Deus do milho nasceu
no lugar em que há água e umidade,
onde os filhos dos homens são feitos,
no precioso Michoacan”.

⁹⁶ O jardim paradisíaco na mítica dos astecas, residência das grandes deusas terrestres, pois são elas as fontes da vida. Ali nasciam as plantas e as sementes germinavam percorrendo um longo caminho sob a terra. Uma vez saídas de Tamoanchan, sementes e raízes já não dependiam das deusas terrestres mas dos deuses da chuva. Havendo chuva e bênçãos dos deuses, as plantas nasceriam no leste, região do sol nascente, país da juventude e da abundância, também chamado o “país vermelho”, por ser o nascedouro do sol. (N. da T.)

Estas orações inefáveis são de origem tolteca e estão muito bem escritas na linguagem esotérica “Nahuatlatolli”.

Conta a história dos séculos que Trithemius, o Mago Abade, o sábio que em 1483 dirigia o famoso mosteiro de Spanheim, conhecia a fundo a Ciência esotérica dos elementos.

Diz-se que evocou o fantasma de Maria de Borgonha diante do imperador Maximiliano, e é claro que a augusta sombra aconselhou o imperador a adotar um novo modo de conduta e lhe revelou certos fatos, ordenando que se casasse com Branca Sforza.

Todos os eruditos da Idade Média sempre se apaixonavam pela Magia e muitos trabalharam com os Elementais da Natureza.

Alguns Magos, com grande fervor religioso, clamavam, chamando Cupido, para que no espelho magnético fizesse aparecer ante os devotos assombrados a figura do ser amado.

Valham-me Deus e Santa Maria! Quantas maravilhas fazia Cupido mediante os Elementais!

O abade Trithemius considerava-se discípulo de Alberto, o Grande; jamais negou que o mais santo dos santos praticara a Magia.

Alberto, o Grande, como São Tomás, afirmou a realidade da Alquimia. Seu tratado sobre essa matéria sempre estava sobre a mesa do abade.

Trithemius contava que, quando Guilherme II, Conde da Holanda, ceiou com o ínclito e preclaro sábio Alberto, o Grande, este mandou colocar uma mesa no jardim do mosteiro. Ainda era pleno inverno e nevava.

Tão logo os dois sentaram-se à mesa, como por encanto a neve desapareceu e o jardim cobriu-se de diversas flores. Aves de cores distintas voavam encantadoramente entre as árvores, como nos melhores dias de verão.

Os monges alunos do Misterioso Abade anelavam poder realizar semelhantes prodígios e Trithemius apressava-se em dizer que o Mestre conseguira essas maravilhas mediante a Magia Elemental, e que nisso nada havia de Demoníaco nem, por conseguinte, de mal, condenável ou execrável.

É claro que Fausto, Paracelso e Agrippa, os três magos mais ilustres da Idade Média, foram discípulos do abade Trithemius.

“Digam-me os Quatro Elementos da Natureza”, ordenava o abade a seus monges em plena classe:

“A Terra, a Água, o Ar, o Fogo”.

Se — continuava o Mestre —, a Terra e a Água, os mais pesados, veem-se atraídos para baixo; o Ar e o Fogo, mais leves, o são para o alto. Platão tinha razão ao fundir o Fogo com a Água, que se converte em chuva, que se converte em orvalho, que se converte em água, que se converte em Terra ao solidificar-se”.

O Místico que anela de verdade converter-se em um Mago, em um Rei Angélico da Natureza, deve converter-se em Rei de si mesmo.

Como poderemos mandar nos elementais da natureza, se não aprendemos a governar os elementais atômicos de nosso próprio corpo?

As Salamandras atômicas do Sangue e do Sexo ardem espantosamente com nossas paixões animais.

Os Silfos atômicos de nossos próprios ares vitais, a serviço da Imaginação Mecânica Subjetiva (não confundi-la com a Imaginação Objetiva Consciente), jogam com nossos pensamentos lascivos e perversos.

As Ondinas atômicas do Sagrado esperma sempre provocam assombrosas tempestades sexuais.

Os Gnomos atômicos da carne e dos ossos deliciam-se indolentes com a preguiça, a glotonaria, a concupiscência.

Faz-se urgente saber exorcizar, mandar e submeter os elementais atômicos de nosso próprio corpo.

Podemos também submeter os elementais atômicos de nosso próprio corpo mediante os exorcismos do fogo, dos ares, das águas e da terra. Tais orações e exorcismos, não resta dúvida, devem ser muito bem decorados.

Exorcismo do Fogo

Exorciza-se o Fogo nele jogando sal, incenso, resina branca, cânfora e enxofre, e pronunciando três vezes os três nomes dos Gênios do Fogo: Michael, Rei do Sol e do Raio; Samael, Rei dos Vulcões; e Anael, príncipe da luz astral, escutai meus rogos, Amém.

(A seguir, o devoto formulará mentalmente seu pedido.)

Exorcismo do Ar

Exorciza-se o ar soprando-se para o lado dos quatro pontos cardeais e dizendo com grande fé o seguinte:

“Spiritus Dei ferebatur super aquas, et inspiravit in faciem hominis spiraculum vitae. Sit Michael dux meus, et Sabtabiel servus meus, in luce et per lucem”.

“Fiat verbum halitus meus; et imperabo Spiritibus aeris hujus, et refrenabo equos solis voluntate cordis mei, et cogitatione mentis meae et nutu oculi dextri”.

“Exorciso igitur te, creatura aeris, per Pentagrammaton et in nomine TETRAGRAMMATUN, in quibus sunt voluntas firma et fides recta. Omen. Sela, Fiat. Que assim seja”.

(A seguir, o devoto concentrado em Michael e em Sabtabiel formulará seu pedido.)

Exorcismo da Água

“Fiat firmamentum in medium aquarum et separet aquas ab aquis, que superius sicut quae inferius, et quae inferius sicut que superius, ad perpetranda miracula rei unius”.

“Sol ejus pater est, luna mater et ventus hunc gestavit in uterosuo, ascendit a terra ad coelum et rursus a coeluo interram descendit. Exorciso te, creatura aquae, ut sis mihi speculum Dei vivi, in operibus ejus, et fon vitae, et abllutio peccatorum. Amém”.

(A seguir, o devoto devidamente concentrado em TLALOC ou em NICKSA faz seu pedido mentalmente.)

Exorcismo da Terra

Pelo Cravo de imã que atravessa o coração do mundo, pelas) doze pedras da Cidade Santa, pelos sete metais que correm nas veias da Terra e em nome de GOB, obedeçam-me obreiros subterrâneos.

(A seguir, o devoto concentrado em Gob formulará seu pedido.)

Os Magos antigos usavam, em suas operações de Magia Elemental, defumadores com ramos de loureiro, artemísia, arruda, salva, alecrim e outros; esses vegetais queimavam entre carvões acesos.

Esta observância é magnífica; o ar se carrega com a fumaça das plantas; o fogo exorcizado refletirá a vontade do operador; as forças sutis da natureza o ouvirão e responderão.

Nesses instantes a água parece agitar-se e ferver; o fogo arroja estranho resplendor e percebe-se no ar vozes desconhecidas; a própria terra parece tremer.

Era nesses momentos que os Magos da Idade Média conseguiam que o Gênio Elemental “Cupido”, além de fazer-se visível no espelho magnetizado, mostrasse também nele não só a figura da pessoa amada, como também, e o que é mais importante, os acontecimentos que o destino sempre reserva aos seres que se adoram.

Os Deuses do Fogo: Agni, Huehueteotl e outros; os Elohim do Ar: Paralda, Ehecatl e outros; as Divindades da Água: Nicksa, Tlaloc e outras; Gob e outras Deidades subterrâneas, sempre assistem ao místico que, com Sabedoria, Amor e Poder, os invoca.

Disseram-nos que todo Mago que trabalha com os Elementais da Natureza pode tornar-se invisível à sua vontade.

É evidente que esse poder só é possível adquirir, como qualquer outra faculdade, na base de supremos sacrifícios. É patente que o Sacrifício significa certamente a escolha deliberada, clarividente, de um bem superior de preferência a um inferior.

O carvão que a locomotiva consome é cruelmente sacrificado ao poder de movimento tão indispensável para transportar passageiros. Na realidade, o sacrifício é uma transmutação de forças; a energia latente no

carvão, oferecida no altar da locomotiva, é transformada na energia dinâmica do vapor, mediante os instrumentos aplicados.

Existe um mecanismo ao mesmo tempo psicológico e cósmico que cada ato de sacrifício põe em movimento e pelo qual este se transforma em energia espiritual, que, por sua vez, pode ser aplicada a vários outros mecanismos e reaparecer nos planos da forma sob um tipo de força integrante absolutamente diferente do que foi realmente em sua origem.

Por exemplo, um homem pode sacrificar suas emoções por sua carreira, ou uma mulher sua carreira por suas emoções.

Algumas pessoas estão dispostas a sacrificar seus prazeres terrenos pelas venturas divinas. Todavia, é muito difícil que haja alguém disposto a renunciar a seus próprios sofrimentos, a sacrificá-los por algo superior. Sacrificai a suprema dor muito natural que resulta do falecimento de um ente querido e tereis uma espantosa transformação de forças, cuja consequência será o poder para tornar-vos invisíveis à vontade.

O Doutor Fausto sabia tornar-se invisível à vontade; é claro que este Mago havia conseguido esse poder à base do sacrifício.

Os Sábios Medievais tinham uma fórmula mágica maravilhosa, mediante a qual se tornavam invisíveis.

Basta, segundo os Ritos e Invocações de costume, saber usar magicamente a seguinte fórmula Litúrgica:

ATHAL, BATHEL, NOTHE, JHORAM, ASEY, CLEYUBGIT, GABELLIN, SEMENEY, MENCHENO, BAL, LABENENTEM, NERO, MECLAP, HALATEROY, PALCIM, TINGIMIEL, PLEGAS, PENEME, FRUORA, HE AM, HA, ARARNA, AVORA, AYLÁ, SEYE, PEREMIES, SENEY, LEVESSO, HAY, BARACHALU, ACUTH, TURAL, BUCHARD, CARATIM, PER MISERICORDIAM, ABIBIT ERGO MORTALE, PERFICIAT QUA HOG OPUS, UT INVISIBILITER, IRE POSSIM.

Esta espécie de Fórmulas Mágicas tem por fundamento de aço a Fé real e inquebrantável.

É óbvio que esta Fé tem que ser construída mediante o estudo analítico profundo e a experiência mística direta.

CAPÍTULO 16 - OS SONHOS

A Gnose ensina que existem muitas espécies diferentes de sonhos que a moderna Psicologia decadente do Hemisfério Ocidental ignora radicalmente.

E evidente que os sonhos são de qualidade diversa específica devido ao fato concreto de estarem relacionados diretamente com cada um dos centros Psíquicos do corpo humano.

Com o rigor da verdade e sem exagero algum podemos afirmar que a maioria dos sonhos encontram-se vinculados ao Centro Instintivo-Motor, quer dizer, são o eco de coisas vistas durante o dia, de sensações e movimentos, mera repetição astral daquilo que vivemos diariamente.

Mesmo assim, algumas experiências de tipo emocional, tais como o medo — que tanto dano faz à humanidade — ocorrem nos sonhos caóticos do Centro Instintivo-Motor.

Existem, pois, sonhos emocionais, sexuais, intelectuais, motores e instintivos, e outros.

Os sonhos mais importantes, as vivências íntimas do Ser, acham-se associados aos dois Centros: o Emocional Superior e o Mental Superior.

São certamente interessantes os sonhos relacionados com os dois centros superiores; caracterizam-se sempre pelo que se poderia denominar de uma formulação dramática.

Ora, se pensarmos no Raio da Criação e nos centros superiores e inferiores, e nas influências que descem pelo citado Raio Cósmico, devemos admitir que elas se apresentam em nós como vibrações luminosas que procuram nos curar, que tratam de nos informar sobre o estado em que nos encontramos, etc.

É proveitoso receber Mensagens e estar em contato com os Adeptos astecas, maias, toltecas, egípcios, gregos e outros.

É também maravilhoso conversar intimamente com as diversas partes mais elevadas de nosso Ser.

Os Centros Superiores estão plenamente desenvolvidos em nós e nos transmitem Mensagens que devemos aprender a captar conscientemente.

Para aquelas pessoas muito seletas que tiveram momentos de recordação de Si mesmas na vida, que tiveram instantes em que viram uma coisa banal ou uma pessoa comum de um modo completamente novo, não constituirá surpresa se eu lhes disser, neste capítulo, que estes momentos têm a mesma qualidade ou sabor íntimo que esses raros e estranhos sonhos relacionados com os dois Centros, Emocional e Mental Superiores.

Não há dúvida que o significado desses sonhos transcendentais pertence à mesma ordem da realização em Si do Raio da Criação e, em particular, da Oitava Lateral do Sol.

Quando começamos a dar-nos conta da profunda significação dessa classe específica de sonhos, é sinal de que certas forças lutam para despertar-nos, sanar-nos ou curar-nos.

Cada um de nós é um ponto matemático no espaço, que serve de veículo a determinadas adições de “Valores” (bons ou maus).

A Morte é um resto de quebrados; terminada a operação matemática, a única coisa que fica são os “Valores” (brancos ou negros). De acordo com a Lei do Eterno Retorno, é claro que os “Valores” retornam, reincorporam-se.

Se um homem começar a ocupar-se mais conscientemente do pequeno Ciclo de Acontecimentos Recorrentes de sua Vida Pessoal, poderá então verificar por si mesmo, mediante a experiência Mística direta, que no sonho diário sempre se repete a mesma operação matemática da morte.

Na ausência do Corpo Físico, durante o sonho normal, os “Valores” submersos na Luz Astral atraem-se e repelem-se de acordo com as Leis da Atração Universal.

A volta ao estado de Vigília implica, de fato e por direito próprio, o “Retorno” dos “Valores” ao interior do Corpo Físico.

Uma das coisas mais extraordinárias é que as pessoas pensam que estão em relação somente com o Mundo externo.

A Gnose nos ensina que estamos em relação com o mundo interior, invisível para os sentidos físicos comuns, mas visível para a Clarividência.

O Mundo Interior Invisível é muito mais extenso e contém muito mais coisas interessantes que o Mundo Exterior, para o qual estamos sempre olhando através das janelas dos cinco sentidos.

Muitos sonhos referem-se ao lugar onde estamos no Mundo Interior Invisível, de onde surgem as diversas circunstâncias da vida.

A linguagem dos sonhos é exatamente comparável à linguagem das parábolas.

Aqueles que interpretam tudo literalmente, pensam que o Semeador do Evangelho Cristão saiu a semear e que as sementes caíram em pedregais, etc., mas não entendem o sentido dessa parábola, porque este, em si mesmo, pertence à linguagem simbólica do Centro Emocional Superior.

Convém lembrar que todo sonho, por absurdo ou incoerente que seja, tem algum significado, pois nos indica não só o Centro Psíquico a que está associado, como também o estado Psicológico de tal Centro.

Muitos Penitentes que se presumiam Castos, quando foram submetidos a provas nos Mundos Internos, falharam no Centro Sexual e caíram em Poluções Noturnas.

No Adepto Perfeito, os Cinco Centros Psíquicos: Intelectual, Emocional, Motor, Instintivo e Sexual, funcionam em plena harmonia com o infinito.

Quais são as funções mentais durante o sonho? Que emoções nos agitam e nos comovem? Quais são nossas atividades fora do Corpo Físico? Que sensações instintivas predominam? Temos tomado nota dos estados sexuais durante o sonho?

Devemos ser sinceros conosco mesmos; com justa razão, disse Platão: “Conhece-se o homem pelos seus sonhos”.

A questão do funcionamento equivocado dos Centros é um Tema que requer um estudo de toda a vida, através da observação do si mesmo em ação e do exame rigoroso dos sonhos.

Não é possível chegar à compreensão dos Centros e de seu trabalho correto e equivocado em um instante; precisamos de infinita paciência.

Toda a vida se desenvolve em função dos Centros e por estes é controlada.

Nossos pensamentos, sentimentos, ideias, esperanças, temores, amores, ódios, ações, sensações, prazeres, satisfações, frustrações, etc., encontram-se nos Centros.

A descoberta de algum elemento inumano em qualquer dos Centros deve ser motivo mais do que suficiente para o trabalho esotérico.

Todo defeito psicológico deve ser previamente compreendido mediante a técnica da meditação, antes de proceder a sua eliminação.

Extirpar, erradicar, eliminar qualquer elemento indesejável somente é possível com a invocação da ajuda de Tonantzin (a Divina Mãe Kundalini), uma variante de nosso próprio Ser, o Fohat particular de cada um de nós.

Assim é que vamos morrendo de instante a instante; só com a morte advém o novo.

Da escala dos seres e das coisas chegam-nos sem dúvida influências de toda classe.

Se compreendermos o Raio da Criação, saberemos também que em todo instante da vida nos chegam influências e que estas são de diferentes qualidades.

É preciso lembrar sempre que há influências superiores que atuam sobre nós e que são registradas por nosso aparelho psíquico, mas se estivermos apegados a nossos sentidos e não dermos plena atenção à nossa vida interior, então tampouco conseguiremos perceber estas influências.

CAPÍTULO 17 - DISCIPLINA DA YOGA DO SONHO

Os aspirantes que sinceramente anelam a experiência mística direta, devem certamente começar pela disciplina da “Yoga do Sonho”.

E claro que o Gnóstico deve ser exigente consigo mesmo e aprender a criar condições favoráveis para a lembrança e compreensão de todas essas experiências místicas que acontecem sempre durante o sonho.

Antes de nos deitarmos para o descanso dos esforços e fadigas do viver diário, convém dar a devida atenção ao estado em que nos encontramos.

Os devotos que, devido às circunstâncias, levam vida sedentária, realmente nada perdem e muito ganharão se antes de se deitarem derem um breve passeio a passos rápidos e ao ar fresco. Esse passeio relaxará seus músculos.

Entretanto, convém esclarecer que jamais devemos abusar dos exercícios físicos; precisamos viver harmoniosamente.

A ceia, o jantar, o lanche ou a refeição final do dia deve ser leve, sem alimentos pesados ou estimulantes, evitando-se, cuidadosamente, a ingestão de comidas que possam nos tirar o sono.

A forma mais elevada de pensar é não pensar; quando a mente está tranquila e em silêncio, livre das preocupações do dia e das ansiedades mundanas, encontra-se então em um estado cem por cento favorável para a prática da Yoga do Sonho.

Quando trabalha realmente o Centro Emocional Superior, acaba, ainda que só por breve tempo, o processo de pensar.

É evidente que o referido Centro entra em atividade com a embriaguez Dionisíaca.

Esse arrebatamento é possível ao se escutar com infinita devoção as sinfonias arrebatadoras de Wagner, Mozart, Chopin e outros.

A música de Beethoven, mui especialmente, é extraordinária para fazer vibrar intensamente o Centro Emocional Superior.

O Gnóstico sincero nela encontra um imenso campo de exploração mística, porque não é música de formas, mas de ideias arque típicas inefáveis; cada nota tem seu significado; cada pausa, uma emoção.

Beethoven, ao sentir tão cruelmente os rigores e provas da “noite espiritual”, ao invés de fracassar como muitos aspirantes, foi abrindo os olhos de sua intuição ao Supernaturalismo misterioso, à parte espiritual da Natureza, à essa região onde vivem os Reis Angélicos desta grande criação Universal: Tlaloc, Ehecatl, Huehueteotl e outros.

Vede o “Músico-Filósofo” ao longo de sua vida exemplar.

Sobre sua mesa de trabalho tem constantemente à vista sua Divina Mãe Kundalini, a inefável Neith, a Tonantzin de Anahuac, a Suprema ísis egípcia.

Disseram-nos que esse Grande Mestre havia colocado aos pés daquela imagem adorável uma inscrição redigida pelo seu próprio punho, e que reza misteriosa:

“Eu sou a que foi, é e será, e nenhum mortal levantou meu véu”.

O progresso íntimo revolucionário torna-se impossível sem o auxílio imediato de nossa Divina Mãe Tonantzin.

Todo filho agradecido deve amar sua Mãe; Beethoven amava a sua profundamente.

Fora do Corpo Físico, nas horas de sonho, a alma pode conversar com sua Divina Mãe; mas é evidente que devemos começar com a disciplina da Yoga do Sonho.

Precisamos prestar atenção no quarto em que vamos dormir; a decoração deve ser agradável; as cores mais desejáveis para os fins que se perseguem — a despeito do que outros autores aconselham — são precisamente as três primárias: azul, amarelo, vermelho.

As três cores primárias correspondem sempre às três forças primárias da natureza (o Santo TRIAMAZIKAMNO), isto é, o Santo afirmar, o Santo negar e o Santo conciliar.

É bom lembrar que as três formas originais desta grande Criação cristalizam-se sempre de forma positiva, negativa e neutra.

A “Causa Causorum” do Santo TRIAMAZIKAMNO encontra-se oculta no elemento ativo OKIDANOKH; este, em si mesmo, é tão somente a emanção do Sagrado Absoluto Solar.

É óbvio que a repulsa às três cores primárias, depois da exposição de todas essas razões, equivale, por simples dedução lógica, a cair em um despropósito, em um desatino.

A Yoga do Sonho é extraordinária, maravilhosa, formidável; todavia, é muito exigente.

O quarto deve estar sempre bem perfumado e arejado, mas não se deve deixar penetrar nele o sereno frio da noite.

O Gnóstico, depois de uma revisão detalhada de si mesmo e do quarto em que irá dormir, deve examinar sua cama.

Se observamos qualquer bússola, podemos verificar por nós mesmos que a agulha aponta para o Norte.

E claro que podemos aproveitar conscientemente essa corrente magnética do mundo, que flui sempre de Sul a Norte.

Orientemos a cama de forma tal que a cabeceira fique sempre voltada para o Norte; assim, poderemos usar inteligentemente a corrente magnética indicada pela agulha.

O colchão não deve ser nem muito duro nem muito mole; quer dizer, deve ter uma flexibilidade tal que não afete de modo algum os processos psíquicos de quem dorme.

Os chiados das molas ou uma cabeceira que range ao menor movimento do corpo constituem um sério obstáculo para essas práticas.

Coloca-se sob o travesseiro um caderno ou um bloco de anotações e um lápis para que possam ser facilmente encontrados no escuro.

As roupas de cama devem ser frescas e muito limpas, e deve-se perfumar a fronha com a fragrância preferida.

Depois de cumprir todos esses requisitos, o asceta Gnóstico dará o segundo passo desta disciplina esotérica.

Deitará, e tendo apagado a luz, pôr-se-á em decúbito dorsal (de barriga para cima), com os olhos fechados e as mãos sobre o plexo solar.

Ficará completamente quieto durante alguns instantes e, depois de estar relaxado totalmente, tanto no físico como no mental, concentrar-se-á em Morfeu, o Deus do Sono e dos Sonhos.

É inquestionável que cada uma das partes isoladas do nosso Ser Real exerce determinadas funções, e é justamente Morfeu (não confunda com Orfeu) o encarregado de nos educar nos Mistérios do Sonho.

Seria algo mais do que impossível traçar um esquema do Ser; mas, todas as partes espiritualizadas, isoladas, de nossa presença comum, desejam a perfeição absoluta de suas funções.

Quando nos concentramos em Morfeu, este se regozija pela excelente oportunidade que lhe oferecemos.

É indispensável ter Fé e saber suplicar; devemos pedir a Morfeu que nos instrua e nos desperte nos Mundos Suprassensíveis.

Neste momento, começa a apoderar-se do Gnóstico esoterista uma sonolência bastante especial, e ele então adota a Postura do Leão.

“Deitado sobre seu lado direito, com a cabeça dirigida para o Norte, puxa as pernas para cima lentamente até que os joelhos fiquem dobrados. Nesta posição, a perna esquerda apoia-se sobre a direita; a seguir, coloca a face direita sobre a palma da mão direita e deixa o braço esquerdo descansar sobre a perna do mesmo lado”.

Quando despertamos do sono normal, não devemos nos mexer, porque, com tal movimento, é claro que nossos “Valores” se agitam e perdem-se as lembranças.

O exercício retrospectivo torna-se, sem dúvida, necessário nesses instantes, quando desejamos recordar com total precisão todos e cada um de nossos sonhos.

O Gnóstico deve anotar metodicamente os detalhes do sonho ou sonhos no caderno ou no bloco colocado sob o travesseiro para este fim. Assim poderá ter um registro minucioso sobre seu progresso interno na Yoga do Sonho.

Ainda que restem na memória vagos fragmentos do sonho ou sonhos, estes devem ser cuidadosamente registrados.

Quando nada permaneceu na memória, devemos iniciar o exercício de retrospectiva com base no primeiro pensamento que tivemos no instante exato em que acordamos.

Precisamos esclarecer de maneira enfática que o exercício de retrospectiva principia antes de havermos retornado completamente ao estado de vigília, quando ainda nos encontramos no estado de sonolência, cuidando de seguir conscientemente a sequência do sonho.

Terminamos este capítulo afirmando que não é possível ir além desta parte relacionada com a disciplina da Yoga do Sonho, a menos que tenhamos conseguido a memória perfeita de nossas experiências oníricas.

CAPÍTULO 18 - O SONHO TÂNTRICO

É imprescindível, não há dúvida, que precisamos examinar mensalmente nosso caderno ou bloco de anotações, com o objetivo de verificarmos, por nós mesmos, o avanço progressivo da memória onírica.

Qualquer possibilidade de esquecimento deve ser eliminada; não devemos continuar com as práticas subsequentes enquanto não obtivermos a memória perfeita.

São particularmente interessantes aqueles Dramas que parecem sair de outros séculos, ou que se desenrolam em meios ou ambientes que nada têm a ver com a existência de vigília do sonhador.

Há que se estar em estado de “Percepção Alerta”, de “Vigilância à Novidade”, e dar atenção bastante especial ao estudo dos detalhes que incluem questões específicas, práticas, reuniões, templos, atividades inusitadas em relação a outras pessoas, e outros.

Conseguido o desenvolvimento completo da memória onírica, eliminada já qualquer possibilidade de esquecimento, o processo de simbolização abrirá o caminho da revelação. Devemos buscar a Ciência básica da interpretação dos sonhos na Lei das Analogias Filosóficas, na Lei das Analogias dos Contrários, na Lei das Correspondências e da numerologia.

As imagens astrais refletidas no espelho mágico da imaginação jamais devem ser interpretadas literalmente, pois são apenas representações simbólicas das ideias arquetípicas, devendo ser utilizadas da mesma maneira que o matemático usa os símbolos algébricos. Cumpre afirmar que esse gênero de idéias desce do Mundo do Espírito Puro.

Como é natural, as ideias arquetípicas que provêm do Ser tornam-se maravilhosas, informando-nos sobre o Estado Psicológico desse ou daquele Centro da Máquina, sobre assuntos esotéricos muito íntimos, sobre possíveis êxitos ou perigos, etc., sempre cobertas pelo traje do simbolismo.

Descobrir tal ou qual símbolo astral, cena ou figura, com o propósito de extrair a ideia essencial, somente é possível através “da meditação do Ser, lógica e comparativamente”.

Ao chegarmos a esta etapa da disciplina da Yoga do Sonho, torna-se indispensável entrarmos no aspecto Tântrico da questão. A Sabedoria Antiga

ensina que Tonantzin (Devi Kundalini), nossa Divina Mãe Cósmica particular (pois cada pessoa tem a sua), pode adotar qualquer forma, pois é a origem de todas as formas; portanto, convém que o Gnóstico medite sobre ela antes de adormecer.

O aspirante deverá entrar diariamente no processo do sono repetindo, com muita Fé, a seguinte oração: “Tonantzin, Teteoinan, ó Minha Mãe, vinde a mim, vinde a mim”.

Segundo a Ciência Tântrica, se o Gnóstico insistir nesta prática, mais cedo ou mais tarde haverá de surgir como por encanto, dentre as expressões cambiantes e amorfas de seus sonhos, um elemento iniciador.

Enquanto não for completamente identificado esse iniciador, é indispensável continuar registrando seus sonhos no caderno ou bloco. O estudo e a análise profundos de cada sonho anotado é impostergável na disciplina esotérica do sonho Tântrico. É evidente que o processo didático haverá de nos conduzir à descoberta do iniciador ou elemento unificador do sonho.

O Gnóstico sincero que chega a esse estágio da disciplina tântrica, encontra-se, justamente por este motivo, pronto para dar o passo seguinte, que será o tema do nosso próximo capítulo.

CAPÍTULO 19 - PRÁTICA DO RETORNO

Quando o aspirante realizou com pleno êxito todos os exercícios Gnósticos relacionados com o esoterismo do sonho, é claro que se encontra intimamente preparado para a “Prática do Retorno”.

No capítulo anterior dissemos algo sobre o elemento iniciador que surge como por encanto dentre as cambiantes e amorfas expressões de seus sonhos.

Certas pessoas muito Psíquicas, sensíveis e impressionáveis, possuíram sempre em si mesmas o elemento iniciador.

Essas pessoas caracterizam-se pela repetição contínua de um mesmo sonho; revivem periodicamente essa ou aquela cena, ou vêem constantemente em suas experiências oníricas essa ou aquela criatura ou símbolo.

Toda vez que o elemento iniciador — símbolo, som, cor, pessoa, etc. —, é lembrado no despertar do sono normal, o aspirante, ainda com os olhos fechados, continua vendo a imagem-chave familiar e imediatamente, de maneira intencional, tratará de dormir de novo, prosseguindo com o mesmo sonho.

Diremos, com outras palavras, que o aspirante propõe-se a voltar consciente de seu próprio sonho e, por isso, continua intencionalmente com o mesmo, mas trazendo-o para o estado de vigília, com plena lucidez e auto-controle.

Converte-se assim em expectador e ator do sonho, com a vantagem, por certo nada desprezível, de poder abandonar a cena à vontade, a fim de mover-se livremente no mundo astral. O aspirante, liberto então de todas as travas da carne, fora de seu corpo físico, acha-se desprendido do seu velho e familiar ambiente, penetrando em um universo regido por leis diferentes.

A Disciplina do Estado de Sonho dos tântricos budistas conduz didaticamente ao Despertar da Consciência.

O Gnóstico só poderá despertar o Estado Verdadeiro de Iluminação mediante a compreensão e a desintegração de sonhos.

As Sagradas Escrituras do Hindustão afirmam de maneira formal que o Mundo inteiro é o Sonho de Brahmâ.

A partir deste postulado hindu, afirmaremos categoricamente o seguinte: “Quando Brahmã desperta, o Sonho acaba..”.

Mas, enquanto o aspirante não conseguir a dissolução radical, não só dos sonhos em si mesmos, como também dos motivos psicológicos que os provocam, o Despertar Absoluto ser-lhe-á impossível.

O despertar definitivo da consciência só é possível mediante uma transformação radical.

Os Quatro Evangelhos cristãos insistem na necessidade do despertar; lamentavelmente, as pessoas continuam adormecidas.

Quetzalcoatl, o Cristo Mexicano, foi, evidentemente, um homem cem por cento desperto.

A multiplicidade de suas funções também nos indica com absoluta precisão a grande antiguidade de seu culto e a profunda veneração que lhe era dedicada em toda a mesoamérica. Os Deuses Santos de Anahuac são Homens Perfeitos no sentido mais completo da palavra; criaturas absolutamente despertas; Seres que erradicaram de sua Psique toda possibilidade de sonhar.

Tlaloc, “o que faz brotar”, Deus das chuvas e do raio, sendo um Deus, também é um homem desperto, alguém que teve de eliminar de sua Psique não só seus sonhos, como também toda possibilidade de sonhar.

Ele é a principal Entidade Sagrada da antiquíssima cultura olmeca, e aparece sempre com a máscara do Tigre- Serpente nos machados colossais e nas diversas figuras de jade.

Texcatlipoca e Huitzilopochtli, Criaturas do Fogo, vivas representações da noite e do dia, também são homens despertos, seres que conseguiram passar mais além dos sonhos.

Fora do Corpo Físico, o homem desperto pode invocar os Deuses Santos dos astecas, maias, zapotecas, toltecas e outros.

Os Deuses dos códices Bórgia, Borbônico e outros vêm ao chamado do homem desperto.

Mediante o auxílio dos Deuses Santos, o homem desperto pode estudar, na Luz Astral, a Doutrina Secreta de Anahuac.

CAPÍTULO 20 - AS QUATRO BEM-AVENTURANÇAS

No capítulo anterior, falamos bastante sobre o elemento iniciador do sonho, e é óbvio que só nos resta agora aprender a usá-lo.

Quando o Gnóstico tem um registro de seus sonhos, descobre, sem dúvida, o sonho que se repete sempre. Este, entre outros, é certamente um motivo mais do que suficiente para anotar todos os sonhos no caderno ou no bloco.

A experiência onírica sempre repetida é, inquestionavelmente, o elemento iniciador que, utilizado com inteligência, nos conduz ao despertar da consciência.

Toda vez que o Místico, deitado na sua cama, adormece intencionalmente, meditando no elemento iniciador, o resultado nunca se faz esperar muito: em geral, o Anacoreta revive conscientemente tal sonho, podendo separar-se da cena à vontade para viajar pelos Mundos Suprassensíveis.

Qualquer outro sonho pode também ser usado com esse propósito, quando conhecemos realmente a técnica.

Quem desperta de um sonho, se for de seu desejo, pode prosseguir com ele mesmo intencionalmente; neste caso, deve adormecer outra vez, revivendo sua experiência onírica com a imaginação.

Não se trata de imaginar que estamos imaginando; o fundamental consiste em reviver o sonho com todo o seu cru realismo anterior.

Repetir intencionalmente o sonho é o primeiro passo em direção ao despertar da consciência; separar-se à vontade do sonho e em pleno Drama, é o segundo passo.

Alguns aspirantes conseguem dar o primeiro passo, mas falta-lhes força para dar o segundo passo.

Essas pessoas podem e devem ajudar-se por meio da técnica da meditação. Tomando decisões muito sérias, esses devotos praticarão a meditação antes de entregarem-se ao sono. Neste caso, seu problema íntimo será o tema evidente de concentração e auto-reflexão na meditação interior profunda.

Durante esta prática, o místico angustiado, cheio de emoção sincera, invoca sua Divina Mãe Tonantzin... (Devi Kundalini.)

Derramando lágrimas de dor, o asceta Gnóstico lamenta-se do estado de inconsciência em que se encontra e implora a ajuda rogando à sua Mãe que lhe dê forças interiores para desprender-se de qualquer sonho à vontade.

A finalidade de toda esta disciplina do sonho tântrico é preparar o discípulo para reconhecer claramente as quatro bem-aventuranças que se apresentam na experiência onírica.

Esta disciplina esotérica é tão somente para pessoas muito sérias, pois exige infinita paciência e enormes super-esforços íntimos.

Muito se fala no Mundo Oriental sobre as Quatro Luzes do Sonho e nós devemos estudar esta questão.

A primeira delas é chamada “A Luz da Revelação”, e escrito está com letras de ouro no Livro da Vida que ela é percebida justamente antes ou durante as primeiras horas do sonho.

Cumprir dizer formal e diretamente que a indesejável mistura de impressões residuais e a corrente habitual de pensamentos discriminatórios felizmente vão se dissolvendo lentamente à medida que o sonho se torna mais profundo.

Nesse estágio do sonho, insinua-se progressivamente a Segunda Iluminação, a que se conhece na Ásia com o nome maravilhoso de “Luz do Aumento”.

Evidentemente, o Asceta Gnóstico, mediante a extraordinária disciplina do Sonho Tântrico, logra passar muito mais além desta etapa até captar ou apreender completamente as duas luzes restantes.

Vivenciar distintamente o realismo cru da vida prática nos Mundos Superiores de Consciência Cósmica, significa ter atingido a Terceira Luz, a da “Realização Imediata”.

A Quarta Luz é a da “Iluminação Interior Profunda” e nos advém como por encanto em plena experiência mística.

Um tratado tibetano declara: “Aqui, no Quarto Grau do Vazio, mora o Filho da Mãe Luz Diáfana”.

Falando franca e diretamente, declaro o seguinte: “a disciplina do sonho tântrico é, na realidade, uma preparação esotérica para esse sonho final que chamamos Morte”.

Tendo morrido muitas vezes durante a noite, o Gnóstico anacoreta que tenha apreendido conscientemente as Quatro Bem-Aventuranças que se apresentam na experiência Onírica, no momento da desencarnação passa ao estado “postmortem” com a mesma facilidade com que entra voluntariamente no Mundo do Sonho.

Fora do Corpo Físico, o Gnóstico Consciente pode verificar, por si mesmo, o destino que está reservado às Almas além da Morte.

Se toda noite, mediante a Disciplina Tântrica do Sonho, o esoterista pode morrer conscientemente e penetrar no Mundo dos Mortos, é claro que pode também, por este motivo, estudar o Ritual da Vida e da Morte enquanto chega o oficiante.

Hermes, depois de ter visitado “Os Mundos Infernos”, onde vira com horror o destino das Almas Perdidas, conheceu coisas insólitas.

Disse Osíris a Hermes: “Olhe deste lado. Vês aquele enxame de Almas que busca elevar-se à região lunar? Umas são devolvidas à terra, como torvelinhos de pássaros sob os golpes da tempestade. As outras alcançam com grandes adejos a esfera superior, que as arrasta em sua rotação. Uma vez ali chegadas, recobram a visão das coisas Divinas”.

Os astecas colocavam um galho seco quando enterravam os que haviam sido escolhidos por Tlaloc, o Deus da chuva.

Dizia-se que quando o bem-aventurado chegava ao “Campo de Delícias”, que é o Tlalocan, o galho seco reverdecia, indicando com isso o regresso a uma nova vida, o retorno.

Aqueles que não foram escolhidos pelo Sol ou por Tlaloc vão fatalmente ao Mictlan, situado ao Norte, região onde as Almas sofrem uma série de provas Mágicas ao passarem para os “Mundos Infernos”.

São nove os lugares onde as Almas sofrem espantosamente antes de alcançarem o descanso definitivo.

Isto faz-nos lembrar os “Nove Círculos Infernais” da Divina Comédia de Dante Alighieri.

São muitos os Deuses e Deusas que povoam os Nove Círculos Dantescos do Inferno asteca. Lembramos o espantoso “Mictlantecuhtli” e a tenebrosa “Mictecacihuatl”, o Senhor e a Senhora do Inferno, habitantes do nono ou mais profundo dos lugares subterrâneos.

As Almas que passam pelas provas do “Inferno Asteca”, depois da Segunda Morte, entram felizes nos Paraísos Elementais da Natureza.

É inegável que as Almas que, depois da Morte, não descem aos “Mundos Infernos”, nem tampouco ascendem ao “Reino da Luz Dourada”, nem ao “Paraíso de Tlaloc”, ou ao “Reino da Concentração”, etc., regressam ou retornam de modo mediato ou imediato a um novo Corpo Físico.

As Almas eleitas pelo Sol ou por Tlaloc gozam muito nos Mundos Superiores antes de retornarem ao Vale de SAMSARA.

Os anacoretas Gnósticos, depois de apreenderem as Quatro Luzes do Sonho, podem visitar conscientemente toda noite o “Tlalocan”, ou descerem ao “Mictlan”, ou entrarem em contato com as Almas que, antes de retornarem, vivem na região lunar.



Coatlicue a Deusa mãe que se expressa através da morte.

CAPÍTULO 21 - O ANJO DA GUARDA

Iniciaremos o último capítulo deste livro com a seguinte frase: o primeiro educador de todo Grande iniciado converte-se, de fato e por direito próprio, na causa fundamental de todas as partes espiritualizadas de sua genuína presença comum.

Qualquer Guru agradecido prosterna-se humildemente diante do primeiro criador de seu verdadeiro Ser.

Quando, após muitos trabalhos conscientes e sofrimentos voluntários, revela-se, ante nossos olhos cheios de lágrimas, a absoluta perfeição alcançada no funcionamento de todas as partes espiritualizadas, isoladas, de nossa presença comum, o impulso de gratidão do Ser ao primeiro educador surge em nós.

É evidente que a perfeição absoluta de todas e de cada uma das partes isoladas do Ser só é possível quando morremos radicalmente em nós mesmos, aqui e agora.

Existem diversos estágios de “Auto-realização Interna”; alguns Iniciados conseguiram a perfeição de determinadas partes isoladas do Ser, mas têm de trabalhar muito para atingir a perfeição absoluta de todas as partes.

De modo algum seria possível retratar o Ser; parece um exército de crianças inocentes... cada uma delas exerce determinadas funções; obter a integração total é o maior anelo de todo Iniciado.

Quando se alcança a “Auto-realização Interna” da parte mais elevada do Ser, recebe-se, por isso, o Grau “Ishmesch”.

Nosso Senhor Quetzalcoatl, o Cristo Mexicano, desenvolveu sem dúvida a parte mais elevada de seu próprio Ser.

Cabe lembrar aqui, de forma oportuna, que Xolotl, o Lúcifer náuatle, é também outra das partes isoladas de nosso próprio Ser.

Os Deuses Elementais da Natureza tais como Huehueteotl, Tlaloc, Ehecatl, Chalchiuitlicue — a Cigarra de Tlaloc —, Xochiquetzal, a Deusa das Flores, etc., ajudam o Iniciado em suas operações de Magia Elemental, sob a condição de uma conduta reta.

Porém, jamais devemos esquecer nosso “intercessor elemental”, o Mago Elemental em nós, que pode invocar os Deuses Elementais da Natureza e realizar prodígios, e que é, sem dúvida, outra das partes isoladas de nosso próprio Ser.

Três Deusas, que na realidade são apenas aspectos de uma mesma Divindade, representam nossa Divina Mãe (Variantes ou Derivações de Nosso Próprio Ser): Tonantzin, Coatlicue, Tlazolteotl.

Muitas são as partes isoladas de nosso próprio Ser. Alguém pode encher-se de assombro ao lembrar o Leão da Lei, os dois Gênios que anotam nossas boas e más ações, a Polícia do Karma — parte também de nosso Ser —, o Misericordioso, o compassivo, o nosso Pai-Mãe unidos, o Anjo da Guarda e outras.

Os Poderes Flamígeros do “Anjo da Guarda” são extraordinários, maravilhosos, tremendamente Divinos.

De fontes totalmente Gnósticas, conservadas em segredo nos mosteiros Iniciáticos e que diferem enormemente do Pseudo-Cristianismo e do Pseudo-Ocultismo comuns e correntes, eu conheci realmente o que é o “Anjo da Guarda”.

Chegados ao campo misteriosíssimo da História e da Vida dos Jinas, descobrimos não só o “Templo de Chapultepec” no México e os povos da Quarta Vertical, como também — e isto é assombroso — os poderes do “Anjo da Guarda” em relação a isso tudo.

Convém jamais esquecer que o padre Prado e Bernal Díaz de Castillo entreteriam-se vendo os Sacerdotes de Anahuac em estado de jinas.

Aqueles Anacoretas levitavam inefavelmente quando se transportavam pelos ares desde Cholula até ao Templo Maior; isto ocorria diariamente no crepúsculo.

Jamais tiveram em seus passeios noturnos horizontes mais augustos os Discípulos de Sais no Delta do Nilo, nem os que nas mesetas da Pérsia seguiram Zaratustra, nem os contempladores da Torre de Bei na Babilônia, do que os que sempre tiveram aqueles que se submetem seriamente à disciplina do Sonho Tântrico.

Fora do Corpo Físico, o Anacoreta Gnóstico Consciente pode, se assim o desejar, invocar certa parte isolada de seu próprio Ser, definida em

esoterismo prático pelo nome de “Anjo da Guarda”; com certeza, o inefável virá a seu chamado.

Uma serenidade diáfana, uma tranquilidade sem limites, uma felicidade extática como a que a Alma experimenta ao romper os laços com a matéria e com o mundo, é tudo o que sentimos naqueles momentos de deleite.

O resto, querido leitor, podes deduzir; serviços Mágicos a Lohengrin podemos sempre receber.

Se, nesses momentos de enlevo, pedirmos ao “Anjo da Guarda” o favor de tirar o corpo adormecido de cima da cama, onde o deixamos repousando, e trazê-lo ante nossa presença, realizar-se-á o fenômeno Mágico com pleno êxito.

Presentimos quando o corpo físico já se encontra a caminho, trazido pelo Anjo da Guarda, quando sentimos em nossos ombros anímicos ou astrais uma estranha pressão. Se assumirmos uma atitude receptiva, aberta, sutil, o corpo físico penetrará em nosso interior.

O Tantrista Gnóstico Consciente, em vez de voltar a seu Corpo Físico, espera que este venha a ele, para viajar com o mesmo pela Terra Prometida, na Quarta Vertical.

Depois, com o auxílio do Anjo da Guarda, o Asceta Gnóstico volta para sua casa e cama sem o menor perigo.

Os Veneráveis Mestres da “Fraternidade Oculta” viajam com seu corpo físico pela quarta vertical, podendo deixá-la no lugar em que o desejarem.

Isto significa que os Mestres Ressurrectos da “Ordem Superior” podem dar-se ao luxo — certamente nada desprezível — de renunciar a todos os sistemas modernos de transporte: navios, aviões, automóveis, etc.

O alto valor iniciático que em si mesmos têm os procedimentos crítico-analógicos e simbólicos que nos tempos antigos foram a essência viva daquela escola alexandrina dos filaléteos⁹⁷ ou “amantes da Verdade”, academia sintética do século IV, fundada por Ammonio Saccas, o Grande Eclético autodidata, e por Plotino, o continuador de Platão através dos

⁹⁷ Também filaleteus. Nome dado aos neoplatônicos alexandrinos, também denominados analogistas e teósofos. (N. da T.)

séculos, com princípios Doutrinários do Egito, México, Peru, China, Tibete, Pérsia, Índia, etc., permitiu a muitos Iniciados orientarem-se na Senda do Fio da Navalha.

Merece atenção muito especial a “Androgilia” de Ammonio Saccas, livro de Ouro por excelência.

Não há dúvida de que o erro de muitos pseudo-esoteristas e pseudo-ocultistas modernos está radicado no amor próprio; querem-se a si mesmos; desejam a evolução da miséria que carregam dentro. Desejam continuar, anelam a perfeição daquilo que de modo algum merece perfeição nem continuação.

Essas pessoas de Psique subjetiva acreditam-se ricas, poderosas e iluminadas, e cobiçam, afinal, uma magnífica posição no “Mais Além”, mas, na realidade, desconhecem lamentavelmente sua própria impotência, nulidade, impudência, desventura, miséria Psicológica e nudez.

Nós, gnósticos, não aspiramos ser nem melhores nem piores; só queremos morrer em nós mesmos, aqui e agora.

Quando estabelecemos o “Dogma da Evolução” como fundamento de nossas melhores aspirações, partimos de uma base falsa.

A nós, penitentes da pedregosa senda que conduz à libertação final, não interessa jamais a evolução. Sabemos que somos uns coitados e miseráveis... e a evolução de nada serviria para nós; preferimos a morte suprema; só com a morte advém o novo.

Por que haveríamos de lutar pela evolução e progresso de nossa própria desventura? Melhor é a morte.

Se a semente não morre, a planta não nasce. Quando a morte é absoluta, o que irá nascer é também absoluto.

A aniquilação total do “Mim Mesmo”, a dissolução radical do mais caro que trazemos dentro de nós, a desintegração final de nossos melhores desejos, pensamentos, paixões, ressentimentos, dores, emoções, anseios, ódios, amores, ciúmes, vinganças, cóleras, afetos, apegos, carinhos, luxúria, etc., é urgente, inadiável, impostergável, a fim de que surja a chama do Ser, que não é do tempo, que é sempre novo. A ideia que cada um de Nós tem do Ser jamais é o Ser; o conceito intelectual que sobre o Ser tenhamos elaborado não é o Ser; a opinião sobre o Ser não é o Ser... O Ser é o Ser e a

razão de Ser do Ser é o próprio Ser. O temor à morte absoluta é empecilho, obstáculo, inconveniente, para a obtenção da mudança radical.

Cada um de nós traz em seu íntimo uma criação equivocada; é indispensável destruir o falso para que surja, de verdade, uma criação nova. Jamais intentaríamos promover a evolução do falso; preferimos a aniquilação absoluta.

Da negra e pavorosa fossa sepulcral do abismo surgem as diversas partes flamígeras do Ser; o “Anjo da Guarda” é uma dessas tantas partes isoladas.

Aqueles que conhecem realmente os Mistérios do Templo, reflexo maravilhoso dos Mistérios Báquicos, Eleusínios e Pitagóricos jamais desejarão continuar com sua miséria interior.

Temos que regressar ao ponto de partida original, temos que voltar às trevas primitivas do “Não Ser” e ao “Caos”, para que nasça a luz e surja em nosso interior uma nova criação.

Em lugar de temer a aniquilação total, melhor é saber amar e cair nos braços de nossa Bendita Deusa Mãe-Morte.

Nota Final

MAGNIFICAT ANIMAN MEAN!

Teu destino, querido leitor, jamais será como o dos outros mortais se, depois de teres estudado a fundo este livro, praticares os métodos ou sistemas nele ensinados para o Despertar da Consciência.

Eu poderia ter recorrido, com efeito, para avaliar o que escrevi nestas páginas, aos consabidos escritos medievais, encontrados aqui, ali e acolá, conforme velho expediente literário.

Eu poderia valer-me do recurso do Divino Platão, pondo na boca de Sócrates o que o Sacerdote de Sais outrora contou a Sólon no Delta do Nilo.

Eu poderia apelar, enfim, a outros sortilégios próprios dos relatos mais ou menos Históricos para dar-te mais dados esotéricos, sem faltar aos Sagrados Votos de Sigilo Iniciático, relativos à vida e aos portentosos feitos Gnósticos de Anahuac.

Não é urgente, porém, acrescentar por ora nada mais a este livro; penso que, com Nove Dias de estudo, Meditação, isolamento e Jejum, poderás experimentar diretamente as verdades contidas neste tratado esotérico.